



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LEANDRO VIDAL CARNEIRO

**ASPECTOS LINGUÍSTICOS E SOCIOCULTURAIS DOS NEOLOGISMOS NA
OBRA LITERÁRIA *ESTÓRIAS ABENSONHADAS*, DE MIA COUTO**

FORTALEZA

2022

LEANDRO VIDAL CARNEIRO

ASPECTOS LINGUÍSTICOS E SOCIOCULTURAIS DOS NEOLOGISMOS NA OBRA
LITERÁRIA *ESTÓRIAS ABENSONHADAS*, DE MIA COUTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Linguística, Letras e Artes

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

FORTALEZA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C1a CARNEIRO, Leandro Vidal.
Aspectos linguísticos e socioculturais dos neologismos na obra literária Estórias abensonhadas, de Mia Couto / Leandro Vidal CARNEIRO. – 2022.
145 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.
1. Estórias abensonhadas. 2. neologismos. 3. processos de criação de palavras. 4. aspectos socioculturais. 5. campos semântico-culturais. I. Título.

CDD 410

LEANDRO VIDAL CARNEIRO

ASPECTOS LINGUÍSTICOS E SOCIOCULTURAIS DOS NEOLOGISMOS NA OBRA
LITERÁRIA *ESTÓRIAS ABENSONHADAS*, DE MIA COUTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Linguística, Letras e Artes
Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

Aprovada em: 06/09/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fabrício Paiva Mota
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

À Linguística e à Literatura.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Ceará, pelo lar que me acolhe desde 2012.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela bolsa de auxílio à pesquisa, sem a qual a concretização desta dissertação não teria acontecido.

À Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar, pela orientação e pela confiança na qualidade e na relevância da pesquisa apresentada nesta dissertação.

À Profa. Dra Hebe Macedo de Carvalho, pelo estímulo à pesquisa desde a época da graduação em Letras, pela presença na banca examinadora e pelas valiosas considerações sobre a pesquisa e o texto desta dissertação.

À Profa. Dra Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, pelo brilhantismo e entusiasmo no ensino do Léxico, compartilhados ao longo de todo o curso de Mestrado, e pelo parecer sobre esta dissertação para a avaliação na disciplina *Seminários de Pesquisa I*.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, pela competência e pela ética no trabalho de reflexão e construção do conhecimento.

À Profa. Dra. Fernanda Suely Muller, amiga e colega de trabalho, pelo encorajamento desde a época da graduação em Letras, pela parceria em pesquisas, que fortaleceram a minha formação acadêmica, e pelo apoio humano quando necessitei.

Aos que me acompanharam, aos que me guiaram e aos que acreditaram em mim.

Obrigado!

Toda a estória se quer fingir verdade. Mas a palavra é um fumo, leve de mais para se prender na vigente realidade. Toda verdade aspira ser estória. Os factos sonham ser palavra, perfumes fugindo do mundo. Só na mentira do encantamento a verdade se casa à estória. (COUTO, 2012, p. 47)

RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa que teve por escopo analisar as formas e os sentidos dos neologismos contidos na obra literária *Estórias abensonhadas*, do escritor moçambicano Mia Couto. O processo investigativo detectou todos os neologismos presentes na obra, classificou-os sob o ponto de vista de sua configuração lexical, analisou os seus sentidos no contexto linguístico da obra e interpretou os seus sentidos na dimensão sociocultural de produção da obra. O trabalho fundamentou-se nos conceitos teóricos e metodológicos da Lexicologia (ALVES, 2006, 1996; BARBOSA, 2007, 1996; BASÍLIO, 2010; BIDERMAN, 2001, 1999; CABRÉ, 2004; CORREIA; ALMEIDA, 2012) para a constituição do *corpus* de extração e do *corpus* de exclusão, composto pelo *Dicionário online Priberam* e pelo *Vocabulário Ortográfico Moçambicano da Língua Portuguesa*, e para a classificação dos neologismos. Fundamentou-se nas premissas da Semântica de Contextos e Cenários (FERRAREZI JÚNIOR, 2019, 2018) para a análise dos neologismos nos contextos linguístico e sociocultural de produção e a formulação e delimitação dos campos semântico-culturais que esses neologismos compõem. Contou ainda com aportes advindos da Sociolinguística (CALVET, 2002; CAMACHO, 2013) e da Etnolinguística (CAMACHO, 2018; COSERIU, 1981). Foram detectados 366 neologismos formados por diversos processos de criação de palavras já sedimentados na tradição da descrição linguística, como derivação, composição, truncamento, cruzamento vocabular e fusão vocabular. Contudo, a particularidade dos dados demandou uma proposta de definição e classificação de três novos tipos de processo de criação lexical: a *desafixação*, a *inserção intralexical* e a *substituição intralexical*. Estes dois últimos termos definem neologismos formados com base em unidades lexicais das quais compartilham os sentidos costumeiros e os especializam em situações comunicativas particulares. A análise evidenciou que os neologismos impregnam de efeitos expressivos e estilísticos os textos nos quais figuram, mas também denotam realidades socioculturais de um país em reconstrução. A linguagem empregada naquela obra literária tem função denotativa para expor uma realidade histórica e uma realidade construída conforme a visão de mundo do homem moçambicano. Nesse sentido, os neologismos compõem diversos campos semântico-culturais que dizem respeito a *acontecimentos, atitude, atividades, corpo, estados psicológicos, espaço, imaginário, identidade e memória, natureza, relações sociais, seres, status social e tradição*.

Palavras-chave: *Estórias abensonhadas*; neologismos; processos de criação de palavras; aspectos socioculturais; campos semântico-culturais.

ABSTRACT

In this thesis, we present the results of a research aimed at analyzing the forms and meanings of neologisms contained in the novel *Estórias abensonhadas*, by the Mozambican writer Mia Couto. We extracted all the occurrences of neologisms from the novel, classified them according to their lexical configuration, analyzed their meanings in the linguistic context and interpreted these meanings considering the sociocultural dimension of the work's production. The compilation of the extraction *corpus* and the exclusion *corpus*, the latter composed by the *Dicionário online Priberam* and the *Vocabulário Ortográfico Moçambicano da Língua Portuguesa*, was designed according to the theoretical and methodological concepts of Lexicology (ALVES, 2006, 1996; BARBOSA, 2007, 1996; BASÍLIO, 2010; BIDERMAN, 2001, 1999; CABRÉ, 2004; CORREIA; ALMEIDA, 2012), as well as the classification of neologisms. In addition, we based the analysis of neologisms in the linguistic and sociocultural contexts of production and the formulation and delimitation of the semantic-cultural fields that these neologisms comprise on the premises of Semantics of Contexts and Scenarios (FERRAREZI JÚNIOR, 2019, 2018), Sociolinguistics (CALVET, 2002; CAMACHO, 2013) and Ethnolinguistics (CAMACHO, 2018; COSERIU, 1981). We detected 366 neologisms formed by different word-formation processes established in linguistic tradition, such as derivation, compounding, truncation, lexical crossing and lexical blending. However, the particularity of the data demanded a proposal to define and classify three new types of word-formation processes: *detachment*, *intralexical insertion* and *intralexical substitution*. These last two terms define neologisms formed on the basis of lexical units which share the usual meanings and specialize them in particular communicative situations. The analysis showed that neologisms attribute to the texts expressive and stylistic effects in the contexts that they occur, but also denote sociocultural realities of a country experiencing a process of reconstruction. The language used in the novel has a denotative function to expose a historical reality and a reality built according to the perspective of the Mozambican man. In this sense, neologisms are part of several semantic-cultural fields related to *events*, *attitude*, *activities*, *body*, *space*, *humans*, *imagination*, *identity and memory*, *nature*, *psychological*, *social relations*, *social status* and *tradition*.

Keywords: *Estórias abensonhadas*; neologisms; word formation process; sociocultural aspects; semantic-cultural fields.

RIASSUNTO

Questa tesi di master presenta i risultati di una ricerca che si prefiggeva di analizzare le forme e i significati dei neologismi nell'opera letteraria *Estórias abensonhadas*, dello scrittore mozambicano Mia Couto. L'indagine ha individuato tutti i neologismi presenti in quell'opera, li ha classificati dal punto di vista della loro configurazione lessicale, ne ha analizzato i significati nel contesto linguistico dell'opera e ne ha interpretato i significati nella dimensione socioculturale della produzione dell'opera. Il lavoro si è basato sull'approccio teorico e metodologico della Lessicologia (ALVES, 2006, 1996; BARBOSA, 2007, 1996; BASÍLIO, 2010; BIDERMAN, 2001, 1999; CABRÉ, 2004; CORREIA; ALMEIDA, 2012) per la costituzione del *corpus* di estrazione e del *corpus* di esclusione, composto dal *Dicionário online Priberam* e dal *Vocabulário Ortográfico Moçambicano da Língua Portuguesa*, e per la classificazione dei neologismi. Si è basata sulle premesse della Semantica di Contesti e di Scenari (FERRAREZI JÚNIOR, 2019, 2018) per l'analisi dei neologismi nei contesti linguistici e socioculturali di produzione e la formulazione e delimitazione dei campi semantico-culturali che questi neologismi comprendono. Inoltre, ha avuto dei contributi dalla Sociolinguistica (CALVET, 2002; CAMACHO, 2013) e dall'Antropolinguistica (CAMACHO, 2018; COSERIU, 1981). È stato ricavato un campione di 366 neologismi, formati da diversi processi di formazione di parole già sedimentate nella tradizione linguistica, come derivazione, composizione, troncamento, amalgama, *blending*. Tuttavia, la particolarità dei dati richiedeva una proposta per definire e classificare tre nuovi tipi di processi di formazione di parole: *disaffissazione*, *sostituzione intralessicale* e *inserzione intralessicale*. Questi due termini definiscono neologismi formati sulla base di unità lessicali che condividono i significati abituali e li specializzano in particolari situazioni comunicative. L'analisi ha mostrato che i neologismi impregnano i testi in cui compaiono di effetti espressivi e stilistici, ma denotano anche realtà socioculturali di un Paese in ricostruzione. Il linguaggio utilizzato in quell'opera letteraria ha una funzione denotativa per esporre una realtà storica e una realtà costruita secondo la visione del mondo dell'uomo mozambicano. In questo senso, i neologismi costituiscono diversi campi semantico-culturali che riguardano *eventi*, *atteggiamento*, *attività*, *corpo*, *spazio*, *immaginazione*, *identità e memoria*, *natura*, *relazioni sociali*, *stati psicologici*, *tradizione*, *esseri e status sociale*.

Parole Chiave: *Estórias abensonhadas*; neologismi; processi di creazione di parole; aspetti socioculturali; campi semantico-culturali.

RESUMEN

Esta disertación presenta los resultados de una investigación que tuvo como objetivo analizar las formas y los significados de los neologismos encerrados en la obra *Estórias abensonhadas*, del escritor mozambiqueño Mia Couto. El proceso investigativo detectó todos los neologismos presentes en la obra, los clasificó desde el punto de vista de su configuración léxica, analizó sus sentidos en el contexto lingüístico de la obra e interpretó sus sentidos en la dimensión sociocultural de la producción de la obra. El trabajo se basó en los conceptos teóricos y metodológicos de la Lexicología (ALVES, 2006, 1996; BARBOSA, 2007, 1996; BASÍLIO, 2010; BIDERMAN, 2001, 1999; CABRÉ, 2004; CORREIA; ALMEIDA, 2012) para la constitución del corpus de extracción y el corpus de exclusión, compuesto por el Diccionario Priberam Online y el Vocabulario Ortográfico Mozambiqueño de la Lengua Portuguesa, y para la clasificación de los neologismos. Se apoyó en las premisas de la Semántica de Contextos y Escenarios (FERRAREZI JÚNIOR, 2019, 2018) para el análisis de los neologismos en los contextos lingüísticos y socioculturales de producción y la formulación y delimitación de los campos semántico-culturales que ellos comprenden. Contó incluso con aportes de la Sociolingüística (CALVET, 2002; CAMACHO, 2013) y de la Etnolingüística (CAMACHO, 2018; COSERIU, 1981). Se detectaron un total de 366 neologismos, formados por diferentes procesos de creación de palabras tradicionales, como derivación, composición, truncamiento, amalgama y fusión de palabras. Sin embargo, la particularidad de los datos exigió una propuesta de definición y clasificación de tres nuevos tipos de proceso de creación léxica: desprendimiento, sustitución intraléxica e inserción intraléxica. Estos últimos dos términos definen neologismos formados a base de unidades léxicas con las que comparten los sentidos habituales y los especializan en situaciones comunicativas particulares. El análisis evidenció que los neologismos impregnan los textos en los que aparecen con efectos expresivos y estilísticos, pero además denotan realidades socioculturales de un país en reconstrucción. El lenguaje utilizado en esa obra literaria tiene una función denotativa para exponer una realidad histórica y una realidad construida según la cosmovisión del hombre mozambiqueño. Por lo tanto, los neologismos componen varios campos semántico-culturales con respecto a acontecimientos, actitud, actividades, cuerpo, estados psicológicos, espacio, imaginación, identidad y memoria, naturaleza, relaciones sociales, seres, estatus social y tradición.

Palabras-Claves: *Estórias abensonhadas*; neologismos; procesos de creación de palabras; aspectos socioculturales, campos semántico-culturales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Exemplo de ficha neológica.....	56
Figura 2 – Exemplo de ficha semântico-cultural.....	59
Gráfico 1 – Número de ocorrências de processos neológicos na obra <i>Estórias abensonhadas</i>	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia dos campos semântico-culturais.....	58
Quadro 2 – Unidades neológicas formadas por processos de difícil classificação.	60
Quadro 3 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Nas águas do tempo</i>	67
Quadro 4 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>As flores de Novidade Castigo</i>	71
Quadro 5 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O cego Estrelinho</i>	75
Quadro 6 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Na esteira do parto</i>	79
Quadro 7 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O perfume</i>	82
Quadro 8 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O calcanhar de Virigílio</i>	84
Quadro 9 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Chuva: a abensonhada</i>	85
Quadro 10 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O cachimbo de Felizbento</i>	87
Quadro 11 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O poente da bandeira</i>	89
Quadro 12 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Noventa e três</i>	91
Quadro 13 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Jorojão vai embalando lembranças</i>	93
Quadro 14 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Pranto de coqueiro</i>	96
Quadro 15 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>No rio, além da curva</i>	98
Quadro 16 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O abraço da serpente</i>	102
Quadro 17 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Sapatos de tacão alto</i>	105
Quadro 18 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Os infelizes cálculos da Felicidade</i>	108
Quadro 19 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Joaotónio, no enquanto</i>	110
Quadro 20 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Os olhos fechados do diabo do advogado</i>	113
Quadro 21 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>A guerra dos palhaços</i>	114
Quadro 22 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>Lenda de Namarói</i>	116
Quadro 23 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>A velha engolida pela pedra</i>	117
Quadro 24 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O bebedor do tempo</i>	118
Quadro 25 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O padre surdo</i>	121
Quadro 26 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O adivinhador das mortes</i>	122
Quadro 27 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>O adeus da sombra</i>	124
Quadro 28 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto <i>A praça dos adeuses</i>	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 Linguagem e língua	20
2.2 Linguagem, língua e sociedade	21
2.3 Linguagem, língua, sociedade e cultura	25
2.4 Lexicologia.....	30
2.5 Neologia e neologismo	33
2.5.1 <i>Tipologia dos neologismos</i>	36
2.5.1.1 <i>Processos formacionais de criação de palavras</i>	37
2.5.1.1.1 Fonológico	37
2.5.1.1.2 Sintático	37
2.5.1.2 <i>Processos deformacionais de criação de palavras</i>	40
2.5.1.3 <i>Processos semânticos de criação de palavras</i>	44
2.5.1.4 <i>Importação de palavras</i>	45
2.6 A Semântica de Contextos e Cenários	45
2.6.1 Os campos semântico-culturais	48
2.7 Discurso literário e a obra <i>Estórias abensonhadas</i> , de Mia Couto	50
3 METODOLOGIA	54
3.1 Método de abordagem e tipo de pesquisa.....	54
3.2 Delimitação do universo e da amostra	54
3.3 Procedimento de coleta de dados	55
2.4 Procedimento de análise dos dados.....	56
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	60
4.1 Processos neológicos de difícil classificação	60
4. 2 Unidades lexicais neológicas formadas por processos contemplados pela tradição..	63
4.3 Os neologismos em <i>Estórias abensonhadas</i>	66
4.3.1 <i>Neologismos no conto Nas águas do tempo</i>	67
4.3.2 <i>Neologismos no conto As flores de Novidade Castigo</i>	71
4.3.3 <i>Neologismos no conto O cego Estrelinho</i>	75
4.3.4 <i>Neologismos no conto Na esteira do parto</i>	79
4.3.5 <i>Neologismos no conto O perfume</i>	82
4.3.6 <i>Neologismos no conto O calcanhar de Virgílio</i>	84

4.3.7 Neologismos no conto Chuva: a abensonhada.....	85
4.3.8 Neologismos no conto O cachimbo de Felizbento	87
4.3.9 Neologismos no conto O poente da bandeira.....	89
4.3.11 Neologismos no conto Jorojão vai embalando lembranças.....	93
4.3.12 Neologismos no conto Pranto de coqueiro.....	95
4.3.13 Neologismos no conto No rio, além da curva.....	98
4.3.14 Neologismos no conto O abraço da serpente	102
4.3.15 Neologismos no conto Sapatos de tacão alto.....	105
4.3.16 Neologismos no conto Os infelizes cálculos da Felicidade.....	108
4.3.17 Neologismos no conto Joatônio, no enquanto.....	110
4.3.18 Neologismos no conto Os olhos fechados do diabo do advogado.....	113
4.3.19 Neologismos no conto A guerra dos palhaços.....	114
4.3.20 Neologismos no conto Lenda de Namarói.....	116
4.3.21 Neologismos no conto A velha engolida pela pedra	117
4.3.22 Neologismos no conto O bebedor do tempo.....	118
4.3.23 Neologismos no conto O padre surdo.....	120
4.3.24 Neologismos no conto O adivinhador das mortes	122
4.2.25 Neologismos no conto O adeus da sombra.....	124
4.3.26 Neologismos no conto A praça dos adeuses	127
4.4 Discussão sobre os resultados	128
4 CONCLUSÕES.....	133
REFERÊNCIAS	138

1 INTRODUÇÃO

Estas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta.
(COUTO, 2012, p. 5).

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa que teve por escopo analisar as formas e os sentidos dos neologismos presentes na obra literária *Estórias abensonhadas*, do escritor moçambicano Mia Couto, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Lexicologia em acordo com as premissas da Semântica de Contextos e Cenários. O processo investigativo tratou de identificar todos os neologismos presentes na obra, classificá-los do ponto de vista de sua constituição morfológica e lexical, analisar os seus sentidos no contexto linguístico da obra e interpretar os seus sentidos na dimensão sociocultural de produção da obra, contando, para isso, com a colaboração de outros estudos linguísticos, literários, sociológicos, culturais e históricos.

O interesse por esse objeto credita-se ao fato de a palavra ser a pedra de toque da linguagem humana, pois é a partir dela que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem. Nesse sentido, a palavra é tanto criadora quanto transmissora da realidade que circunda o homem como ser antropológico. Porque é central na linguagem, a palavra está no centro da comunicação humana, e o homem a emprega para falar de si e da realidade na qual se insere. Como objeto científico, a palavra pode ser perquirida sobre os mais diversos e facetados ângulos, seja em seus aspectos propriamente formais, morfológicos e sintáticos, quanto em seus aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos. De modo particular, podem-se também investigar os processos linguísticos de criação das palavras, assim como podem-se investigar os processos socioculturais que motivam a criação de determinadas palavras. Em uma empreitada deste tipo, unem-se os saberes tradicionais e nucleares da Linguística e os saberes de outras ciências, como a Antropologia e os Estudos Culturais. A neologia lexical, entendida como o estudo das palavras novas em uma língua, busca analisar, entender e descrever os aspectos envolvidos no processo de criação de palavras em uma determinada língua, sejam aqueles intrínsecos ao próprio sistema linguístico sejam aqueles externos a ele.

Nesse sentido, escolhemos para uma investigação sobre os neologismos em língua portuguesa uma obra literária de Mia Couto porque toda a fortuna crítica sobre este autor destaca a sua majestosa habilidade linguística e a sua profícua inventabilidade lexical. De fato,

a neologia e os neologismos se constituem um dos aspectos distintivos da literatura de Mia Couto e já foram objetos de diversas pesquisas linguísticas.

No conjunto de trabalhos que o fizeram, encontra-se o de Carvalho (2008), que utilizou exemplos de neologismos formados por fusão vocabular encontrados nas obras de Mia Couto, tratando-a como um processo particular de composição, para realizar um estudo sobre formação de palavras em língua portuguesa. A análise dos exemplos do *corpus*, constituído por 106 inovações lexicais selecionadas em onze obras do autor moçambicano, teve como objetivo investigar as propriedades morfológicas do processo linguístico em foco, detalhando a sua produtividade e outras especificidades no âmbito da norma. O trabalho focou, portanto, o processo, colocando o produto à margem.

Souza (2014) fez uma análise formal dos neologismos criados por Mia Couto na obra *Fio de Missangas* para investigar a formação de palavras na língua portuguesa sob a ótica da Morfologia Distribuída. Este trabalho contemplou unicamente o processo, descartando o produto até mesmo de um segundo plano de interesse. Completam o *corpus* de novas unidades lexicais exemplos retirados de obras de mais dois escritores, o angolano Ondjaki e o brasileiro Dias Gomes.

Nunes (2003) realizou um estudo morfossintático dos aspectos da reutilização de prefixos nas obras *Mar me quer*, *Vinte e zinco*, *O último voo do flamingo* e *Na berma de nenhuma estrada e outros contos*. Para isto, utilizou pressupostos teóricos da Morfologia baseada em regras de formação de palavras. A autora afirma que o seu trabalho não tratou de neologismos porque, na sua concepção, as palavras não são criadas para preencher vazios lexicais, mas para conferir ao texto maior expressividade e emprestar à leitura um caráter lúdico. Como o seu objetivo eram as demarcações dos vocábulos dentro do sistema da língua portuguesa, não distinguiu a variedade lusitana da variedade moçambicana. Em trabalho posterior, Nunes e Coimbra (2007) investigaram o valor metafórico das amálgamas nas obras de Mia Couto. Tendo encontrado mais de cem exemplos nas obras *Mar me quer*, *Vinte e Zinco*, *O Último Voo do Flamingo* e *Na berma de nenhuma estrada e outros contos*, as autoras concluíram que as palavras criadas nestas obras são carregadas de expressividade, que podem exprimir desde carinho e afeto até ironia e desprezo. Segundo as autoras, se fossem amplamente divulgadas, tais criações poderiam fixar-se no léxico da língua portuguesa devido ao caráter expressivo e condensador de ideias que possuem.

Pela Universidade de Zagreb, na Croácia, Vukovač (2017) desenvolveu uma pesquisa cujo objetivo era analisar os neologismos encontrados nas obras *A varanda do frangipani* e *Terra sonâmbula*, para compará-los com uma tradução croata destas obras e, se

necessário, refletir sobre as soluções alternativas para a tradução dos neologismos encontrados. A pesquisa tratava, portanto, de questões linguísticas atinentes aos processos de criação lexical e de tradução translingual, considerando também os problemas da tradução cultural. A autora conclui que, para que um leitor croata compreenda efetivamente a obra de Mia Couto, deve primeiro compreender os neologismos presentes nelas, pois a partir deles pode ter uma percepção mais profunda do universo cultural moçambicano. Vukovač (2017) afirma que a língua de Mia Couto e a maneira como ele a expressa é desconhecida ao leitor croata, pois a literatura de língua croata não possui um escritor de referência que tenha usado uma linguagem impregnada de neologismos com a mesma profundidade que Mia Couto tem feito no sistema literário de língua portuguesa. A autora defende que esta escassez se deve às diferenças culturais e históricas entre Croácia e Moçambique.

Sob outra perspectiva, o ensaio de Carneiro (2016) apontou que o trabalho inventivo e (re)criador das palavras tem, no romance *A varanda do frangipani*, importância crucial, pois é através delas, das suas nuances expressivas, dos seus significados e dos seus sentidos, que as suas personagens tomam voz como narradores e transmitem suas emoções, seus estados de alma, seus estados físicos, ou mesmo as usam para falar do outro. Esse trabalho analisou 21 neologismos de diversos tipos na obra mencionada e identificou ainda a presença de 112 neologismos morfológicos da classe verbal, para os quais sugeriu uma investigação futura.

Cavacas (2006), por sua vez, aponta que a novidade do discurso coutiano advém de uma conjugação de aspectos, como a forma oralizante, a organização sintática, os diversos recursos estilísticos e o léxico. Para a autora, o caráter inovador do discurso de Mia Couto teria suas causas no contexto linguístico e sociocultural moçambicano, marcados pela pluralidade. Nesta perspectiva, as transformações operadas na língua portuguesa por Mia Couto teriam uma dimensão mimética, de representação da fala daqueles que fazem um uso precário do português como língua segunda e de representação do contexto multilíngue e multicultural moçambicano, na medida em que inscreve elementos de línguas bantu no português. Traços de oralidade também seriam índices das tradições africanas, afetando o discurso em vários níveis, inclusive o lexical, posto que a oralidade seria marcada por uma espécie de movência, de mobilidade e flexibilidade morfossemântica que se atualizaria na inventividade lexical coutiana.

Conforme a apresentação acima desenvolvida, compreende-se que os trabalhos de Carvalho (2008), Nunes (2003) e Souza (2014) se ocupam apenas dos processos de criação de palavras nas obras de Mia Couto, em uma perspectiva morfológica, concluindo com uma catalogação de formas, sem discussões a respeito dos aspectos neológicos das unidades. O trabalho de Nunes e Coimbra (2007) adentra nos aspectos significativos de um tipo particular

de neologismos, as amálgamas, destacando a riqueza de sentidos metafóricos que tais elementos acrescentam aos textos. O trabalho de Vukovač (2017) está a um meio caminho entre a apresentação de formas e a discussão sobre aspectos neológicos, como contexto sociocultural e linguístico da produção de neologismos, com ênfase sobre as questões tradutológicas.

O trabalho de Carneiro (2016) e o de Cavacas (2006), por sua vez, além de observarem os processos que dão origem às novas unidades lexicais, consideram os neologismos sob uma perspectiva lexicológica, atentando para o contexto sociocultural e linguístico de onde emergem, revelando e interessando-se por questões como estilo, expressividade, expressão mimética da realidade e ressignificação da realidade concebida por meio da linguagem. Todos os trabalhos acima descritos apontam um aspecto característico da produção literária de Mia Couto: a recorrente e, muitas vezes, impactante, subversão do código linguístico operada por meio da criação lexical.

O texto literário interessa aos estudos linguísticos porque é uma manifestação verbal e, como tal, torna-se um registro de uma face da língua, que indicia um *chronos* e um *topos*, além de alguns *strata* e várias *phasis*. O discurso literário é um ato linguístico e, por isso, deve ser tratado também como um gênero distintivo plural que mescla aspectos linguísticos e estilísticos que refletem a ideologia do autor, os aspectos sociais, históricos e culturais do contexto de produção da obra.

Os textos que compõem a obra *Estórias abensonhadas* foram, como bem evidenciado pelo autor, escritos depois da guerra, durante a qual, “*por incontáveis anos, as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique*” (COUTO, 2012, p. 5). A obra em foco foi publicada em 1993, um ano após a firmação do acordo de paz. Mia Couto (2012) diz que as histórias ali contadas lhe surgiram “*entre as margens da mágoa e da esperança*”; da mágoa porque ele acreditava que os resultados da guerra seriam apenas cinzas e destroços; da esperança porque ele viu que “*onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo*” (COUTO, 2012, p. 5). Nesta afirmação, que sabe de poesia, destaca-se a palavra *semente*, que, termo de conhecimento íntimo de Mia Couto¹, deixa transparecer a ideia da geração de uma nova vida, de um novo mundo, de uma nova identidade, em suma, de uma nova realidade para Moçambique, pois, como ele mesmo afirma, as *estórias* falam de um território onde “*nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada*” (COUTO, 2012, p. 5), um território de sonhos, onde todo homem é igual, onde todo homem finge que está, sonhando que vai e inventando que volta (COUTO, 2012).

¹ Mia Couto é de formado em Biologia e já atuou junto à Organização das Nações Unidas (ONU) e à Unesco em ações de preservação ambiental em Moçambique.

A obra *Estórias abensonhadas* se apresenta, portanto, como uma expressão poética dos fatos sociais e históricos que permearam Moçambique durante este período de fecundação e de nascimento de uma nova sociedade, em que o passado, das tradições moçambicanas, e o presente, da reconstrução de Moçambique, se misturam e se confundem, em busca de uma identidade. Deste modo, os textos não pretendem significar coisas novas, mas ressignificar o mundo moçambicano, pois o homem moçambicano sonha que vai em direção a um futuro *abensonhado*, mas também inventa que volta ao seu passado, não aquele de colonizado, mas aquele das estórias, da tradição, da ancestralidade, da memória e da identidade. Como objeto mimético, os textos ali presentes expressam uma verossimilhança com o contexto do qual emergem. A linguagem ali presente migrou de uma situação real de uso para a escrita ficcional, tornando-se, como tal, uma linguagem ficcionalizada, que busca toda a potencialidade da língua portuguesa para expressar uma realidade que não é a sua, que não lhe pertence.

Diante de tudo isso, propusemos uma investigação acerca dos neologismos dessa linguagem, colocando à frente do processo investigativo a seguinte questão: *quais são as características linguísticas e extralinguísticas – sociais, históricas e culturais – dos neologismos empregados nos textos que compõem a obra literária Estórias abensonhadas, de Mia Couto?* Este problema engloba as seguintes questões: *quais são os tipos de processos de formação de palavras responsáveis pela criação desses neologismos? Quais são as características linguísticas dos neologismos presentes nos textos? Os neologismos são oriundos apenas de processos endógenos ou decorrem também de processos exógenos? Quais são as referências extralinguísticas, sociais, históricas e culturais, evidenciadas pelos neologismos?*

A hipótese básica de trabalho consistia na asserção de que os neologismos presentes na obra *Estórias abensonhadas* são motivados pela necessidade de denominar a nova realidade extralinguística a partir da visão de mundo do autor. Essa hipótese se articulava com as seguintes hipóteses secundárias: fatores socioculturais promovem a criação dos neologismos para dar nome a novos objetos e conceitos abstratos; a denominação de novos objetos socioculturais favorece o emprego de neologismos para exprimir atitudes subjetivas em face aos fatos designados; a língua portuguesa empregada nos discursos condiciona a criação de neologismos através de processos característicos, que atendem às regras de formação de palavras desta língua, conforme a literatura especializada; substratos de línguas de contato no cenário socio-histórico-cultural de produção destes discursos favorecem a criação de neologismos formados por processos exógenos; os neologismos possuem sentidos especializados no contexto e no cenário em que são empregados e, portanto, refletem uma visão

particular sobre as transformações sociais, históricas e culturais pelas quais passa Moçambique;

A pesquisa desenvolvida e apresentada nesta dissertação aborda os neologismos em seus aspectos linguísticos e socioculturais, pois consideramos que não basta identificar e rotular uma unidade lexical como neologismo, é necessário investigar quais aspectos socioculturais estão na gênese da criação dessa unidade lexical e verificar quais aspectos socioculturais esses neologismos condensam em si, como rótulos linguísticos para um recorte de uma realidade. Constrói-se, desse modo, um percurso investigativo que busca entender quais aspectos da realidade circunstante estão condensados naquelas unidades linguísticas. A pesquisa tinha como objetivo principal analisar as formas e os sentidos dos neologismos identificados na obra e como objetivos específicos: descrever os tipos de processos de criação lexical que geram os neologismos identificados; classificar os neologismos do ponto de vista da sua constituição linguística; interpretar e compreender os sentidos dos neologismos no contexto linguístico da obra; interpretar e compreender os sentidos dos neologismos na dimensão sociocultural de produção da obra; identificar e determinar os aspectos dos campos semântico-culturais revelados pelos neologismos.

A pesquisa apoiou-se em um embasamento linguístico que buscou promover uma atitude reflexivo-positiva para a compreensão das influências socioculturais na linguagem. Considerando as inter-relações entre língua, cultura e sociedade, a pesquisa acionou uma abordagem que exigiu a colaboração e o cruzamento de saberes oriundos dos pressupostos teóricos da Linguística Geral, da Etnolinguística e da Sociolinguística e de áreas específicas como a Lexicologia, a Semântica e a Morfologia.

Esta dissertação está estruturada em seis partes: este capítulo intitulado *Introdução* e mais cinco capítulos. O capítulo 2, intitulado *Fundamentação teórica*, apresenta os pressupostos teóricos que sustentam os pilares desta pesquisa. O capítulo 3, intitulado *Metodologia*, apresenta os métodos e as técnicas empregadas no processo investigativo. O capítulo 4, intitulado *Análise dos dados e discussão dos resultados*, apresenta uma exaustiva análise dos aspectos linguísticos e socioculturais dos neologismos encontrados na obra *Estórias abensonhadas*, discorrendo também sobre os problemas enfrentados, as escolhas realizadas e soluções efetivadas durante a fase de análise. O capítulo 5, intitulado *Conclusões*, apresenta os resultados da pesquisa e as nossas respostas em relação aos objetivos traçados. O último capítulo, intitulado *Referências*, apresenta os títulos das obras mencionadas ao longo do texto desta dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“O erro da pessoa é pensar que os silêncios são todos iguais. Enquanto não: há distintas qualidades de silêncio.” (COUTO, 2012, p. 23)

O processo de criação de palavras é uma verdade nas culturas e sociedades de todas as épocas, mas os estudos sobre a criatividade lexical ganharam força somente a partir da segunda metade do século XX, movidos pelos estudos pioneiros de Louis Guilbert e Jean-Claude Boulanger sobre os neologismos. Desde então, a dinâmica da criatividade lexical passou a ser foco de muitas pesquisas no campo da Linguística, em especial, nas ciências do léxico: a Lexicologia e a Terminologia; e nas suas correspondentes práticas: a Lexicografia e a Terminografia. O avanço das pesquisas interessou ainda a outros domínios da Linguística, como a Sociolinguística, a Dialetoлогия, a Etnolinguística, a Estilística e a Psicolinguística. Áreas externas à Linguística, mas com a qual mantêm zonas de contato, também se interessam pela criatividade lexical, como a Comunicação e a Tecnologia da Informação.

Esta multiplicidade de olhares acontece porque o léxico é o componente linguístico que reflete de modo imediato a realidade e os processos transformacionais – sociais, políticos, históricos, culturais, econômicos, naturais – pelos quais passam a própria realidade e os falantes de uma língua. Nesse sentido, a fim de delimitar o espaço teórico no qual se situa o trabalho desenvolvido, apresentaremos, ao longo das próximas páginas, os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

2.1 Linguagem e língua

Como ponto de partida, esta pesquisa considera que a linguagem é uma atividade cognoscitiva que se realiza por meio de signos (COSERIU, 1982). Sua essência é, portanto, significar, predicar o mundo, traduzir em língua uma realidade. A linguagem é expressão com significado; mas, na linguagem, o significado é determinante, e a expressão existe pelo significado. Neste sentido, a linguagem é intencional, é criação de significados que podem ser empregados nas interações do homem com outros homens em sua ação no mundo. O significado é a estruturação da experiência humana, percebida e objetivada por meio da linguagem, que pode ser manifestada por meio de sinais linguísticos de um sistema construído por uma sociedade ao longo da sua história, isto é, por meio de uma língua.

As palavras são delimitações intuitivas da capacidade de reportar, por meio da língua, aquilo que a linguagem organizou em signos, e não definições motivadas a partir das coisas, pois “o significado não estrutura coisas externas, mas apenas internas: os objetos da experiência como já ‘conhecidos’, ou seja como conteúdos da consciência humana” (COSERIU, 1982, p. 34). A linguagem se concretiza, portanto, por meio da fala, que se realiza de acordo com uma língua, a qual é uma sistematização de formas historicamente condicionadas, que se codificam em uma situação real de comunicação de um sujeito com um outro. A língua é, deste modo, a soma de todas as possibilidades de fala, é um processo socio-histórico. Neste sentido, uma língua não existe sem as pessoas que a falam: a vida e a história de uma língua é também a vida e a história de seus falantes. Por consequência, a linguagem é eminentemente um fato social, que não existe fora dos indivíduos (CALVET, 2002). Como suporte da dinâmica social, que engloba as relações diárias entre os membros da comunidade e a atividade intelectual, desde os meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica e literária, a língua se distingue como um importante símbolo da identidade de um grupo, agindo como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele se insere.

Assim considerada a relação entre linguagem e língua, a seção a seguir realiza um breve percurso pelos caminhos da Sociolinguística, área da ciência linguística que se ocupa da relação direta entre língua e sociedade, a fim de pontuar preceitos desta área que foram pertinentes a esta pesquisa.

2.2 Linguagem, língua e sociedade

De acordo com Camacho (2013), após o longo período de domínio do Estruturalismo, no qual as línguas eram consideradas sistemas autossuficientes e analisadas como estruturas que conheciam apenas suas regras internas, os estudos descritivistas das línguas ameríndias levaram a Linguística a adotar uma visão social da linguagem. A respeito disto, Camacho (2013, p. 31) diz:

[u]m enfoque socialmente orientado [...] implica considerar um conjunto de premissas, que é frequentemente relacionado à função cognitiva da linguagem. Uma premissa fundamental está contida na afirmação de que todas as línguas fornecem a seus usuários os mecanismos adequados para a conceptualização e a expressão de proposições lógicas.

Esta afirmação está em linha com a premissa inicial que esta pesquisa adota: a linguagem é, essencialmente, uma forma de significar, de criar conteúdos cognitivos, que se expressam por meio da fala, organizada conforme um sistema condicionado social e

historicamente, isto é, uma língua. De acordo com Calvet (2002), de fato, é impossível compreender os fatos da língua sem se referir à história, pois o sistema linguístico é explicado pela história da própria língua e, por consequência, daqueles que a empregam em suas relações cotidianas. Considerando que as diversas sociedades não são iguais entre si e uma sociedade não é um conjunto homogêneo, é lícito entender que as línguas também não o são. Neste sentido, Coseriu (1981) afirma que o estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades cabe à Sociolinguística, enquanto o estudo da variedade e da variação da língua em relação com a cultura e a civilização cabe à Etnolinguística.

Coseriu (1981) e Calvet (2002) afirmam que os estudos sobre as relações entre língua e sociedade conheceram diversas facetas que caminharam para atingir objetivos diversos. Calvet (2002) atribui a William Bright a assertiva de que “uma das maiores tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (CALVET, 2002, p. 21) posto que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002, p. 12). Embora vários autores já tivessem tratado destas relações em seus estudos, o grande impulsionador dos estudos sociolinguísticos foi William Labov (CAMACHO, 2013; ALKMIM, 2012; CALVET, 2002). A partir dos seus trabalhos, teve origem a Sociolinguística Variacionista, a qual foi atribuída, à época, a tarefa de analisar “a relação de covariação sistemática das variações linguística e social, o que poderia ser retraduzido pelo postulado de que, na verdade, a variação não é livre, mas correlacionada a diferenças sociais sistêmicas” (CAMACHO, 2013, p. 35).

Em linha do que afirma Calvet (2002), Camacho (2013) reitera que a Sociolinguística trata da relação de covariação sistemática entre língua e sociedade, mas não apenas disto. Embora o objeto da Sociolinguística seja “a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIM, 2012, p. 33), a Sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar, e, ao longo dos anos, sob o rótulo de Sociolinguística se abrigam diversos trabalhos distribuídos em, pelo menos, três vertentes. Neste sentido, Calvet (2002) distingue uma abordagem microssociolinguística e uma abordagem macrossociolinguística, que, alerta Camacho (2013), não devem receber uma interpretação binária, mas devem ser consideradas como um *continuum*, visto que a primeira está interessada em estudar os aspectos sociais da linguagem, e a segunda está interessada em estudar os aspectos linguísticos da comunidade social. Para esta pesquisa, serão importantes alguns dos conceitos oriundos de cada uma destas abordagens.

Como a linguagem é, eminentemente, um fato social, é lícito afirmar que o contexto

social exerce forte influência sobre as línguas, posto que estas são sistemas organizados social e historicamente. Deste modo, a variação é uma das propriedades mais marcantes e significativas das línguas e “o papel da Sociolinguística (variacionista) é exatamente enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não linguísticas” (CAMACHO, 2013, p. 232).

O conceito de variação diz respeito à “coexistência de formas diferentes de um mesmo significado” (CALVET, 2002, p. 79). A variação compreende as variantes, que são as diversas formas alternativas e semanticamente equivalentes de expressar um fenômeno linguístico, e a variável, que é o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar o fenômeno. A variação pode acontecer a nível do espaço geográfico, chamada *variação diatópica*; a nível das diversas camadas sociais, chamada *variação diastrática*; a nível do tipo de percurso histórico da língua, chamada *variação diacrônica*; e a nível do contexto comunicativo, chamada *variação diafásica*. Como as variações são inerentes ao sistema, um estudo sociolinguístico da língua tem por escopo verificar se as variações que emergem desta inerência caminham para uma mudança ou se caracterizam como processos estáveis.

Nesta pesquisa, o conceito de variação diatópica está presente no objetivo de realizar um estudo da criação lexical na língua portuguesa produzida por um falante de Moçambique. O conceito de variação diastrática está presente no objetivo de analisar os neologismos produzidos em um objeto literário, o que pressupõe um autor com determinada educação linguística. O conceito de variação diafásica está presente no tipo de linguagem e de discurso empregados na obra: a linguagem e o discurso literário, o qual possui particularidades que o diferem de outros tipos de discursos. Por fim, o conceito de variação diacrônica está presente no objetivo de identificar os neologismos e descrever os processos da neologia: estes podem vir a evidenciar mudanças em processo ou reajustes dos subsistemas da língua portuguesa de variedade moçambicana, uma vez que o contato direto com substratos de línguas de matrizes africanas pode agilizar este processo; os neologismos evidenciam, por si mesmos, a capacidade inovadora e criadora do sistema lexical da língua.

Como a pesquisa se ocupa de identificar, analisar e descrever os neologismos presentes em textos escritos em língua portuguesa na variedade moçambicana, a ela cabem os conceitos de *nacionalidade* e de *etnia*. Segundo Camacho (2013, p. 242), “apesar de se identificarem com base em conceitos totalmente distintos, nacionalidades e grupos étnicos são construtos teóricos que deveriam ser vistos como pontos de um *continuum*”. Para caracterizar os dois construtos teóricos, o autor distingue primeiro os conceitos de *nação* e de *nacionalidade*.

Na sua perspectiva, uma nação é “uma unidade política que não apenas exerce

controle sobre toda a população no interior de seus limites territoriais, mas que também assume a responsabilidade pelo bem-estar dela” (CAMACHO, 2013, p. 242). Deste modo, uma nação é um Estado sob o controle de uma nacionalidade específica. Uma nacionalidade, sob esta perspectiva, é uma entidade sociocultural que pode, inclusive, não ser um espaço político-geográfico de circunscrição. Assim, pode-se compreender que, enquanto uma nação pode não dispor necessariamente de uma unidade cultural, “o traço mais distintivo de uma nacionalidade são símbolos de identidade, cultura, soberania territorial e língua” (CAMACHO, 2013, p. 243).

Estes conceitos são pertinentes à pesquisa porque a história de Moçambique é marcada por séculos de colonização e, após a libertação, por quase duas décadas de lutas sociais, devido, principalmente, às questões de nacionalidade e de identidade cultural (CARNEIRO, 2016; AGUIAR, 2009; CAVACAS, 2006), que estão esteticamente ressignificadas em diversas obras de Mia Couto, como *A varanda do frangipani*, *Terra Sonâmbula*, *O último voo do flamingo* e *Estórias abensonhadas*, cujos textos compuseram o universo desta pesquisa.

A despeito da derrocada do país colonizador, que impusera a sua língua, o português ainda é a língua oficial de Moçambique, fato que revela muito sobre a importância da língua para um povo, sua adoção, sua imposição política e sua aceitação passiva, consciente ou inconscientemente. Sobre isto, Camacho (2013, p. 243) diz que:

[m]uito mais que os outros traços distintivos como os culturais e os religiosos, a língua tem importância crucialmente maior para uma nacionalidade, que costuma defendê-la com unhas e dentes, mas crucialmente menor para os grupos étnicos, que não costumam vê-la como um elemento simbólico crítico de afirmação de sua identidade. Tanto é verdade que grupos étnicos podem desistir da língua de seus ancestrais ao longo de muitas gerações para adotar outra que possa lhes parecer mais vantajosa do ponto de vista político e econômico.

De fato, a língua portuguesa foi imposta aos povos moçambicanos através de uma política de silenciamento das línguas bantas, a qual apregoava uma proibição destas línguas em todos os âmbitos institucionais, principalmente no ensino formal. Apesar de ser a língua do colonizador, o português era, na década de 1960, a única língua minimamente falada em todas as partes do país, o que justificou o seu emprego para a interação entre os membros da *Frente de Libertação de Moçambique*, a FRELIMO, pois a diversidade linguística banta colocaria em risco as comunicações. Desta feita, após a libertação do jugo do colonizador, o português continuou a ser a língua oficial.

O conceito de *grupos étnicos* diz respeito a grupos cujos interesses são locais, ligados unicamente a seus membros, e não se estendem a outros grupos sociais além de seus vizinhos próximos (CAMACHO, 2013). De acordo com Aguiar (2009), Moçambique é um país de confluência de muitos povos, etnias e culturas. A sociedade moçambicana já era organizada

segundo os usos e costumes tradicionais antes da chegada dos portugueses a Moçambique. A maior parte do povo moçambicano existente antes da colonização pertencia ao grande grupo banto, formado por etnias diversas que constituem uma unidade linguística.

Como a cultura é um dos traços constitutivos da identidade de um povo, na seção a seguir serão apresentados conceitos para este termo, a fim de relacioná-lo aos conceitos de *língua, linguagem e sociedade* até aqui apresentados.

2.3 Linguagem, língua, sociedade e cultura

O termo *cultura* carrega muitos conceitos, por vezes, ambíguos e escorregadiços. De fato, há muitas elucubrações sobre o que seja uma cultura, cada uma determinada a partir do ponto de vista em que se encontra o homem como objeto antropológico. Para Lévi-Strauss (1963 *apud* SEABRA, 2015), o termo *cultura* define um conjunto de sistemas simbólicos, dentre os quais estão situados a linguagem, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião. Nesta perspectiva, “todos esses sistemas visam a expressar certos aspectos da realidade física e social e, mais ainda, as relações que os dois tipos de realidade mantêm um com o outro e, também, as relações que os sistemas simbólicos mantêm entre si” (SEABRA, 2015, p.03).

Duranti (2000) afirma que antropólogos linguísticos consideram a linguagem uma parte de um conjunto de práticas que desempenham um papel essencial na mediação de aspectos materiais e imaginários da existência humana e, conseqüentemente, na criação de maneiras singulares de estar no mundo. Deste modo,

[o] estudo da língua inserido no universo cultural se situa no amplo campo da Antropologia, porque examina a linguagem através do prisma dos interesses desta ciência, entre os quais estão: a transmissão e a reprodução da cultura, como também a sua relação com outras formas de organização social. (SEABRA, 2015, p. 03).

Por muito tempo, em especial durante as épocas que buscavam uma retomada às origens clássicas, o termo *cultura* se referia aos produtos intelectuais produzidos pelo homem, como grandes obras de literatura, de engenharia e de arte pictórica em geral. O conceito carregava, deste modo, julgamentos de valores que permitiam definir o que era cultura e o que não era. A partir dos Estudos Culturais, desenvolvidos, particularmente, no berço da Antropologia, com os trabalhos de Hall (2006), o conceito do termo *cultura* perdeu seus juízos de valores, mas manteve a ideia de cultura como o resultado de uma invenção social, que pode ser transmitida por ensinamentos a cada nova geração, considerada, portanto, uma herança social (AGUIAR, 2009). Assim, a cultura antecede qualquer indivíduo da sociedade e persiste

após a morte deste, mas é, ao mesmo tempo, transformada e perpetuada à medida que o indivíduo a adquire. Os grupos de indivíduos são criadores e portadores da cultura, mas esta tem um caráter de anonimato, que a faz individual.

Para Aguiar (2009), em concordância com Hall (2006), a cultura, em seu sentido mais amplo, consiste em uma série de padrões integrados de comportamento, desenvolvidos a partir de hábitos de um povo, que guarda seus próprios princípios e move-se de acordo com eles. A cultura é algo distinto da natureza, pois é aprendida, transmitida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação linguística, ou seja, não está ligada a traços genéticos e, por isto, está sujeita a influências do ambiente em que se vive (SEABRA, 2015; DURANTI, 2000). É possível relacionar diretamente este conceito de cultura com o conceito de língua formulado por Coseriu (1982), o qual diz que a língua é um produto social, que se realiza por meio de formas socio-historicamente condicionadas, ou seja, é parte integrante da cultura. A linguagem, como parte formante da cultura, serve para categorizar o mundo através de sistemas de classificação que podem, por sua vez, ser portadores de inestimáveis indícios sobre crenças e práticas culturais.

Segundo Camacho (2018, p. 2) o idealismo de Karl Vossler e o descritivismo de Edward Sapir, no qual foi bem estreita a conexão entre Linguística e Antropologia, deram origem à disciplina que viria a ser chamada Etnolinguística. Coseriu (1981, p. 10) diz que, nos seus primeiros momentos, a Etnolinguística se dedicou a estudar as línguas consideradas exóticas e, dentro destas, as línguas ágrafas, adotando um posicionamento anticientífico e nitidamente eurocentrista. Coseriu (1981), propõe transformar essa disciplina em uma Linguística “que estude na sua totalidade a contribuição do ‘conhecimento das coisas’ à configuração e funcionamento da linguagem” (COSERIU, 1981, p.11). Em suma, à Etnolinguística cabe estudar todas as formas nas quais a cultura, ou as coisas, interage com a língua e com o uso que os falantes fazem dela. Assumindo esta premissa, Coseriu (1981) assevera que, ao investigar a relação entre linguagem e cultura, dever-se-á distinguir qual o ponto de partida, se a linguagem ou a cultura:

Se o objeto de estudo é a linguagem, se se trata dos fatos linguísticos enquanto determinados pelos ‘saberes’ sobre as coisas, faz-se Etnolinguística propriamente dita ou Linguística etnográfica; se, ao contrário, o objeto de estudo é a cultura, se se trata dos ‘saberes’ sobre as ‘coisas’ enquanto manifestados pela linguagem [...] faz-se Etnografia linguística (COSERIU, 1981, p. 12-13)².

² No original: *si el objeto de estudio es el lenguaje, si se trata de los hechos lingüísticos en cuanto determinados por los “saberes” acerca de las cosas, se hace etnolingüística propiamente dicha o lingüística etnográfica; si, en cambio, el objeto de estudio es la cultura, si se trata de los “saberes” acerca de las “cosas” en cuanto manifestados por el lenguaje [...] se hace etnografía lingüística.*

A Etnolinguística deve, portanto, estudar a íntima conexão que existe entre a linguagem e a cultura, sob duas perspectivas: uma destinada a analisar como os fatos linguísticos estão condicionados pela cultura e a outra destinada a descobrir os dados culturais que refletem os fatos linguísticos, cada uma das quais poderá observar o fenômeno próprio da linguagem em geral, das línguas concretas ou dos atos de fala efetivamente realizados, isto é, os discursos. Assim considerado, Camacho (2018, p. 4) define a Etnolinguística como o ramo da Linguística externa que

[d]eve analisar como a cultura de uma comunidade humana influencia na configuração e no uso da língua empregada por esta comunidade, de modo que seu objetivo será empregar o conhecimento da cultura como recurso para explicar o porquê de determinados fatos linguísticos – tanto do sistema como do uso –, e conseqüentemente, para encontrar nestes fatos rastros da cultura que subjaz a eles³.

Este objetivo apontado por Camacho (2018) justifica por que a pesquisa valer-se-á dos saberes da Etnolinguística para suporte à análise dos neologismos presentes na obra *Estórias abensonhadas*, pois ela busca analisar como a cultura moçambicana influencia na criação de itens lexicais, ou seja, como ela influencia no uso da língua portuguesa empregada nesta variedade. Neste sentido, a análise buscará explicar o porquê destes fatos linguísticos – os neologismos no sistema e no discurso – e encontrar neles traços da cultura moçambicana.

Segundo Camacho (2018), Biderman (2001, 1998) e Barbosa (1996), o léxico é o nível linguístico onde mais se observa a repercussão da cultura. Assim, muitos são os aspectos do léxico que podem ser estudados sob a luz da Etnolinguística. Camacho (2018) aponta, por exemplo, a formação do léxico em função do entorno circundante. Como explicam Morant i Marco e Díaz Rojo (2005, p. 10-16), “a linguagem é um valioso guia para conhecer como as sociedades se adaptam ao seu entorno natural, social, material e sobrenatural, de modo que muitas palavras refletirão como tem interpretado estes entornos a sociedade que emprega uma determinada língua”⁴. Assim, os nomes para indicar parentesco variam muito entre as línguas. Camacho (2018) diz que, em algumas línguas, a oposição entre ‘irmão maior’ e ‘irmão menor’ é lexicalizada, o que não acontece nas línguas românicas.

Nesse sentido, ele aponta também a abundância de distinções semânticas: os

³ No original: *debe analizar cómo la cultura de una comunidad humana influye en la configuración y en el uso de la lengua empleada por esa comunidad, de modo que su objetivo será emplear el conocimiento de la cultura como recurso para explicar el porqué de determinados hechos lingüísticos – tanto del sistema como del uso – y, consecuentemente, para encontrar en esos hechos huellas de la cultura que subyace a ellos.*

⁴ No original: *el lenguaje es una valiosa guía para conocer cómo las sociedades se adaptan a su entorno natural, social, material y sobrenatural, de modo que muchas palabras serán el reflejo de cómo ha conformado e interpretado esos entornos la sociedad que emplea una determinada lengua.*

aspectos de uma cultura de uma comunidade que têm uma importância destacada para a vida dos seus indivíduos se convertem em focos dos quais emanam distinções lexicais com as quais se refina a interpretação que a língua faz destes mesmos âmbitos. São exemplos disso as formas de nomear a neve em inuit, os nomes das massas em italiano ou o nome das armas de fogo em inglês estadunidense.

Zavaglia (2006), assevera que o universo das cores é representado de acordo com as particularidades de cada cultura, ou seja, conotativa e subjetivamente; deste modo, a percepção das cores será representada linguisticamente de forma diferenciada de uma cultura para outra e, assim, cada sistema linguístico descreve de modo particular e único o universo das cores, questão que reflete o relativismo linguístico da hipótese de Sapir-Whorf. Neste âmbito, Alinei (1983, 1984) investigou profundamente os nomes dados ao arco-íris em diversas línguas e dialetos europeus e verificou que a conceptualização deste referente se realiza de modo assaz distinto entre elas: cada cultura destaca um conjunto de traços deste fenômeno físico. Assim, a definição de *arco-íris* varia em cada cultura, dependendo de crenças e outros aspectos culturais que envolvem este objeto, especialmente os aspectos geográficos, como os nomes dados pelos povos de regiões montanhosas, que o associam a torrentes de água, a pequenas correntes de água ou a dragões, enquanto povos de regiões de campo o associam a animais ou a rastros de luz que absorvem/se alimentam de algum elemento do solo, como a água ou até mesmo o solo.

Outro aspecto importante é a dinâmica do léxico a partir da dinâmica da cultura: as mudanças culturais determinam que apareçam novas palavras, que se percam muitas outras e que se atribuam novos sentidos a palavras já existentes. São exemplos os neologismos formais e semânticos e os arcaísmos. Camacho (2018) destaca a ideologização das palavras: a ideologia influencia nas conotações e nos valores que as palavras adquirem e nas consequências que isto tem na vida social. Ele aponta como exemplo a reinterpretação dada à palavra *casamento* promovida pelos debates acerca da união legal entre pessoas do mesmo sexo.

O autor menciona também o léxico como reflexo da visão de mundo, na qual as palavras refletem formas idiossincrásicas de ver o mundo; assim, convertem-se em símbolos da mentalidade nacional. Apontamos, como exemplos, a forma como o interior cearense é visto pelos olhos de José de Alencar, na obra literária *Iracema*, com a descrição de paisagens exuberantes, repletas de verde e de fontes de água fresca e jovem, e como o mesmo interior é visto pelos olhos de Rachel de Queiroz, na obra literária *O quinze*, com descrições de um espaço árido, corroído pelo calor abrasante da seca. São exemplos também o conceito de *existência* para os povos europeus e o conceito de *existência* para os povos africanos.

Camacho (2018) aponta ainda os nomes próprios como rastros da história cultural:

o estudo dos topônimos e dos antropônimos serve para conhecer ou corroborar o que se sabe sobre a cultura que circunda uma língua. Ele diz que isto explica os inumeráveis topônimos espanhóis relacionados ao cristianismo. Na realidade cearense e brasileira em geral, podemos destacar os topônimos de origem tupi-guarani relacionados a elementos da natureza, como *Meruoca*, *Pindoretama* e *Itapipoca*, ao lado dos topônimos e antropônimos lusitanos relacionados ao cristianismo, como *Santa Quitéria*, *São Paulo* e *Santa Catarina*. Destacam-se também o tabu e o eufemismo: cada cultura possui palavras interditas, os tabus, ou maneiras suavizadas de falar sobre fatos considerados interditos, o eufemismo.

Segundo Camacho (2018), o estudo da etimologia das palavras permite descobrir dados culturais que se associaram a uma língua. Neste aspecto, podemos citar as inúmeras palavras de étimos do tupi-guarani e de línguas africanas presentes no português moderno, fruto da miscigenação cultural acontecida ao longo do período colonial; assim como as palavras de origem francesa, oriundas da efervescência ideológica e cultural de uma época não muito remota, e, atualmente, a abundância de palavras de origem inglesa, fruto da globalização e da intensa atividade de produção de cultura de massa promovida pelo imperialismo norte-americano.

Por fim, mas não menos importante, a cultura tem um papel fundamental no discurso repetido: a categorização da realidade se faz a partir de unidades de discurso repetido que permitem apresentá-la de forma metafórica (CAMACHO, 2018), metáforas que são próprias de cada cultura. Por outro lado, expressões idiomáticas ou provérbios mostram a frequência do influxo de determinados âmbitos culturais de especial relevância para uma sociedade, como a religião: *Deus ajuda quem cedo madruga*; a tauromaquia hispânica: *salir por la puerta grande*⁵; a alimentação ítalo-mediterrânea: *cascare come il cacio sui maccherroni*⁶. Neste aspecto, Zavaglia (2006) destaca também as particularidades de expressões idiomáticas e de provérbios em italiano que empregam bastante a palavra *grigio*⁷, cinza, enquanto, no português brasileiro, verifica-se a ausência total da palavra *cinza* como predicador dentro desse tipo de unidade fraseológica.

Assim considerado o conceito de cultura e a sua íntima relação com o sistema

⁵ Expressão que significa ‘sair com êxito de uma situação difícil’, ou mesmo ‘triunfar’, construída sobre a imagem do toureador vencedor que, retirando-se da tourada, saía pela porta principal, a mais larga, da praça onde o evento fora realizado.

⁶ Expressão similar a *vir a calhar*, construída sobre a imagem do *cacio*, um tipo de queijo, que, lançado sobre os macarrões, *maccherroni*, faz com estes uma excelente combinação gastronômica.

⁷ Por exemplo, o provérbio *al buio tutti i gatti sono bigi/grigi*, que, em português, tem correspondente *de noite, todos os gatos são pardos*, e a expressão idiomática *diventare grigio in volto*, cujo correspondente aproximado em português brasileiro é *fechar/amarrar a cara*.

lexical de uma língua, a seção a seguir apresenta a definição de léxico a partir da disciplina linguística que o considera como objeto central de estudo: a Lexicologia.

2.4 Lexicologia

A Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 16). Barbosa (1990) afirma que a Lexicologia se ocupa de inúmeras tarefas, uma vez que a unidade lexical é um nível de articulação morfossintático-semântico bastante complexo. Assim, entre tantas outras, é tarefa da Lexicologia

[e]xaminar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma ‘realidade’ infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do ‘real’ operado pelo léxico das diversas línguas; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma ‘visão de mundo’, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; (BARBOSA, 1990, p. 153).

Para esta pesquisa, interessam as relações do léxico com os universos natural, social e cultural, em que o sentido de uma unidade lexical é um instrumento de construção e detecção de uma visão de mundo, e análise e descrição das relações entre a expressão e o conteúdo das unidades lexicais. A relação entre linguagem, língua, sociedade e cultura se evidencia por meio do léxico, porque este é o nível linguístico em que se manifestam o processo de nomeação e a cognição da realidade (BIDERMAN, 2001, 1998, 1996). Posto que a unidade lexical é um nível de articulação morfossintático-semântico, o conceito de léxico apresenta diversas formulações dentro dos estudos linguísticos, que dependem de qual ponto de vista se concebem as unidades lexicais: se da perspectiva da fonologia, da morfologia, da sintaxe, do discurso ou da semântica. Esta pesquisa considerará o conceito de léxico tal como compreendido dentro da Lexicologia, em particular, das elucubrações de Biderman (2001, 1998, 1996) e de Barbosa (1990).

De acordo com Biderman (2001, 1998), o léxico de uma língua é um acervo de signos oriundos de um processo de percepção, cognição e categorização dos dados sensoriais da experiência tal como esta se oferece ao homem. Estes signos reportam o universo referencial, funcionando como rótulos por meio dos quais o homem interage cognitivamente com o seu ambiente. Embora a conceptualização da realidade seja um processo universal, cada sociedade a elabora de modos diversos, a partir daquilo que se lhe mostra como sensível e, entre estes, daquilo que se lhe mostra mais pertinente em razões de especificações ou de generalizações. Deste modo, cada língua tem um léxico particular, embora se possa admitir que “[...] as línguas

naturais tenham tipos de semânticas universalmente compreensíveis (BIDERMAN, 2001, p. 02), pois a principal diferença entre as línguas não reside no que elas podem ou não dizer, mas no que elas *devem* dizer, isto é, qual aspecto da realidade merece atenção a ponto de ser categorizado e receber o seu devido rótulo.

Neste sentido, “o léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico em que sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico –, sua civilização” (BARBOSA, 1996, p.120). Em outras palavras, o léxico de uma língua representa toda a informação sobre o mundo condensada em lexias, pois nele se encontra a interpretação da realidade em suas devidas nomenclaturas (BIDERMAN, 2001).

O léxico é, assim, o conjunto de palavras disponíveis ao emprego pelos falantes. Através do léxico da língua que falam, os membros de uma comunidade podem ver e criar o mundo, criar seus valores, suas crenças, seus costumes, acompanhar as invenções tecnológicas e as transformações socioeconômicas e políticas por quais passam a comunidade, recortando realidades e definindo fatos de cultura.

Neste sentido, Biderman (1999, 1998) conceitua a palavra como uma unidade psicossociológica fundamental da língua, isto é, como signo, no qual se encontra cristalizada a conceptualização da realidade. De acordo com a autora, sucessivos atos de cognição da realidade e de categorização da experiência humana deram origem ao léxico das línguas. Apesar desta definição, é consenso nos estudos linguísticos que a noção de *palavra* é bastante imprecisa, ambígua e não-técnica (BASÍLIO, 2000; BIDERMAN, 2001, 1999; BORBA, 2003; CUNHA, 2019) e varia conforme o ponto de vista a partir do qual se define este objeto. Por isto, a Lexicologia, para o estudo de suas unidades, utiliza o termo *lexema* para designar a unidade lexical abstrata no nível do sistema e *lexia* para designar a forma que o lexema assume no discurso; isto é, a lexia é a concretização de uma unidade abstrata. Um exemplo de lexema é o verbo *cantar*, enquanto suas formas conjugadas, *canto*, *cantei*, *cantamos*, *cantaste*, são lexias.

As lexias podem ser do tipo lexical ou gramatical. Uma lexia é gramatical quando funciona apenas como elemento da gramática, local onde age como elemento coesivo, como os elementos determinantes: artigos – *o*, *a*, *os*, *as* –, formas demonstrativas – *este*, *esta*, *estes*, *aquele*, *aquela*, *isto*, *aquilo* – ou possessivas – *meu*, *minha*, *teus*, *suas*, *nossos* etc.; os quantificadores: *muito*, *cinco*, *pouco*, *todos* etc.; os auxiliares: *tenho* estudado, *está* trabalhando, *quer* trabalhar; os relatores: subordinantes – *até* a cidade, *no* Brasil; e coordenadores – *e*, *ou*, *mas*; e substitutos, que possuem o estatuto sintático das sequências que eles substituem:

pronomes – *lhe, a, o, tudo*; advérbios – *assim*; interrogativos – *quem*. Uma lexia é lexical quando tem significação plena, isto é, quando remete aos elementos da realidade extralinguística, já devidamente conceptualizados e categorizados. Este é o sentido que Biderman (1998, 1984a) atribui ao termo *palavra*; deste modo, uma palavra é um item lexical.

De acordo com Biderman (1999), o léxico de uma língua é constituído por unidades muito heterogêneas, pois compreende desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e até de frases inteiras. Do ponto de vista da constituição mórfica, as lexias se classificam em *simples* e *complexas*. As lexias simples são formadas por uma única forma livre, isto é, por uma forma livre que não admite divisão em outras formas livres menores (BASÍLIO, 2000; BORBA, 2003), realizável em combinatória livre e em vários contextos, sujeita à incidência de concordância com outras lexias no enunciado, posto que uma lexia é a manifestação de um lexema em um discurso.

As lexias complexas são formadas pela combinação de mais de uma forma livre, como *porta-malas, maria-vai-com-as-outras, joão-de-barro*, as quais são também chamadas de palavras compostas, ou uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa (*desconsolo, incontrolável*). As lexias complexas formadas pela combinação de mais de uma forma livre são sequências em via de lexicalização, isto é, são unidades coesas formadas pela junção e o apagamento dos semas constituintes de cada elemento, processo em que os elementos se soldam em torno de um novo significado que não é o resultado da soma dos significados de cada parte componente quando estas estão em distribuição livre (BIDERMAN, 2000; CUNHA, 2019). Há ainda as lexias textuais, também denominadas *fraseologismos* (MONTEIRO-PLANTIN, 2012), as quais são equivalentes a enunciados cristalizados na língua, como provérbios e expressões idiomáticas do tipo *tirar o cavalo da chuva, fazer de gato e sapato* e *rodar a baiana*, cujo sentido não depende da soma de sentidos de cada palavra.

Como está sempre disponível para ser usado pelos falantes, o léxico de uma língua, considerado como um depósito de signos, está em perpétuo movimento. Porque esta é a parte do sistema linguístico mais suscetível a mudanças, seu caráter de inacabado e de devir está sempre presente (BIDERMAN, 1999). O léxico é, por natureza, um sistema flexível e passível de expansão condicionada pelas mudanças socioculturais, o que equivale a dizer que são os falantes que o determinam, o criam e o mantêm. Assim, o léxico de uma língua caracteriza-se por apresentar tanto uma parte estável quanto uma parte instável, formada por unidades lexicais discursivas que podem deixar de ser meras combinatórias frequentes para se converter em novas unidades do léxico da língua (BIDERMAN, 1999). Devido ao caráter de flexibilidade e de expansão do léxico, os falantes de uma língua são capazes de alterar lexias já estabelecidas no

léxico da língua e criar unidades lexicais para expressar novos conteúdos informativos, criar referentes e/ou de atribuir às suas mensagens e a seus eventos comunicativos nuances mais ricas de conteúdo subjetivo e emocional. A este processo de criação e renovação lexical, Alves (1990) e Barbosa (1996) dão o nome de neologia.

2.5 Neologia e neologismo

Na época atual, o termo *neologia* se refere tanto ao processo de criação de unidades lexicais como ao estudo sobre elas. Boulanger (2010, p. 40) diz que:

A palavra *neologia* aparece em francês em 1.759. Em seguida, ela carrega um valor semântico que se refere à criação de palavras, expressões ou de significados novos. No século XVIII, opõe-se ao neologismo (1735), que possuía um sentido pejorativo e designava a criação abusiva, imprópria e inútil de signos novos. Por extensão, também se referia à atribuição de novidade na maneira de falar, sentido que se perdeu posteriormente.⁸

Operando com as dicotomias saussurianas, Guilbert (1973), considera que a relação entre a *langue*, representação coletiva, e a *parole*, manifestação individual, promove a criação linguística, porque o ato de expressão é individual, mas em função do coletivo, pois

[...] é o falante quem cria o neologismo; mas ele o faz enquanto membro de uma comunidade com a intenção, declarada ou não, de enriquecer a comunicação. Ao mesmo tempo, o interlocutor é parte envolvida dentro da criação, uma vez que é o destinatário. Assim, a formação do neologismo não é somente um ato de fala, ele é destinado a ser também um fenômeno da língua.⁹

Guilbert (1973) atribui o termo *neologia* ao movimento de evolução que dinamiza a língua, a qual pode ocorrer nos níveis fonológico, morfológico ou sintático, e especifica que a neologia lexical se refere às criações individuais de palavras. Para Rey (1995, p. 75), um neologismo é

[u]ma unidade do léxico, palavra, lexia ou sintagma, cujo significado, ou a relação significante-significado, pressupondo um funcionamento efetivo em um modelo de comunicação específica, não estava previamente materializado como uma forma linguística no estágio imediatamente anterior do léxico da língua.¹⁰

⁸ No original: *le mot néologie apparaît en français en 1759. Il est alos porteur d'une valor sémantique qui renvoi à la création de mots, d'expressions ou de sens nouveaux. En cela, au XVIIe siècle, il s'opposait à l néologisme (1735) qui possédait un sens péjoratif et désignait la création abusive, mauvaise, voire inutile de signes nouveaux. Par extension, il réfèrait aussi à l'affectation de nouveauté dans la manière de parle, sens qu'il a perdu depuis.*

⁹ No original: *[...] [il est] le sujet parlant qui cré le néologisme ; mais il le fait en tant que membre d'une communauté avec l'intention, avouée ou non, d'enrichir la communication. Du même coup, l'interlocuteur est partie prenante dans la création, puisqu'il en est le destinataire. Ainsi l' formation du néologisme n'est pas seulement un acte de parole, elle est destinée à être aussi un phénomène de langue.*

¹⁰ No original: *[...] a unit of lexicon, a word, a worde element or frase, whose meaning, or whose signifier-sgnified relationship, presupposing na effective function in a specific model of communication, was not previously*

Na mesma direção, Boulanger (1989, *apud* ALVES, 2001, p. 25) diz que o neologismo é “uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou, ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro”. Alves (2001) afirma que os estudos dos neologismos de maneira sistemática começaram a partir da década de 70 na França e que, em virtude do domínio dos métodos de análises estruturalistas, estes trabalhos ainda não possuíam um tratamento estritamente lexicológico, pois a Lexicologia, como uma subárea da Linguística, ainda carecia de apuramento nas definições de seus princípios e de seus termos. De acordo com a autora, o primeiro trabalho de caráter lexicológico dedicado ao estudo da neologia lexical foi *La formation du vocabulaire des chemins de fer en France*, de autoria de Peter Wexler. A este trabalho seguiram-se, de acordo com a autora: *Le vocabulaire politique et social en France de 1869 a 1872*, de Dubois; *La formation du vocabulaire de l'aviation* e *Le vocabulaire de l'aéronautique*, ambos de Guilbert (ALVES, 2001). Segundo a autora, estes trabalhos investigam os processos de formação que originam as novas unidades lexicais e as relações semânticas que elas estabelecem. Refletem, portanto, duas vertentes ligadas diretamente à Lexicologia: a Morfologia e a Semântica Lexical.

Ao neologismo concerne, portanto, o conceito de unidade lexical nova criada a partir de processos da neologia, bem como sua inteligibilidade e aceitabilidade. Estes dois aspectos, segundo Correia e Almeida (2012) colocam problemas na hora de identificar neologismos em trabalhos sobre o léxico e no processo de criação de dicionários. Para as autoras, os falantes de uma língua possuem certos conhecimentos sobre o léxico de sua língua, como as informações sobre as regras morfológicas e semânticas, que permitem apreender e produzir palavras nunca usadas ou ouvidas antes e identificar novos significados atribuídos a palavras já existentes, e informações idiossincráticas, constituída por unidades lexicais adquiridas ao longo da vida.

Deste modo, diante de uma palavra nova, um sujeito pode perguntar-se se aquele elemento linguístico é novo porque ele não o conhece ou porque, de fato, tal elemento nunca fora utilizado na língua que ele fala. Diante desta situação, para a detecção de um neologismo, Guilbert (1973) propõe um critério psicológico baseado em um sentimento de novidade. Sablayrolles (2006) contesta este critério porque nada elucida sobre a partir de que momento uma unidade é considerada nova ou sobre até quando uma unidade pode ser considerada nova.

materialized as linguistic form in the immediately preceding stage of the lexicon of the language.

ROMERO (2017), por outro lado, apresenta os seguintes critérios:

- a) sincrônico: novidade em relação a um dado momento;
- b) diacrônico: novidade em relação a duas faixas de tempo;
- c) estrutural: palavra instável formal e conceitualmente;
- d) lexicográfico: ausência em uma obra dicionarística.

A extração semiautomática por meio de *softwares* que rastreiam unidades lexicais em imensos *corpora* parece, de acordo com Romero (2017), um bom critério à primeira vista, mas se limita a identificar apenas neologismos formais, sendo cego às alterações semânticas, como metáfora e metonímia, e semântico-sintáticas, como os casos de conversão, de homonímia e formações por composição e acrônimos cujas estruturas se assemelham à unidades já estabelecidas, como “FRAUDE, *Folha Reacionária Autoritária Universal Decrépita Escamoteadora*” (ROMERO, 2017, p. 42).

O critério lexicográfico é, neste sentido, considerado o mais adequado (CORREIA; ALMEIDA, 2012; SABLAYROLLES, 2002, BOULANGER, 2010, ROMERO, 2017), mas, ainda assim, não totalmente inquestionável. De acordo com Boulanger (2010), o nascimento de uma palavra a caracteriza automaticamente como parte do léxico. Sua percepção e difusão sociais, no entanto, são fundamentais para a sua inserção em uma obra lexicográfica, o que a descaracteriza como um neologismo. No entanto, como aponta Romero (2017), devido à omissão voluntária ou acidental de nomenclaturas, assim como à aversão a recentes criações, a divergências de nomenclaturas entre obras e à demora das atualizações das obras lexicográficas, um autor pode deixar de fora de uma obra lexicográfica uma unidade lexical já altamente difundida socialmente, sobre a qual nem mesmo o sentimento de novidade exista mais.

Ainda assim, Cabré (2004) considera o critério lexicográfico o que melhor atende aos requisitos de uma análise neológica, pois a entrada de um neologismo em uma obra lexicográfica é o último estágio de um neologismo, precedido da sua identificação em um texto escrito, a qual é antecipada pelo momento da sua gênese. Para Sablayrolles (2002, p. 100), entretanto, “[...] uma palavra não é mais um neologismo porque consta em um dicionário, mas ela está em um dicionário porque não é mais um neologismo”¹¹, isto é, antes da sua entrada em um dicionário, a palavra já não é mais percebida como novidade e este último estágio apenas conclui a atestação de algo já cristalizado no léxico.

Esta pesquisa trabalhou com a metodologia já consagrada nos trabalhos com neologismos e detalhada por Alves (2006; 1996; 1984), Correia e Almeida (2012) e Cabré

¹¹ No original: “[...] un mot n’est pas non néologique parce qu’il est dans le dictionnaire, mais il entre dans le dictionnaire parce qu’il n’est plus néologique.

(2004), que consiste na construção de um *corpus* de extração e na definição de um *corpus* de exclusão. As unidades lexicais que resistiram ao crivo do *corpus* de exclusão foram registradas como neologismos em fichas neológicas e submetidas à análise.

2.5.1 Tipologia dos neologismos

A classificação de neologismos, de acordo com Cabré (2006), é uma tarefa complexa. Desde as primeiras investigações sobre o fenômeno da neologia, várias tipologias têm sido elaboradas. Apesar do grande número de tipologias propostas, os estudos sobre neologismos (ALVES, 2006; 1996; 1984; CABRÉ, 2004, 2006; CORREIA; ALMEIDA, 2012; GUILBERT, 1973, 1975; ROMERO, 2017, SABLAYROLLES, 2006) apontam especificamente dois principais tipos de neologismos:

- a) formal: quando o significante é inédito, não atestado em estágio anterior;
- b) semântico: quando um novo significado é atribuído a uma forma já atestada em estágio anterior.

Os processos disponíveis para a criação lexical são diversos e disto decorrem diversas elucubrações sobre os produtos destes processos, oriundas, principalmente, do conceito de base ou mesmo da concepção adotada para caracterizar os processos. Para incorporar palavras novas, o léxico da língua portuguesa dispõe basicamente de três mecanismos distintos:

- a) construção de palavras, recorrendo a regras da própria língua;
- b) atribuição de novos significados a palavras já existentes;
- c) importação de palavras de outras línguas.

O primeiro e o terceiro tipo de processo geram *neologismos formais*, tanto por meio da formação – derivação, composição – como da deformação de palavras – cruzamento vocabular, fusão vocabular, truncamento; o segundo tipo de processo gera neologismos semânticos. Nos trabalhos sobre neologismos, o procedimento de tipologização pode ser uma via de mão dupla, pois se pode partir de uma classificação pré-estabelecida e atestada em trabalhos anteriores e submeter grupos de unidades neológicas aos subtipos estipulados por essa classificação ou se pode partir das unidades neológicas coletadas e atestadas na própria pesquisa e estipular uma classificação que as abrace. Embora tenhamos contado com uma classificação pré-estabelecida antes da fase de tipologização dos neologismos, a criatividade linguística de Mia Couto colocou-nos diante de tantos dados desafiadores que tivemos que adotar uma postura de adequação da tipologia aos neologismos, e não o contrário. Este é, de fato, um desafio que

até mesmo os grandes observatórios de neologia enfrentam, posto que o surgimento de novas realidades do nosso mundo contemporâneo, novos objetos e novos conceitos, fazem emergir a todo instante palavras criadas por processos que, muitas vezes, contrariam a norma e regularidade dos sistemas linguísticos.

Porque esta pesquisa tem caráter lexicológico, baseamo-la primordialmente nos estudos de Alves (2006, 1996, 1990, 1984), Cabré (2004) e Correia e Almeida (2012) sobre os processos da neologia lexical em língua portuguesa. Contou também com as elocubrações de Basílio (2010, 2000, 1997), para a definição do cruzamento vocabular e da fusão vocabular, e as de Gonçalves (2016), quando eventualmente foram identificados processos não contemplados pelos demais autores. A seguir, serão apresentados apenas exemplos de processos neológicos que foram identificados na obra *Estórias abensonhadas*, os quais serão acompanhados de exemplos recolhidos dos contos.

2.5.1.1 Processos formacionais de criação de palavras

Os processos formacionais de criação de palavras fazem uso de regras – fonológicas e morfológicas – próprias da língua para criar novas palavras, cuja forma significativa é inédita.

2.5.1.1.1 Fonológico

Um neologismo formal é fonológico quando a sua forma é inédita na língua. Na amostra, encontramos neologismos formados meio de modificação do significante e *ex-nihilo*. A **modificação do significante** ocorre devido à necessidade de especializar o sentido de um determinado item lexical, acrescentando um particular valor expressivo ao referente. Na obra analisada, houve quatro ocorrências de neologismos desse tipo, nas quais se percebe uma aproximação à oralidade: *vavô*, *curadoiras*, *lááá* e *susplantar-se*. Sobre as criações *ex-nihilo*, Alves (1990) afirma que este tipo de processo é muito raro, pois as regras fonéticas e fonológicas do sistema linguístico limitam a criação de palavras do nada. Foi encontrado apenas um dado de neologismo fonético *ex-nihilo*: *Muitetecate*, com função de signo toponímico.

2.5.1.1.2 Sintático

Para Alves (1990), os neologismos sintáticos são oriundos de processo que combina elementos já existentes no sistema linguístico. São assim denominados porque a

combinação dos seus elementos formantes não está restrita ao âmbito lexical, mas atuam também em nível frásico, pois “[o] acréscimo de afixo pode alterar a classe gramatical da palavra original, a composição tem caráter coordenativo ou subordinativo e os elementos que integram a composição sintagmática e a acronímia são componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical (ROMERO, 2017, p. 45). A **derivação**, de acordo com Correia e Almeida (2012), é aparentemente o processo mais disponível para a construção de palavras na língua portuguesa e nas línguas românicas, por ser o mais produtivo e o mais regular. A derivação afixal pode ser sufixal, prefixal e parassintética.

A **derivação sufixal** caracteriza-se pelo acréscimo de um formante, o sufixo, sempre à direita da base, o qual determina a categoria do derivado e a sílaba tônica da palavra. A sufixação atualiza os seguintes processos em português:

- a) verbalização, com formação de verbos a partir de outras classes: *meninar, ruar*;
- b) nominalização, com formação de substantivos a partir de outras classes: *maravilhação, verdanias*;
- c) adjetivação, com formação de adjetivos a partir de outras classes: *arrepioso, barafundido*;
- d) adverbialização, com formação de advérbios a partir de outras classes: *aniversariamente, devagaroso*.

A **derivação prefixal** ocorre quando há o acréscimo de afixo à esquerda da base; os afixos correspondem frequentemente a antigas preposições e a advérbios latinos e gregos, têm um conteúdo semântico menos gramatical e, por isto, mais facilmente perceptível. Contudo, esta fácil percepção leva a dificuldades para distinguir o que é um afixo e o que é um elemento de composição (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Isto acontece porque, de acordo com Gonçalves (2016), alguns elementos são resultados de um processo de truncação de uma unidade lexical, da qual absorvem o significado primeiro e passam a compor outras bases (ROMERO, 2017). Um exemplo disto é a palavra *ecologia*, que, passando por um processo de redução, dá origem ao elemento *eco-*, que, por sua vez, aparece em formações como “*ecoturismo, ecoterapia*” (ROMERO, 2017, p. 46). Chamados *afixóides*, ROMERO (2017, p. 46) ressalta que “o uso destas partículas se distancia do sentido erudito que possuíam, veiculando novos significados com a frequência em bases nativas, adquirindo novos traços semânticos, em uma espécie de metonímia formal com a forma que lhe deu origem, não contendo mais o significado primário”, como é o caso da partícula *tele-*, em *televisão*, que compete, na borda esquerda da palavra, com prefixos antigos, de usos consolidados na língua (GONÇALVES, 2016). Durante o processo analítico, decidimos entender como neologismo

formado por derivação prefixal todas as unidades lexicais cujo elemento colocado à direita da base, se retirado, não resultasse em uma unidade lexical plena. Desse modo, tanto *desconguir* quanto *poscepção* foram classificados como gerados por um processo de derivação prefixal. Entre os dados, foram encontrados 45 neologismos formados por derivação prefixal: *inatingir*, *desglória*, *desconseguir*, *desbengalar-se*, *despedaços*, *tresconveter*, *semifulano*.

A **derivação parassintética**, de acordo com Correia e Almeida (2012, p. 50), “consiste na junção simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base”. Basílio (1999), usando como exemplo a palavra *desalmado*, tece considerações sobre como identificar se um produto é formado por parassíntese ou por dois processos de derivação em dois níveis. Para ela, um teste prático é retirar um dos formantes e verificar a existência de uma palavra: em caso positivo, trata-se de uma formação derivacional em dois níveis, como *insensatez*; em caso negativo, trata-se de um caso de parassíntese, como *desalmado*, pois não existe nem *desalma* nem *almado*. Durante a etapa de análise, diversas unidades lexicais neológicas se mostraram não ser facilmente classificadas, entre elas, algumas que tinham visível caráter parassintético. Sobre elas, discorreremos no capítulo em que se faz a análise e a discussão dos dados. São exemplos de neologismos formados por parassíntese: *desbengalado*, *aflautinados*, *ensonação*, *intactável*, *apouquinhar*.

A **composição**, por sua vez, é um processo que contempla a união de, pelo menos, duas bases, diferentemente da derivação afixal, que contempla a adjunção de formantes a uma base. De acordo com Correia e Almeida (2012), existem dois tipos de composição: composição morfológica e composição morfossintática.

A **composição morfológica** “consiste na construção de palavras compostas a partir de unidades infralexicaais de significado lexical, unidades não autônomas” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 52), mas também podem ser construções com duas bases presas de origem grega ou latina ou uma base presa mais uma palavra autônoma; deste modo, estão presentes, principalmente, na terminologia de linguagens especializadas, técnico-científica ou filosófico-literária, como *sociopata*, *pedófilo*, *eletrofita*, *eletronuclear*. Geralmente, entre os componentes, intervém uma vogal [i] ou [o]. Foi detectado na amostra apenas um tipo de neologismo formado por composição morfológica: *monstriforme*.

A **composição morfossintática** é uma unidade lexical complexa em que se identifica a justaposição de duas bases autônomas, *nome+nome* ou *verbo+nome*, em uma relação de determinante e determinado. Os compostos *nome+nome* mais frequentes são os endocêntricos, “que se caracterizam pelo fato de o composto denominar um hipônimo do seu núcleo” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 54), isto é, o nome da direita funciona como um

modificador do nome da esquerda, que, por sua vez funciona como um núcleo do composto. O elemento da direita está, portanto, subordinado ao elemento da esquerda. São exemplos de neologismos formados por composição morfossintática: *meio-fora*, *isto-aquilo*, *lei-de-fora*.

A **conversão**, também chamada derivação imprópria (CORREIA; ALMEIDA, 2012), não é um processo criador *ipsis littera*, mas um processo transformador, ou conversor, por meio do qual uma palavra migra de uma classe gramatical para outra. São exemplos de neologismos formados por esse processo: *alguns*, que migra de pronome para substantivo; *enquanto*, que migra de advérbio para substantivo; *hipopótama*, que passa por uma conversão intraclasse, de substantivo epiceno passa a substantivo biforme, adquirindo a marca morfológica de gênero.

2.5.1.2 Processos deformacionais de criação de palavras

Processos deformacionais de criação de palavras (CORREIA; ALMEIDA, 2012), ou processos não-concatenativos (GONÇALVES, 2016), produzem neologismos operando algum tipo de encurtamento, de truncação, de cisura, de fragmentação, de repetição, de fusão ou de cruzamento de palavras ou de partes de palavras.

A **decomposição sublexical** é um processo de criação de palavras a partir da fragmentação de palavras maiores em unidades menores que são interpretadas como duas ou mais unidades lexicais. Assim, por exemplo, à *leilão* atribui-se a ideia de *uma mulher chamada Leila com uma estatura fora do comum*, e não a ideia de um evento onde se compra um item de considerado valor por meio de diversas e alternadas ofertas em quantias até o limite máximo ofertado; por *alta-combustão* entende-se *uma mulher alta com fartos seios*; e *bimestre* passa a ser entendido como *um indivíduo com dois títulos de mestrado*. Nestes exemplos, unidades de sons componentes das palavras são interpretadas como se fossem itens lexicais: *Leila*, *alta*, *busto*, *mestre*; formantes afixais: *-ão* e *bi-*; e elementos relacionais: *com*. São casos em que, “por questões expressivas e com base unicamente na forma, reconhecem-se duas ou mais formas de unidades lexicais em itens não necessariamente complexos” (GONÇALVES, 2016 p. 44), isto é, por questões estritamente fonológicas, uma ou mais partes destes itens lexicais remetem a um radical ou a um afixo. Nesta pesquisa, foi detectado apenas um exemplo de neologismo formado por decomposição sublexical: *passiva idade*, decomposto de *passividade*.

A **reduplicação**, de acordo com Gonçalves (2016, p. 69), é um processo de afixação não-linear, “uma vez que envolve a cópia de material fonológico de uma base, à qual se chega, algumas vezes, por meio de um encurtamento. Pode ocasionar a repetição de toda a palavra ou

de apenas parte dela (à esquerda ou à direita), com ou sem alteração fonológica”. Assim, *choro* pode dar origem a *chororô*, e *bolo* (confusão) pode dar origem a *bololô*. No *corpus*, foi encontrado apenas um neologismo formado por reduplicação: *repetepete*, formado a partir do vocábulo *repete*.

A **acronímia** é um processo de criação de palavras em que a unidade lexical é formada por letras ou grupos de letras cuja combinação de letras possibilita pronunciar o vocábulo como uma nova palavra na língua (GONÇALVES, 2016), como *UPA*, de Unidade de Pronto-Atendimento, *URCA*, de *Universidade Regional do Cariri*, ou *UECE*, de *Universidade Estadual do Ceará*, que se organizam conforme os padrões fonológicos e silábicos da língua portuguesa. No *corpus*, foi encontrado apenas um exemplo de neologismo formado pelo processo acronímico: *PIDE*, cujo sintagma formador é *Polícia Internacional de Defesa do Estado*.

A **hipocorização**, segundo Gonçalves (2016), é o processo por meio do qual os antropônimos são encurtados por motivações afetivas, resultando em uma forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original. A forma resultante, o *hipocorístico*, não se confunde com o *apelido*, visto que mantém a relação com o nome do qual é produto, enquanto o apelido não apresenta esta relação. Deste modo, um hipocorístico é sempre um apelido, mas a recíproca não é verdadeira. A hipocorização se realiza sempre por meio de outros tipos de processos de criação lexical. Por isso, nesta pesquisa, decidimos classificar o processo que dá origem ao hipocorístico em vez de simplesmente rotular o neologismo como um hipocorístico. Desse modo, o neologismo *Novidadinha*, hipocorístico formado a partir do nome *Novidade*, foi classificado como um caso de derivação sufixal, pois é a adjunção do afixo que gera o neologismo. De modo similar, classificamos o processo criador do hipocorístico *Zé Paulão*, do nome José Paulo, como truncamento e derivação sufixal.

O **truncamento**, também chamado *truncação* e *abreviação vocabular* (CORREIA; ALMEIDA, 2012), é um processo por meio do qual uma palavra se reduz. O truncamento não apresenta uma regra pela qual possamos prever um produto a partir de uma palavra primitiva. De acordo com Gonçalves (2016, p. 79), “é o processo em que a relação entre uma palavra derivada e sua base é expressa pela falta de material fonético na palavra derivada”. Geralmente, entre base e forma derivada, não há distanciamento de significado, mas é frequente uma mudança de valor estilístico. De acordo com o autor, o processo pode ou não atingir os constituintes morfológicos. Para ele, os elementos formantes de compostos neoclássicos, chamados prefixos composicionais, podem ser utilizados sozinhos com referência ao todo de onde foram retirados, adquirindo, com isto, estatuto de palavra: meus filhos são *héteros* (por

heterossexuais), já fiz dois *cardios* (por *eletrocardiogramas*), a casa possui duas *hidros* (banheiras de *hidromassagem*), estou fazendo *psico* (por *psicologia*). No *corpus*, consta apenas um neologismo formado por truncamento: *Zé*, de *José*, o qual faz parte do hipocorístico *Zé Paulão*.

O **cruzamento vocabular**, segundo Gonçalves (2016), é um termo que faz referência à mistura de fragmentos de palavras existentes, em que “as formas resultantes refletem, iconicamente, suas palavras-matrizes” (GONÇALVES, 2016, p. 75). Alves (1990) diz que se trata de um processo inovador, mas bastante irregular e o chama de *palavra-valise*. Em Correia e Almeida (2012), não se encontra uma discussão aprofundada sobre este processo, ao qual denominam amálgamas, *mots-valise*, *palavra-valise* ou *blends*. As autoras apenas afirmam que se trata de “unidades lexicais constituídas com partes de outras palavras, que se juntam, formando uma palavra gráfica”. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 57). Apenas dois exemplos são apresentados, os quais, por si só, evidenciam que se trata de palavras formadas por processos distintos, mas que foram arroladas como se fossem resultados de um mesmo processo: *portunhol*, de *português* + *espanhol*; *aborrescente*, de *aborrecimento* + *adolescente*.

O primeiro exemplo mostra que tal amálgama foi formada pela parte inicial de uma palavra, *portu*, e pela parte final de outra, *nhol*. Não é o caso de *aborrescente*, na qual identificamos *aborre* de *aborrecimento*, e *a...o...escente*, de *adolescente*. É possível ver que quase toda a palavra *adolescente* está presente em *aborrescente*, mas apenas uma parte truncada de *aborrecer* está completa em *aborrescente*. Além disto, alguns fones de *adolescentes* são, em uma sequência não linear, apagados para evidenciar outros fones de *aborrecimento*. Tal apagamento não é fortuito, mas tem por escopo evidenciar o entranhamento da parte truncada, *aborre*, na palavra *adolescente*. É este entranhamento que dá origem ao neologismo. De fato, Gonçalves (2016), apresentando o exemplo *burrocracia*, no qual se vê o entranhamento de *burro* na palavra *burocracia*, dá a este tipo de cruzamento o termo *entranhamento lexical*, o qual “consiste na fusão de duas palavras pela interposição de uma a outra” (GONÇALVES, 2016, p. 77). Do ponto de vista fonológico, as duas palavras-matrizes são literalmente superpostas, de modo que um ou vários segmentos são compartilhados. Sobre este fenômeno peculiar, Basílio (2010) já tecera refinadas considerações.

A **fusão vocabular expressiva** é um processo de criação lexical em que “as palavras-fontes estão envolvidas por inteiro” (BASÍLIO, 2010, p. 202) e resultam de um esquema cognitivo produtivo, não de uma regra de formação de palavras. A autora dá a este processo o nome de *fusão vocabular expressiva*, caracterizando-a da seguinte maneira:

A fusão vocabular expressiva, ou *fuve*, é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base (BASÍLIO, 2010, p. 202).

Deste modo, ambas as palavras-fonte são trazidas de forma integral à mente do falante/ouvinte. Uma *fuve* bem elaborada “ocorre com a mínima interferência fonológica capaz de, ao mesmo tempo, manter integralmente a palavra base e evocar o qualificador (BASÍLIO, 2010, p. 203). O esquema cognitivo subjacente à formação de uma *fuve* é a incorporação de um qualificador a uma palavra base de fonologia semelhante, de modo que o significado da palavra base é modificado pelo significado do qualificador e o qualificador é reconhecido por meio de uma pequena alteração fonológica na base.

Como se pode observar, não é o caso de *portunhol*, em que as duas palavras-fonte não compartilham traços fonológicos semelhantes e em que a palavra não resulta de uma mínima interferência fonológica, mas da agregação de dois elementos truncados, o que se assemelha muito mais a um caso de composição pós-truncamento. Além disto, trata-se de um caso de designação com referente único: denomina um tipo de variedade de língua portuguesa que é resultado da mistura de outras variedades.

Nos exemplos *burrocracia*, *aborrescente*, *mautorista*, *boilarina* e *chafé*, presentes em Basílio (2010), a palavra inserida, entranhada, é interpretada como um qualificador da palavra invadida; assim, *burro* qualifica a *burocracia*; *aborrecimento* define o *adolescente*; *mau* qualifica o *motorista*; *boi*, um animal grande e pesado, caracteriza a *bailarina*, dançarina cujas características de leveza e graça devem ser essenciais; por fim, *chá* designa a consistência aguada de um *café*. Nestes exemplos de fusões vocabulares, o qualificador tem um mínimo de explicitude, o qual é, todavia, plenamente suficiente para o reconhecimento inequívoco.

Em suma, a *fusão vocabular expressiva* produz uma lexia formada de lexemas inteiros; deste modo, não pode ser classificada como cruzamento vocabular, nem deve ser confundida com a composição, como o fazem alguns autores, porque, diferentemente desta, não tem aspecto linear; isto é, a palavra nova não é formada por meio de concatenação dos elementos componentes, mas por meio de fusão quase total de um elemento em outro. De acordo com a autora, *fuves* são mecanismos com acurada expressividade, tanto na fala coloquial quanto na escrita literária, na qual despontam Guimarães Rosa e Mia Couto, conforme também Carvalho (2008) identificou em sua dissertação de mestrado, na qual analisou 106 palavras formadas por meio de fusão vocabular em duas obras do escritor moçambicano.

Por outro lado, o caso de *portunhol* corresponde ao que Gonçalves (2016) chama de *combinação truncada*. Em consonância com Basílio (2010), este autor diz que há, em casos

similares, “um tipo de composição em que uma palavra componente é truncada (isto é, sofre encurtamento, perde massa fônica) e se une à outra, igualmente truncada ou não”, (GONÇALVES, 2016, p. 77), neste sentido, “o significado do produto corresponde a uma combinação quase sempre transparente dos significados de ambas as palavras”.

Nesta pesquisa, são considerados neologismos formados por cruzamento vocabular aquelas unidades lexicais constituídas por duas ou mais bases de um modo que ambas as partes das lexias constituintes são identificáveis de forma linear, tendo um ponto de contato em comum. Por exemplo, o neologismo *nenufaralhudas* é formado por *nenúfar* e *farfalhudas*, tendo como ponto de contato a sílaba <far>, ao lado esquerdo dessa sílaba está o restante da palavra *nenúfar* e ao lado direito está o restante da palavra *farfalhudas*. Em suma, no cruzamento vocabular o resto da forma de cada lexia-base continua linearmente para os lados da sílaba que as une.

De modo diferente, são considerados neologismos formados por fusão vocabular aquelas unidades lexicais constituídas por duas ou mais bases em que uma está completamente fundida à outra e o ponto de identificação está justamente na palavra que é introduzida para fundir-se. Por exemplo, o neologismo *crystalinda* é formado pelas lexias *crystalina* e *linda*, esta se introduz naquela e se funde, e o ponto que indica a presença da palavra introduzida é a consoante [d]. Outro exemplo de fusão vocabular é o curiosíssimo verbo *zulular*. Este neologismo é formado pelas lexias *zular*, *ulular* e *luar*, estas duas estão completamente introduzidas na primeira, de forma que os fones constituintes de *zular* se dispersam de forma dentro da forma neológica, [zul] *ulu* [ar], e os pontos de contato que indicam a presença das palavras introduzidas são vários.

2.5.1.3 Processos semânticos de criação de palavras

Por meio de um processo semântico metafórico ou metonímico, pode-se criar um item lexical a partir de um outro item lexical já existente, sem que a forma deste seja alterada. Deste modo, as palavras já existentes tornam-se polissêmicas e seus sentidos só serão efetivamente compreendidos em um cenário específico. Na verdade, praticamente todas as palavras da língua são polissêmicas, o que ocorre é que o processo de neologia semântica lhes atribui um significado novo, por meio de uma comparação entres esquemas conceito-culturais ou por relações de parte e todo, conteúdo e continente etc. (FERRAREZI JR., 2018, 2013).

Para Correia e Almeida (2012), nos processos de neologia semântica, uma palavra que era usada em um determinado registro de língua passa a ser usada em um registro

completamente diferente. Para estas autoras, trata-se de recursos cognitivos que facilitam a conceptualização da realidade que permitem “apreender de forma mais eficiente estruturas conceptuais que nos são estranhas, ou pela sua abstração, ou pelo nível de conhecimento especializado que requerem” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 64), por exemplo, a palavra *braços*, na linguagem cotidiana designa os membros superiores do corpo humana, mas, na linguagem especializada da Astronomia, por exemplo, designa cada uma das espirais de uma galáxia. A neologia semântica pode formar lexias simples e lexias compostas, como o exemplo, encontrado em Correia e Almeida (2012, p. 65): *capacete azul*, composto que designa uma parte do fardamento dos militares das Nações Unidas e que passou a designar, por extensão metonímica, o próprio militar.

Para as autoras, o processo de neologia semântica ocorre por meio de um empréstimo interno, em que um item lexical passa de um vocabulário a outro, de uma linguagem de especialidade a outra, de uma linguagem de especialidade à linguagem comum e da linguagem comum a uma linguagem de especialidade. Deste modo, ocorre a transferência de registro linguístico motivada por intenções pragmáticas. São exemplos de neologismos semânticos encontrados na obra: *sangues*, que adquire o traço [+contável], *tirilene*, que, de nome próprio, passa, por um processo metonímico, a designar um tipo de tecido, e *lenho*, que adquire o sentido de ‘*coco verde*’.

2.5.1.4 Importação de palavras

Por meio deste recurso neológico, um sistema linguístico importa palavras de sistemas linguísticos estrangeiros. O contato entre as sociedades, e seus produtos culturais, são responsáveis por este tipo de incorporação (ROMERO, 2017). Quando o empréstimo se resume apenas à entrada da unidade lexical estrangeira, sem nenhuma modificação, tem-se o caso de **estrangeirismo**. São exemplos de estrangeirismos no *corpus*: *bâton*, *namwetxo moha*, *moya*, *tchova-xitaduma* e *xicuembo*.

A **integração** ocorre quando a palavra estrangeira sofre modificações fonéticas, morfológicas, sintáticas (como alteração no gênero gramatical) e ortográficas, integrando-se completamente ao sistema da língua importadora. No *corpus*, constam dois neologismos desse tipo, o verbo *eclatar*, importado do francês, *éclater*, e o verbo *tchovar*, derivado da forma importada *tchova*.

2.6 A Semântica de Contextos e Cenários

Esta pesquisa se propõe a investigar o material linguístico da obra *Estórias abensonhadas*, de Mia Couto, a fim de identificar e analisar os processos de criação lexical e os produtos deles resultantes. Dentro deste objetivo, propõe-se também a compreender os sentidos que as unidades lexicais neológicas constroem no ambiente linguístico em que aparecem e quais aspectos da sociedade e da cultura eles revelam. Deste modo, esta pesquisa encontrou fundamentação nas premissas de uma teoria dos sentidos que considera a importância da cultura na elaboração e compreensão dos sentidos, a Semântica de Contextos e Cenários (FERRAREZI JÚNIOR, 2019, 2018, 2013, 2010).

Na evolução dos estudos semânticos sobre os sentidos e os significados nas línguas, surge uma corrente conhecida como Semântica Cultural, que destaca as influências de atribuição de sentidos mediadas pelas experiências sociais, históricas e culturais das comunidades. Esta corrente entende, por exemplo, que algo considerado alimento para um brasileiro não o é para um hindu, e que nomes de cores, de flores e de paisagens não compartilham as mesmas significações para culturas diferentes distantes no tempo e no espaço. De fato, como bem evidenciado por Alinei (1983, 1984), mesmo um elemento universal como o arco-íris pode ter diversas significações dependentes de como cada povo organiza a realidade empírica e a transforma em conhecimento.

Conforme esta abordagem, surge uma vertente da Semântica Cultural chamada Semântica de Contextos e Cenários – doravante, SCC –, a qual estuda a construção e a atribuição dos sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que esta mesma língua é utilizada. A SCC considera que a língua é “um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e de seus eventos” (FERRAREZI JÚNIOR 2018, p. 12). É possível notar que, nesta definição, estão presentes as concepções encontradas também nas elucubrações de Coseriu (1982) apresentadas no início deste capítulo: *sistema, sociedade, cultura, representação de mundos* (aspectos referenciais e criacionais).

Para a SCC, o sistema linguístico socializado é uma forma de representar os mundos de acordo com uma base cultural. A língua, portanto, deve “dar conta de representar tudo que a cultura contempla, pois tudo o que pensamos e fazemos deve, de alguma forma, poder ser representado pela língua que falamos” (FERRAREZI JÚNIOR; BASSO, 2013, p. 74). Como a língua é uma criação humana, ela faz parte da cultura, ao mesmo tempo em que ajuda a criá-la. A SCC admite uma inter-relação e interinfluência entre pensamento, língua e cultura na construção dos sentidos atribuídos às palavras. Para a SCC, o sentido é uma ideia geral que os falantes de uma língua vinculam a um sinal qualquer, relativo a um objeto do mundo real ou

dos mundos possíveis. Este sinal pode ser um som, uma melodia, uma entoação, uma estrutura sintática etc. Cabe à SCC estudar os sentidos manifestados na linguagem. Na perspectiva da SCC, é impossível que uma língua crie sentidos sem a existência de uma cultura, a qual serve de ponte para tal. Não há, nas palavras, um sentido fixo, nem sentidos que não estejam relacionados à cultura em que elas aparecem, posto que estas são sinais para a representação do mundo e dos seus eventos.

Os sentidos são construídos com base no *Princípio de especialização dos sentidos*, que diz: “o sentido de um sinal-palavra somente se especializa em um contexto e o sentido do contexto somente se especializa em um cenário” (FERRAREZI JÚNIOR, 2010, p. 120). Um *sinal* pode ser a palavra e todos os outros elementos a ela associados no processo representativo, como a melodia ou a ordem sintática, para que possa atuar como elemento representativo. O *contexto* é o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto. O *cenário* é o conjunto de conhecimentos culturais; compreende, portanto, os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais.

Especializar um sentido é defini-lo com precisão, o que exige uma definição exata no processo de comunicação que envolve a inserção de um sinal em um contexto e cenário específicos. Nesta pesquisa, em virtude da adoção dos conceitos de *sinal-palavra* pela SCC e de *lexia* e de *neologismo* pela Lexicologia, o termo *sinal-palavra* equivale à *neologismo*. Esta decisão enfatiza mais o aspecto estrutural do que os demais elementos adotados pela SCC para registro de sinalidade, pois não há como registrar todas as dimensões da sinalidade na forma escrita. Na SCC, o *contexto* é, pois, a dimensão linguística. O *cenário*, por sua vez, é a *dimensão cultural, extralinguística*, ou seja, é o local de emprego da *lexia*, em que o seu sentido é construído social e coletivamente. Segundo Ferrarezi Júnior (2010), nesta dimensão constrói-se uma visão de referência; isto é, quando sentidos são atribuídos a sinais, não é a referência em si que é mais importante, senão como ela é vista e construída por meio da cultura.

Ocorre, portanto, uma especialização de sentidos: “o sentido de um sinal se especializa no contexto e este contexto toma do cenário as pistas necessárias para este processo de especialização, tudo de forma cíclica e recursiva” (FERRAREZI JÚNIOR, 2010, p. 128). As especificidades do processo de leitura provocam algumas mudanças no conjunto de ações envolvidas na especialização de sentidos. Na perspectiva da SCC, quando lemos um texto,

[...] não há um cenário rico em pistas (como o cenário de uma conversa face a face) que possa servir de pano de fundo para processar as especializações de sentidos. Então, temos que partir diretamente do contexto para construir esses cenários e

reconstruir os prováveis sentidos dados aos sinais-palavras pelo autor. Por isto é que é mais fácil que leitores entendam (ou não entendam...) os textos de forma diferente daquela intencionada pelo autor, do que acontece em situação normal de diálogo. Isto porque o autor, ao construir o texto, tinha um cenário em mente, e o leitor certamente terá outro quando o ler. Mas isto de deixar o contexto livre de cenários prévios pode ser proposital. O grande mérito da poesia, por exemplo, é o de permitir a criação dos mais diversos cenários, permitindo que o texto assuma as mais diversas significações [...] (FERRAREZI JÚNIOR, 2010, p. 129).

Deste modo, no processo de leitura, devemos estar atentos às referências a eventos históricos, a aspectos sociolinguísticos e culturais para interpretar adequadamente as especializações de sentido acerca do que lemos (SOUSA, 2017). Assumindo que os sentidos não estão fixos nas unidades lexicais, mas são especializados em contextos e cenários, a SCC descarta a concepção da existência da metáfora e da metonímia como uma relação de atribuição do sentido de uma palavra pelo sentido de outra, no âmbito do sistema linguístico (SOUSA, 2017). Ferrarezi Júnior (2010, p. 165) defende que a metáfora é um fenômeno que “não se realiza na linguagem, mas no pensamento”, visto que a mente humana realiza transferências, cruzamentos entre domínios conceituais. Para a SCC,

[e]sses domínios conceituais, ou seja, os conceitos mentais que temos de alimentos, atividades sociais, sentimentos humanos, crenças etc., se formam a partir de uma carga cultural e pelo trabalho individual de cada falante sobre essa carga cultural; por isso, essa vertente da Semântica prefere usar o termo *categorias culturais* em vez de domínios conceituais. Essas categorias ou paradigmas culturais equivalem ao que a tradição nos estudos linguísticos chama de campos semânticos, que é o agrupamento de palavras de cunho ideológico e linguístico por meio de uma rede de associações e interligações de sentidos. Com base nesses pressupostos, acreditamos que podemos utilizar, então, a expressão “campos semântico-culturais” para nos referirmos a esses paradigmas categoriais que se expressam por meio de sentidos especializados em uma língua natural (SOUSA, 2017, p. 74).

A SCC considera a metáfora uma “associação de uma característica de um elemento de um paradigma cultural a outro de outro paradigma, ou seja, uma operação de analogia” (FERRAREZI JÚNIOR, 2008, p. 201). Deste modo, a metáfora é a utilização de uma expressão que apresenta um sentido costumeiro bem definido em uma comunidade de falantes com outro sentido diverso daquele, mas presente nesta mesma comunidade, mesmo que para ele não exista uma expressão específica.

2.6.1 Os campos semântico-culturais

Para a SCC, o pensamento organiza a carga cultural da realidade em domínios conceituais, constituídos por um agrupamento de palavras de cunho ideológico e linguístico que tecem uma rede de associações e interligações de sentidos. Estes domínios são

tradicionalmente tratados na literatura dos estudos linguísticos sob o termo *campos semânticos*. Contudo, como a SCC considera que a cultura influencia na atribuição dos sentidos, na compreensão dos sentidos costumeiros e na especialização dos sentidos particulares, esta teoria adota a ideia de *campos semântico-culturais*. Nestes campos, as palavras não se organizam por oposições estruturais a partir de traços semânticos mínimos, como geralmente acontece nos campos semânticos tradicionais, posto que as palavras não possuem, nesta teoria, significado intrínseco e fixo. As palavras de cada campo constroem uma rede de associações e interligações de sentidos, nos quais se vislumbram aspectos da cultura de uma forma geral, isto é, palavras que reportam o mundo conforme a visão do falante culturalmente situado, pois, nesta teoria, o que mais interessa não é a referência ao elemento extralinguístico, mas sim a forma como o falante vê o mundo pelos prismas da sua cultura e de suas idiossincrasias.

Sousa (2020) apresenta exemplos do campo semântico-cultural *religiões e crenças* que o cantor e compositor Luiz Gonzaga constrói em suas composições, nas quais o locutor faz uso de lexias que demonstram a fé cristã do homem do sertão, predominantemente representada pelos seguidores da Igreja Católica Apostólica Romana: “o sertanejo, fervoroso devoto, busca resignar-se pela sorte vivida e apela para a divindade, santos ou religiosos venerados pelos nordestinos, a fim de aplacar os sofrimentos decorrentes da seca prolongada e da dor da perda” (SOUSA, 2020, p.15-16). Em várias composições, constam lexias como *Padim Ciço*, referente ao Padre Cícero, e *Frei Damião*, personagens de grande importância para o sertanejo devoto, além de inúmeras vezes a lexia *reza* e a lexia *campa*, que, no cenário específico, refere-se a uma sineta. Além disto, em sua tese de doutoramento, Sousa (2017) destaca o campo semântico-cultural *seca* e elenca todas as lexias presentes nas composições de Luiz Gonzaga que apresentam aquela realidade conforme a visão que o sertanejo tem dela.

Na obra *Estórias abensonhadas*, o neologismo *Tristereza*, por exemplo, faz parte do campo semântico-cultural *ser*, da essência do humano, e do campo semântico-cultural *memória e identidade*, posto que a personagem tem aquele nome exatamente por ser uma portavoza da tradição e da memória, a qual, naquele cenário específico, carece de felicidade, pois expressa a própria guerra e a destruição da identidade moçambicana.

Cabe ressaltar que, para a SCC, os nomes próprios contêm marcas culturais, pois, principalmente nas culturas dos povos orientais e naquelas dos povos primevos, os antropônimos são informativos e expressam aspirações dos que nomeiam em relação aos nomeados, planos, desejos pessoais, bênçãos ou maldições e características físicas familiares (BIDERMAN, 1998). Deste modo, diferentemente do que acontece nos estudos tradicionais dos campos semântico-lexicais, os nomes próprios podem constituir domínios conceituais.

Este percurso pela SCC é necessário porque o estudo dos neologismos na obra de Mia Couto não pode ser desvinculado dos seus aspectos sociais, culturais e históricos, indispensáveis para a construção, uso e compreensão dos sentidos especializados em contextos e cenários específicos. Continuando este percurso, a seção a seguir apresenta elucubrações sobre o discurso literário e algumas informações pertinentes sobre o cenário de produção da obra *Estórias abensonhadas*, a fim de emoldurá-la corretamente no quadro dos propósitos desta pesquisa.

2.7 Discurso literário e a obra *Estórias abensonhadas*, de Mia Couto

Porque uma obra literária está no centro das atividades desta pesquisa, é útil tecer considerações sobre discurso literário a fim de identificar nitidamente os elementos componentes desta pesquisa. Definir discurso literário é tarefa fatigante e inglória, pois, ao longo dos séculos, várias foram as tentativas de caracterizar a obra literária como tal. As abordagens variam ora tomando como ponto de partida os aspectos intrínsecos ou formais da obra, ora tomando como ponto de partida os aspectos externos à obra; às vezes, unindo-os em uma teia de relações.

Como forma de estabelecer um ponto de partida sobre o texto literário como um artefato linguístico, esta pesquisa toma em consideração as elucubrações de Bakhtin (2011, p. 261), que afirma: “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. A linguagem é, portanto, uma ferramenta social, que funciona como propulsora da comunicação e da interação entre os seres humanos. A língua se realiza por meio de enunciados, orais ou escritos, proferidos pelos integrantes dos diversos campos da atividade humana. De acordo com o filósofo russo,

[e]sses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Os enunciados são, conforme o autor, particular e individual, “mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262), os quais o mestre russo denomina *gêneros do discurso*. Como as atividades humanas constituem um campo de inúmeras formas de ação, os gêneros do discurso são também inúmeros. Na esfera destas atividades, encontra-se o texto literário, como âmbito de efetivação de uma forma de discurso particular e, ao mesmo tempo, estabilizado.

Como forma de expressão, o discurso literário se apresenta com traços singulares que o torna distinto de outros tipos de discurso, como o da história, o da ciência e o da religião, pois visa à estética, ultrapassa a simples informação referencial, afasta-se dos discursos cotidianos e valoriza o ficcional sobre o real. De acordo com Proença Filho (2007), o texto literário revela emoções profundas, e o autor, artista da palavra, consegue atingir o repertório cultural de seus leitores. De acordo com este estudioso da Literatura:

[a] fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele emoções profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, copartícipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7-8).

A linguagem poética, como outrora evidenciado por Jakobson (2010) no berço do formalismo russo, não se confunde com a linguagem comum, mas, ao mesmo tempo, a linguagem comum, organizada de outra forma, é utilizada na poesia, o que caracteriza o emprego da função poética da linguagem. Para Cardoso (2018, p. 16),

[é] justamente essa diferença entre a comunicação estabelecida com o uso cotidiano da língua e a comunicação estabelecida com o uso da língua na expressão literária que faz com que se possa perceber no discurso literário toda uma variedade de significações e daí toda a originalidade da expressão verbal.

É a forma especial de dizer que produz um significado próprio, ponto que distingue o texto literário de outras formas de comunicação do cotidiano. Contudo, como diz Maingueneau (2010 *apud* CARDOSO, 2018, p. 18),

[...] o texto não é somente o vestígio de uma atividade enunciativa, mas o produto de uma história geralmente muito rica, um enunciado que geralmente atravessou múltiplos contextos, sofrendo constantes modificações, um objeto de múltiplas culturas.

De fato, Bakhtin (2011) também diz que todo discurso revela, em menor ou maior grau, o discurso de outros, com o qual mantém relações dialógicas. Assim considerado, é impossível dissociar o texto literário do universo sociocultural e da ideologia de uma sociedade de uma época. Recordar-se, portanto, o *critério de referência ao mundo*, tecido por Seeliger (1980 *apud* NOMURA, 1996), ligado mais ao conteúdo do que à forma, o qual admite a multiplicidade de mundos literários: o texto literário refere-se a si mesmo, isto é, ao mundo construído dentro dele e que se refere indiretamente ao mundo real (na acepção fenomenológica

do termo), mas também refere-se ao mundo da literatura, colocado contra um painel de fundo sociocultural e literário, formado por um contexto múltiplo de interação destes fatores, os quais irão influenciar as condições de produção e recepção de textos.

O discurso literário é, portanto, um ato linguístico e, como tal, “[d]eve ser tratado também pela linguística como um gênero distintivo plural que mescla aspectos linguísticos e estilísticos, refletindo o contexto, a ideologia do autor, o momento socio-histórico-cultural etc.” (CARDOSO, 2018, p. 16). Ademais, o texto literário é uma manifestação verbal e, como tal, torna-se um registro de uma face da língua, que indicia um *chronos* e um *topos*, além de alguns *strata* e várias *phasis*. Assim compreendidos alguns dos diversos aspectos do texto e do discurso literário, pode-se melhor focar o objeto que serviu de *corpus* para esta pesquisa, a obra literária *Estórias abensonhadas*, de Mia Couto.

Os textos que compõem a obra *Estórias abensonhadas* foram, como bem evidenciado pelo autor, escritos depois da guerra, durante a qual, “*por incontáveis anos, as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique*” (COUTO, 2012, p. 5). Embora Mia Couto mencione *guerra*, no singular, o contexto socio-histórico evidencia que se trata, na verdade, de duas guerras. A primeira delas ocorreu entre os militantes da *Frente de Libertação de Moçambique* (FRELIMO) e os colonizadores portugueses, que dominavam Moçambique sob o regime salazarista, o qual findou em 1975, após a queda do ditador Salazar, resultando na independência de Moçambique. A segunda ocorreu durante o arco temporal de 1975 a 1992, em uma mortífera guerra civil entre o governo da FRELIMO e a *Resistência Nacional de Moçambique* (RENAMO), que deixou mais de um milhão de mortos, até a assinatura de um tratado de paz em 1992. Nota-se que Mia Couto considera como se fossem um único e catastrófico evento as duas grandes tragédias que assolaram a sua terra.

A obra em tela foi publicada em 1993, um ano após a firmação do acordo de paz. Mia Couto (2012) diz que as histórias ali contadas lhe surgiram “*entre as margens da mágoa e da esperança*” (COUTO, 2012, p. 5); da mágoa porque ele acreditava que os resultados da guerra seriam apenas cinzas e destroços; da esperança porque ele viu que “*onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo*” (COUTO, 2012, p. 5). Nesta afirmação, que sabe de poesia, destaca-se a palavra *semente*, que, termo de conhecimento íntimo de Mia Couto, deixa transparecer a ideia da geração de uma nova vida, de um novo mundo, de uma nova identidade; em suma, de uma nova realidade para Moçambique, pois, como ele mesmo afirma, as estórias falam de um território onde “*nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada*” (COUTO, 2012, p. 5), um território de sonhos, onde todo homem é igual, onde todo homem finge que está, sonhando que vai e inventando que volta

(COUTO, 2012).

Deste modo, a obra *Estórias abensonhadas* se apresenta como uma expressão poética dos fatos sociais e históricos que permearam Moçambique durante este período de fecundação e de nascimento de uma nova sociedade, em que o passado, das tradições moçambicanas, e o presente, da reconstrução de Moçambique, se misturam e se confundem, em busca de uma identidade. Por isso, os textos não pretendem significar coisas novas, mas ressignificar o mundo moçambicano, pois o homem moçambicano sonha que vai em direção a um futuro *abensonhado*, mas também inventa que volta ao seu passado, não aquele de colonizado, mas aquele das estórias, da sua tradição, da sua memória e da sua identidade (AGUIAR, 2009). Como objeto mimético, os textos ali presentes expressam uma verossimilhança do contexto do qual emergem. A linguagem ali presente migrou de uma situação real de uso para a escrita ficcional, tornando-se uma linguagem ficcionalizada (NGOMANE, 1999). Uma linguagem que busca toda a potencialidade da língua portuguesa para expressar uma realidade que não é a sua, que não lhe pertence.

Assim, em consonância com Cardoso (2018), esta pesquisa considera que o discurso literário dos textos de *Estórias abensonhadas* deve ser compreendido linguisticamente em função do seu cotexto e do seu contexto. Em suma, os sentidos desta obra e, particularmente, dos neologismos, serão compreendidos efetivamente se forem considerados o contexto e o cenário de produção (FERRAREZI JÚNIOR, 2019, 2018, 2013, 2010, 2008), porque, embora seja a neologia um mecanismo de renovação lexical altamente produtivo e dinâmico, “o neologismo só pode ser entendido e definido em situação de produção, em que apareçam conjugados o contexto intra e extralinguístico” (BARBOSA, 1996, p. 81). O exame dos neologismos, nos textos da obra em foco, deve levar em conta o conjunto da situação de produção e o discurso no qual se insere, pois somente assim a sua caracterização formal – estrutura – e funcional – função linguística e ideológica – pode ser feita.

Findado este capítulo sobre os pressupostos teóricos essenciais às bases da pesquisa aqui relatada, o capítulo seguinte apresentará os métodos e as técnicas adotadas nas etapas de coleta e de tratamento dos dados.

3. METODOLOGIA

“A água sabe quantos grãos tem a areia. Para cada grão ela faz uma gota.” (COUTO, 2012, p. 44.)

3.1 Método de abordagem e tipo de pesquisa

A pesquisa partiu das observações de um fenômeno particular, os neologismos nos textos de uma obra literária, seus sentidos no discurso realizado e sua relação com as dimensões social, histórica e cultural – a percepção, a conceptualização e a codificação, em grandezas-signos, dos fatos da realidade natural – para, das regularidades verificadas, avançar a uma generalização sobre os aspectos identificados, o que caracteriza a adoção do método indutivo. A pesquisa realizada encontra-se dentro do quadro classificativo de Gil (2002), conforme apresentado a seguir.

A natureza desta pesquisa é básica, pois o seu escopo é gerar conhecimentos úteis para a compreensão do fenômeno da neologia e dos processos de formação de palavras em língua portuguesa, em particular no texto literário, em sua relação com as dimensões social, histórica e cultural. Neste sentido, o objeto da pesquisa foi abordado de forma qualitativa, porque a investigação analisou as particularidades existentes na tríplice relação língua-linguagem-sociedade, o que conduziu a uma análise indutiva dos dados, em que o foco serão os significados desta relação.

Os objetivos da pesquisa têm caráter descritivo, porque descrevem as características da neologia e dos neologismos nos textos em questão, descrevendo também as particularidades da relação língua-linguagem-sociedade presentes neles. Deste modo, os procedimentos técnicos foram de cunho bibliográfico, porque foram realizados a partir da leitura de textos de uma obra literária publicada em formato de livro constituída por vinte e seis contos da qual foram coletados os dados necessários à formulação do *corpus* de análise.

3.2 Delimitação do universo e da amostra

Constituíram o universo desta pesquisa todos os 26 contos presentes na obra

Estórias abensonhadas, de Mia Couto. Todos os neologismos formados por lexias simples e por lexias complexas (com exceção das unidades fraseológicas cujo sentido é idiomático) que resistiram ao crivo do *corpus* de exclusão constituíram a amostra.

3.3 Procedimento de coleta de dados

Os procedimentos desta pesquisa obedeceram aos preceitos estabelecidos pelo *Observatório de Neologia do Português*, doravante ONP, realizado pela equipe do *Centro de Estudos em Léxico e Terminologia da Universidade de Lisboa*, coordenado por Margarita Correia, os quais estão em linha de acordo com os protocolos de metodologia para o trabalho com neologismos do *Observatório de Neologia do Instituto Universitário de Linguística Aplicada (Institut Universitari de Lingüística Aplicada)* da Universidade de Pompeu Fabra (*Universitat Pompeu Fabra*), em Barcelona, coordenado pela Professora Doutora Maria Teresa Cabré (2004). Estes protocolos estabelecem critérios, materiais e processos para a produção de um observatório de neologia, construído a partir da extração de neologismos de textos espontâneos escritos e orais. Com a palavra *espontâneos* se entendem os textos produzidos em meio de comunicação para a coletividade, no âmbito da imprensa jornalística, excluindo-se, pois, os textos artísticos. Apesar disto, o rigor e a sistematização destas atividades se mostram adequados para o trabalho com outros tipos de textos, desde que observadas as adaptações necessárias. Considera-se, nesta pesquisa, que todas as etapas para a extração ali delineadas mostram-se adequadas e, portanto, foram realizadas as seguintes atividades descritas abaixo.

Constituição do *corpus* de extração: para esta pesquisa, foi escolhida a obra literária *Estórias abensonhadas*, de Mia Couto, composta por 26 contos.

Definição do *corpus* de exclusão: a pesquisa valeu-se do *critério lexicográfico* para a detecção dos neologismos. O *corpus* de exclusão foi constituído pela versão online do *Vocabulário Ortográfico Moçambicano da Língua Portuguesa*, o VOMOLP, pois a pesquisa se ocupa de textos redigidos conforme as normas ortográficas da língua portuguesa em sua variedade moçambicana, e por um dicionário de língua portuguesa em sua versão eletrônica: o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, de variedade lusitana. A escolha de um dicionário de língua portuguesa de variedade lusitana justifica-se pela íntima relação entre os dois países, caracterizados como colonizado e colonizador, a qual aportou interferências e contribuições ao léxico moçambicano em geral, devido, principalmente, ao domínio da língua europeia sobre as línguas autóctones, tanto durante a colonização quanto depois dela, quando ainda domina como língua oficial. As variedades brasileiras e asiáticas foram descartadas porque, historicamente,

não influenciaram de modo direto a constituição do vocabulário moçambicano.

Identificação dos neologismos: após a etapa de *leitura exploratória* dos textos que compõem o *corpus* de extração, realizamos a etapa de *leitura seletiva* e a etapa de *leitura analítica*, em que, de forma manual, foram destacados e registrados em fichas neológicas os itens lexicais que, sob o *critério psicológico de identificação*, eram candidatos a neologismos. Após esta etapa, foi executada a exclusão por meio do *corpus* de exclusão acima mencionado.

Catálogo dos neologismos identificados: os itens lexicais que resistiram ao crivo do *corpus* de exclusão foram catalogados como neologismos, aqueles que não resistiram foram eliminados da amostra. Os neologismos confirmados foram registrados em fichas neológicas.

Definição da ficha para registro dos neologismos: constava, na ficha, detalhamentos sobre o processo e o produto da criação lexical e informações sobre o local (nome do conto e número de página da obra) onde se encontra o neologismo. A ficha tinha os seguintes campos:

- a) fonte: onde consta o nome do conto no qual se encontra o neologismo;
- b) neologismo: onde consta o neologismo em sua forma de palavra-ocorrência;
- c) classe gramatical: onde consta a classe de palavras do neologismo;
- d) abonação: onde consta o contexto linguístico em que o neologismo aparece registrado acompanhado da página da edição em que se encontra o neologismo;
- e) processo de criação: onde consta a descrição do processo linguístico criador do neologismo e, quando existem, as bases (lexias e/ou formantes);

Nesta etapa, a ficha neológica tinha a seguinte configuração:

Figura 1 – Exemplo de ficha neológica.

Fonte:	<i>Chuva: a abensonhada</i>		
Neologismo:	<i>Tristereza</i>	Classe gramatical:	substantivo
Processo de criação:	Cruzamento vocabular (<i>triste + Tereza</i>)		
Abonação:	“ <i>enquanto, lá fora, se repletam os charcos a velha Tristereza vai arrumando o quarto. Para Tia Tristereza a chuva não é assunto de clima mas recado de espírito.</i> ” (p. 4)		

Fonte: adaptada de Cabré (2004).

2.4 Procedimento de análise dos dados

Concluída a etapa de exclusão dos neologismos, foi realizada a quarta etapa de leitura, considerada interpretativa, a fim de conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica, desta vez lançando um olhar crítico com os pressupostos das

teorias consideradas para esta etapa. Erigido o conjunto de unidades lexicais definidas conforme o conceito e a tipologia de neologismo, foi realizada a leitura interpretativa, que buscou analisá-las no contexto linguístico em que aparecem, concentrada em encontrar os reflexos socioculturais, isto é, buscando as especificidades dos neologismos que se apresentam com exclusividades semânticas e expressivas advindas de uma visão humana particular, estabelecida no universo sociocultural.

Tratou-se, portanto, de interpretar, por meio das premissas da Semântica Cultural de Contextos e Cenários, os sentidos dos neologismos empregados no discurso para designar uma realidade, a realidade do homem moçambicano. Deste modo, foi acrescentado à ficha neológica já produzida o campo denominado *aspectos socioculturais*, no qual foram apontados quais aspectos da realidade extralinguística – sociais, culturais, naturais ou históricos – podem ser detectados no neologismo e os sentidos do neologismo dentro do texto (do conto). Nesta etapa, portanto, foram descritos os campos semântico-culturais que os neologismos revelam no conjunto da obra. Para isto, a pesquisa dialogou com conhecimentos oriundos de outras áreas – como a História, a Antropologia/Etnologia, e, especialmente, a Literatura –, produzidos e publicados tanto em produções de caráter acadêmico – dissertações, teses, artigos e ensaios – como produções de caráter de divulgação científica e de entretenimento – revistas, jornais impressos e *on-line*, sites de notícias e de educação em geral.

O enquadramento de um neologismo em um campo semântico-cultural requer uma delimitação do próprio campo, pois só se pode afirmar que uma palavra pertence ao campo semântico-cultural *saúde*, por exemplo, se se tiver uma delimitação do que se entende por *saúde* em determinada sociedade. De fato, os hábitos de higiene e de limpeza do corpo de uma comunidade brasileira do século XXI não são os mesmos de uma sociedade brasileira do século XVII e não são iguais nem mesmo aos de uma comunidade inuit ou filipina contemporânea. O ritual do banho, por exemplo, atravessou gerações e civilizações das mais variadas formas até chegar à época atual com determinadas características mais ou menos semelhantes em todas as sociedades tecnologicamente desenvolvidas.

Nesse sentido, elaboramos uma tipologia de campos semântico-culturais que pudesse contemplar os neologismos identificados na obra. A formulação e a delimitação dos campos semântico-culturais podem parecer um processo arbitrário, até mesmo baseado nas vontades do analista. Por isso, tivemos o cuidado de considerar em primeiro plano os neologismos para, somente depois de ter compreendido os seus sentidos, proceder à *formulação* e à *delimitação* de campos semântico-culturais.

Por *formulação* entendemos o rótulo linguístico que damos a um campo semântico-

cultural, considerando, para isso, o espaço semântico que tal campo ocupa. O campo semântico-cultural referente à lexemas que evocam tradições, por exemplo, recebe o rótulo *tradições*. Esse campo ocupa um espaço semântico em que se encontram todas as concepções de *tradição* que uma determinada sociedade tem, isto é, como essa comunidade concebe o que é uma *tradição*: conjunto de objetos comuns naquela sociedade, conjunto de hábitos e práticas (como tomar banho, morar só ao atingir a maioridade, não comer carne em determinada época do ano etc.), a forma como os grupos se organizam etc. A *delimitação* é, então, a circunscrição dessas concepções. Desse modo, o campo *tradições* pode compreender a noção de *conjunto de hábitos e práticas* e deixar de fora a noção de *conjunto de objetos comuns*, se for o caso. Um neologismo, então, comporá o campo semântico-cultural *tradições* se os seus sentidos estiverem relacionados a essas noções circunscritas. Abaixo, apresenta-se um quadro com os campos semântico-culturais formalizados e delimitados com base nos dados encontrados.

Quadro 1 – Taxonomia dos campos semântico-culturais.

Campo	Delimitação
Acontecimentos	Todos os tipos de eventos que se realizam sem a intervenção do sujeito envolvido (incidente, guerra, atropelamento).
Atitudes	Tudo aquilo que remete a um posicionamento consciente de um sujeito perante uma situação (preconceitos, estereótipos e decisões).
Atividades	Todos os tipos de ações praticadas com volição da parte do sujeito realizador.
Corpo	Tudo o que se refere ao humano em seu aspecto físico e inato (membros ou ausência de membros, pele), às características atribuídas de modo subjetivo (beleza, feiura, gordo, magro), às práticas realizadas com o corpo (esportes, necessidades fisiológicas, sexo), e à vida e à morte, entendidas aqui como a diferença entre estados físicos (vivo/morto).
Espaço	Tudo o que diz respeito a locais físicos (os locais imaginários compõem o campo <i>Imaginário</i>).
Imaginário	Tudo o que diz respeito às crenças: o sagrado, o interdito, o profano, vida e a morte, entendidas aqui como <i>existência</i> .
Identidade e memória	Tudo o que se refere à noção de pertencimento/identificação com algo (à terra, à nação, a um grupo particular).
Natureza	Tudo o que se refere ao seres vivos que não sejam o homem (bichos, plantas, árvores) e às manifestações do tempo atmosférico (chuva, vento, calor, frio) e do espaço sideral (sol, lua, planetas, eclipse).
Estados psicológicos	Tudo o que diz respeito a estados emocionais, à essência do ser humano e à índole individual.
Relações sociais	Tudo aquilo que envolve o contato entre pessoas (família, escola, protesto, guerra), inclusive os nomes que designam seres humanos por meio das atividades que eles exercem (motorista, professor).
Tempo	Tudo o que se refere ao tempo cronológico: o início, o percurso, a intermitência, o fim.
Tradição	Tudo o que remete ao uso de objetos comuns na comunidade e aos costumes/hábitos.
Ser	Os referentes do mundo físico nomeados com signos antroponímicos ou hipocorísticos, mas não os nomes de atividades profissionais que designam seres humanos por meio daquilo que eles realizam (motorista, professor), nem os adjetivos que atribuem qualidades a seres humanos (vingativo, amoroso). O humano como ser vivo.
Status social	Tudo o que se refere às dicotomias riqueza/pobreza e rico/pobre.

Fonte: elaborado pelo autor.

Note-se que a delimitação apenas circunscreve os conceitos, mas não aprisiona o neologismo. Desse modo, um neologismo pode ocupar mais de um campo semântico-cultural: o neologismo *Zé Paulão*, por exemplo, compõe os campos semântico-culturais *ser*, pois designa um ser humano, e o campo *identidade e memória*, pois designa, por meio da sua forma, a identidade de gênero do referente no mundo. Por outro lado, a forma de um neologismo pode aparentemente remeter a um campo semântico, mas, por questões de sentidos especializados na situação comunicativa, compor outro campo: o neologismo *incorreta idade*, embora pareça compor o campo semântico *corpo*, compõe o campo semântico *relações sociais*, devido à situação em que é empregado. Ao fim desta etapa, a *ficha neológica* passou a ser denominada *ficha semântico-cultural* e tinha a seguinte configuração:

Figura 2 – Exemplo de ficha semântico-cultural.

Fonte:	<i>Chuva: a abensonhada</i>		
Neologismo:	<i>Tristereza</i>	Classe gramatical:	substantivo
Processo de criação:	Cruzamento vocabular (<i>triste</i> + <i>Tereza</i>)		
Abonação:	“ <i>enquanto, lá fora, se repletam os charcos a velha Tristereza vai arrumando o quarto. Para Tia Tristereza a chuva não é assunto de clima mas recado de espírito.</i> ” (p. 4)		
Aspectos socioculturais:	Memória e tradição são marcas constituintes da cultura moçambicana e africana em geral. <i>Tristereza</i> representa a tradição e a memória, de uma forma triste, mas não a tristeza da infelicidade, senão a tristeza da nostalgia, da melancolia, a tristeza de quem presenciou um passado amargo, mas que fez dele a sua memória, a sua identidade.		
Campos semântico-culturais:	Memória e identidade; ser.		

Fonte: elaborada pelo autor.

Após a elaboração das fichas semântico-culturais, procedeu-se uma análise crítico-reflexiva sobre seus conteúdos, a fim de compreender melhor suas informações e proceder, a partir destas, à análise qualitativa dos dados, a qual será apresentada no capítulo a seguir.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

“Cada ser se revela pela luz que dele emana.” (COUTO, 2012, p. 49).

Neste capítulo, apresentamos as unidades lexicais que, após terem sido detectadas pelo critério psicológico, foram submetidas ao crivo do *corpus* de exclusão e que, tendo resistido a este, constituem-se como neologismos. Estabelecidas como neologismos, essas unidades lexicais foram, ao longo do trabalho de análise, inventariadas em fichas neológicas, as quais posteriormente foram transformadas em fichas semântico-culturais. Ao longo deste capítulo, trazemos as informações referentes aos aspectos linguísticos dos neologismos, acompanhados dos seus respectivos aspectos socioculturais, pois estes são revelados por meio daqueles; assim, por meio da voz dos narradores e dos personagens dos contos escritos por Mia Couto, poderemos adentrar naquela realidade moçambicana anunciada no prólogo da obra, a qual está em constante construção e reconstrução; por meio desses contos podemos acompanhar e compreender a visão de mundo do autor, construída a partir da realidade que a ele se apresenta e na qual ele está inserido.

Começaremos o percurso de detalhamento desses aspectos discorrendo sobre os problemas com os quais nos deparamos ao longo da análise dos neologismos. Como diversas vezes anunciado ao longo dos capítulos precedentes, a criatividade linguística de Mia Couto muitas vezes surpreende até mesmo aqueles que estão acostumados com a sua escrita e aqueles que se debruçam sobre os fenômenos linguísticos. Sua habilidade de vasculhar o espaço virtual do sistema linguístico e dele extrair unidades lexicais constitui para o analista um verdadeiro desafio. Esperamos lograr êxito na análise dos elementos desse escorregadiço campo no qual Mia Couto coloca o leitor.

4.1 Processos neológicos de difícil classificação

Considerando mais o *caráter de novidade* do que o *grau de dificuldade*, apresentamos abaixo, seguindo a ordem de aparecimento na obra, alguns casos de unidades lexicais neológicas cuja classificação se mostrou difícil.

Quadro 2 – Unidades neológicas formadas por processos de difícil classificação.

Unidades lexicais neológicas	página	Unidades lexicais neológicas	página
<i>terra não firme</i>	(p.12)	<i>aguarda-factos</i>	(p.94)

<i>certa uma vez</i>	(p.15)	<i>incorreta idade</i>	(p.94)
<i>filha-nenhuma</i>	(p.16)	<i>nenhuma-vergonhas</i>	(p.95)
<i>se-não-me</i>	(p.22)	<i>lamentochão</i>	(p.96)
<i>ínvias lácteas</i>	(p.23)	<i>relações assexuais</i>	(p.100)
<i>padre-maria</i>	(p.28)	<i>conversa afillhada</i>	(p.101)
<i>ave-nossa</i>	(p.28)	<i>roça e destroca</i>	(p.101)
<i>nem-estar</i>	(p.29)	<i>pecado imortal</i>	(p.101)
<i>péssimos olhados</i>	(p.30)	<i>sexo à primeira vista</i>	(p.102)
<i>isto-aquilo</i>	(p.41)	<i>pronto-a-despir</i>	(p.102)
<i>ordem analfabética</i>	(p.48)	<i>passiva idade</i>	(p.102)
<i>lei-de-fora</i>	(p.55)	<i>alma pernada</i>	(p.106)
<i>mal-desentendidos</i>	(p.63)	<i>ex-antigo-marido</i>	(p.109)
<i>dito e desfeito</i>	(p.66)	<i>desajuste de contas</i>	(p.112)
<i>meias desmedidas</i>	(p.69)	<i>mesma desmedida</i>	(p.112)
<i>azul feminino</i>	(p.70)	<i>lenga-lengação</i>	(p.124)
<i>mal-desentendido</i>	(p.73)	<i>lugar-natal</i>	(p.125)
<i>imperfeito juízo</i>	(p.75)	<i>boa-vindar</i>	(p.127)
<i>fontes indignas</i>	(p.76)	<i>a molhos vistos</i>	(p.128)
<i>amor à última vista</i>	(p.78)	<i>cabra-surda</i>	(p.132)
<i>beira-mágoa</i>	(p.83)	<i>recém-falecido</i>	(p.139)
<i>equação de infinito grau</i>	(p.93)	<i>síndrome da humano deficiência adquirida</i>	(p.146)

Fonte: elaborado pelo autor.

Para essas unidades tínhamos a solução mais fácil de classificá-las simplesmente como unidades lexicais compostas, como *manda-bátegas*, *aguarda-factos* e *beira-mágoa*, ou unidades lexicais complexas, como *equação de infinito grau* e *desajuste de contas*. Se assim tivéssemos procedido, perderíamos os valores semânticos que se encontram nas unidades lexicais que lhes serviram de base e cujos resquícios encontramos na unidade neológica: uma *manda-bátegas* é uma *mandachuva* com poderes de dominação bem superiores à classe; esse poder é evidenciado pela palavra *bátega*, que significa ‘*chuva grossa*’, ‘*pancada de água*’; o sentido dessa palavra, no texto, depende também dos sentidos costumeiros atribuídos à palavra *mandachuva*.

Ponderando sobre essas questões, consideramos que se trata, de fato, de lexias compostas formadas com base em outras lexias compostas e lexias complexas formadas com base em outras lexias complexas. Cada uma das unidades acima é uma unidade lexical formada com base em uma unidade lexical que lhe serve como motivação semântica, da qual leva os sentidos costumeiros e os especializa em situações comunicativas particulares, tendo como resultado um valor semântico diferente e uma inusitada constituição: *terra não firme*, por exemplo, é formada a partir de *terra firme*; *sexo à primeira vista*, de *amor à primeira vista*; *pecado imortal*, de *pecado mortal*; e *manda-bátegas* de *mandachuva*¹².

Essa escolha metodológica resultou em uma escolha conceptual que avança à

¹² Antes do Acordo Ortográfico de 1990, escrevia-se *manda-chuva*, daí o hífen também em *manda-bátegas*.

definição de dois tipos de processos da neologia que não estão contemplados na descrição tradicional, posto que se trata de casos inusitados de criação lexical.

O primeiro tipo é a **inserção intralexical**, processo no qual uma unidade linguística é inserida dentro da lexia que serve de base. Essa inserção pode ser de dois tipos: lexical e afixal. A **inserção lexical intralexical** ocorre quando uma unidade lexical é inserida completamente em uma outra unidade lexical, composta ou complexa, e ali permanece de forma linear (diferentemente do que acontece nos casos de cruzamento e de fusão vocabulares): de *ex-marido*, por exemplo, temos *ex-antigo-marido* e de *certa vez* temos *certa uma vez*. A **inserção afixal intralexical** ocorre quando um afixo é inserido em uma unidade lexical composta ou complexa: de *pecado mortal* forma-se *pecado imortal*; de *Via-Láctea*, forma-se *ínvia-láctea*; de *meias medidas*, forma-se *meias desmedidas*; e de *lenga-lenga* forma-se *lenga-lengação*.

O segundo tipo é a **substituição lexical intralexical**, a qual ocorre quando uma das lexias da unidade lexical neológica é uma lexia que toma o lugar de uma lexia da unidade que lhe serve de base: a unidade lexical complexa *equação de infinito grau* é formada a partir da substituição da palavra *primeiro/segundo* pela palavra *infinito*; a unidade complexa *sexo à primeira vista* é formada a partir da substituição da palavra *amor* pela palavra *sexo*. No caso da substituição lexical, a unidade lexical substituinte mantém com a unidade lexical substituída algum tipo de relação semântica: as palavras *amor* e *sexo* estão semanticamente relacionadas, assim como *infinito* e *primeiro/segundo* também estão. Em alguns casos, entretanto, a relação pode ser apenas formal, como acontece na lexia complexa *síndrome da humano deficiência adquirida*, formada de *síndrome da imunodeficiência adquirida*, entre as quais se nota uma semelhança sonora entre as palavras *humano* e *imuno*, mas nenhuma relação semântica direta.

Poder-se-ia, com razão, contestar que se trata de casos simples de afixação ou de unidades complexas com caráter de unidades fraseológicas. Contudo, a observação atenta verifica que a inserção incide sobre toda a unidade que serve de base: em *pecado imortal*, não se trata apenas da adjunção do significado de um prefixo à palavra *mortal*, mas da inserção de um sentido especializado ao sentido completo da unidade *pecado mortal*, o qual é operado pela adjunção daquele sufixo.

Do mesmo modo, a substituição de *cega* por *surda* em *cabra-cega*, que passa a *cabra-surda*, não é apenas uma troca fortuita de uma palavra por outra, mas a unidade neológica guarda em si resquícios do sentido da unidade base, a qual ganha sentidos especializados: trata-se, como a *cabra-cega*, de uma brincadeira, mas a única da qual um menino *surdo* poderia participar. A *síndrome da humano deficiência adquirida* é, como expressa a unidade lexical

que está na sua gênese, uma doença, mas com a particularidade de provocar nos acometidos a indiferença às relações humanas e sociais; disto nascem as *ciências desumanas*, totalmente contrárias às *ciências humanas*. Encontra-se entre estes casos o neologismo *lamentochão*, nitidamente formado a partir de *cantochão*, porque esta é uma palavra composta, cuja estrutura é decomponível em *canto* e *chão* (do adjetivo latino *planus*, de *cantus planus*).

São emblemáticos também os casos em que a lexia é nova devido ao apagamento ou a desafixação de um segmento que, sincronicamente, não é um afixo. Como exemplos temos o neologismo *propério*, cuja base é claramente o vocábulo *impropério*, que tem a sílaba <im> interpretada como um afixo e, por isso, pode ser desafixado da palavra; caso idêntico acontece com o neologismo *lumbração*, cuja base é claramente o verbo *deslumbrar* modificado em *deslumbramento*, o qual tem a sílaba <des> interpretada como um prefixo e o sufixo *-mento* trocado por *-ção*, estes dois possuem a particularidade de expressar a mesma noção semântica e são sistematicamente alternativos e excludentes de acordo com a norma da língua. Não se trata de derivação regressiva nem de truncamento, pois as definições destes dois processos não contemplam esses casos.

Assim, consideramos que se trata de um tipo de **desafixação**, processo no qual se identificam como afixos elementos que, embora sejam afixos em outras lexias, não o são na palavra primitiva que serve de base ao neologismo. Seguindo uma linha de reanálise à maneira da recomposição, que reanalisa unidades intraléxicais de caráter lexical como elementos de formação para novas palavras, esse processo de **desafixação** poderia ser confundido com o processo de **decomposição sublexical** (GONÇALVES, 2016), não fosse o detalhe de que neste processo os segmentos são interpretados como unidades léxicais que formam, todos eles, uma unidade lexical, como em *passiva idade* (com o sentido de ‘*tornar-se passivo [no ato sexual] em uma determinada época da vida*’), decomposto de *passividade* (com sentido de ‘*estado ou qualidade do que é passivo*’), enquanto na **desafixação** o segmento interpretado como afixo componente da palavra primitiva não consta na palavra derivada, como no par *impropério* e *propério*. Considerando esse tipo de processo como uma desafixação, avançamos à proposta de definição de mais um caso de processo não contemplado pela literatura especializada.

4. 2 Unidades léxicais neológicas formadas por processos contemplados pela tradição

Alocamos nesta seção os casos de neologismos que, embora formados a partir de processos contemplados pela literatura e, portanto, mais facilmente identificáveis, requereram um refinamento na classificação.

Em primeiro lugar apontamos os casos de neologismos cuja estrutura é [*des_{pref.}- + x + -ado_{suf.}*] e são todos eles adjetivos, como *desbengalado* e *desvistado*. Adjetivos com essa estrutura são sistematicamente formados do particípio passado de um verbo: [*x_v + -ado_{suf.}*]_{adj}. O problema surge quando o verbo do qual deriva esse particípio é um verbo não atestado, como *bengalar*, verbo denominal formado a partir do substantivo *bengala*: [*bengala_{s.} + -ar_{suf.}*]_v. Tendo em vista que, de acordo com as possibilidades e com as regras do sistema, de *bengala* pode-se criar *bengalar*, deste pode-se criar *bengalado* e deste pode-se criar *desbengalado*, surge o problema: qual é, de fato, o processo neológico na criação do neologismo quando há tantas formas virtuais em jogo?

Consideramos emblemático entender como um caso de parassíntese ([*des_{pref.}- + x + -ado_{suf.}*]_{adj}) quando sabemos que o sufixo *des-* indica negação e que só se pode negar o que existe, neste caso o sentido expresso pela estrutura [*x_v + -ado_{suf.}*]_{adj}, mesmo que esse vocábulo só exista virtualmente. Se considerarmos que se trata, na verdade, de uma série de processos (de um substantivo forma-se um verbo, de um verbo forma-se um adjetivo, a este adjetivo acrescenta-se a ideia de negação por meio da prefixação), surge o problema: qual processo indicar na classificação? Todos eles ou apenas o último? Uma alternativa seria considerar que se trata de um caso de derivação sufixal (de verbo a adjetivo) seguido de uma derivação prefixal (a expressão da negação); nesse caso, por que desconsiderar o processo derivacional que transformou o substantivo em verbo se o verbo, mesmo virtual, também é um neologismo? Uma solução simples e problemática, devido a tudo quanto foi mencionado acima, seria classificar apenas o último processo, considerando os aspectos formais e semânticos (no caso, a semântica da negação, que só pode ocorrer depois da existência daquilo que a base designa). Decidimos classificar neologismos desse tipo como casos de derivação parassintética, visto que o conceito de parassíntese aqui adotado contempla a forma desses neologismos, mesmo a despeito de quais outras formas virtuais possam estar envolvidas na formação da unidade lexical neológica.

Os casos do tipo [*x + suf. + suf.*], quando o segundo sufixo se soma a uma base já alterada por um sufixo, e esta base alterada encontra-se já atestada ou não é uma forma nova, como [*corpo + -ão_{suf.}*] > [*corpão*]_{s.}, [*corpão + (z)-udo_{suf.}*] > [*corpãozudo*]_{s.}. Nesses casos, consideramos apenas o último processo.

Casos como os descritos no parágrafo acima encontram-se relacionados com os casos do tipo [*x_s + -inho_{suf.}/-ito_{suf.}/-ino_{suf.}*]_{s.}, isto é, de substantivos modificados por sufixos que denotam apenas e somente grau. Como a expressão do grau por meio de um sufixo é um mecanismo gramatical produtivo, consideramos desnecessário arrolar palavras assim formadas, pois se trata mais de produtividade do que de criatividade. Contudo, se desconsiderarmos as

palavras modificadas por sufixos denotadores de grau, teríamos que descartar neologismos como *corpãozudo*, *barbalhudo* e *casinhota*, cujos sentidos socioculturais são fulcrais nos textos em que aparecem. Para a classificação, descartamos os neologismos que denotam exclusivamente grau, isto é, sem especializações de sentido no contexto comunicativo, e mantivemos os neologismos em que o sufixo de grau diminutivo expressa noções outras que não aquela de grau, mesmo no caso em que essas noções sejam somadas à ideia de tamanho.

Por fim, destacamos também os casos das unidades lexicais que designam personagens e locais, ou seja, os nomes próprios. O estudo dos nomes próprios cabe à Onomástica, seara que tem seus próprios conceitos e princípios operatórios no tratamento dos signos lexicais atribuídos aos seres humanos e aos espaços geográficos. No início, não interessava à pesquisa aqui apresentada investigar os nomes próprios presentes na obra *Estórias abensonhadas* com base nesses conceitos e princípios operatórios. Contudo, já durante a etapa de leitura exploratória alguns nomes se mostraram bastante significativos tanto em relação à sua estrutura vocabular quanto em relação aos aspectos socioculturais. Desse modo, decidimos não descartar esses dados e fichá-los também como elementos para análise, o que nos colocou diante de um questionamento maior: como definir, de acordo com e para os objetivos desta pesquisa, o que é um nome próprio neológico?

Adotamos, então, o seguinte princípio: nesta pesquisa sobre neologismos, um nome próprio será neológico se a sua estrutura vocabular apresentar algum tipo de processo de formação de palavras tradicionais, como a derivação prefixal e a composição, inclusive aqueles que Gonçalves (2016) considera como processos marginais, como a reduplicação e o cruzamento vocabular. Nesse sentido, conquanto o signo antroponímico *Mohamed Pangí Patel* seja um nome próprio e não pertença à tradição antroponímica de língua portuguesa, não o consideramos um nome próprio neológico, posto que todos os vocábulos estão inalterados em sua origem. Tratamento diferente é dado aos nomes próprios *Nãozinha de Jesus* e *Novidade Castigo*: naquele, está evidente o sufixo de grau diminutivo; neste, está evidente a inovação da justaposição de dois substantivos comuns a fim de designar um ser humano.

Reiteramos que a hipocorização se realiza sempre por meio de outros tipos de processos de criação lexical. Por isso, nesta pesquisa, decidimos classificar o processo que dá origem ao hipocorístico em vez de simplesmente rotular o neologismo como um hipocorístico. Desse modo, o neologismo *Novidadinha*, hipocorístico formado a partir do nome *Novidade*, foi classificado como um caso de derivação sufixal, porque é a adjunção do afixo que gera o neologismo. De modo similar, classificamos o processo criador do hipocorístico *Zé Paulão*, do nome *José Paulo*, como truncamento e derivação sufixal.

Ainda em relação à questão dos nomes próprios antroponímicos, é importante destacar como procedemos em relação a nomes que, nitidamente alterados, não são casos de hipocorização. Seja o exemplo *Nãozinha de Jesus*: este nome tem em sua estrutura um sufixo, *-zinha*, e, assim como *Terezinha* e *Zezinho*, poderia parecer um caso de hipocorização, isto é, de alteração de um nome próprio. Contudo, não existe na tradição antroponímica de língua portuguesa o nome próprio *Não*, do qual se pudesse formar *Nãozinha*. Trata-se, nesse caso, de um nome próprio de fato. Diferentemente do que ocorre com *Zé Paulão*, cujas unidades componentes são, respectivamente, alterações de *José* e *Paulo*, nomes tradicionais na onomástica de língua portuguesa.

Em relação aos signos antroponímicos, uma consulta rápida em um dos mais potentes motores de busca, o *Google Maps*, nos informou quais eram e quais não eram, de fato, nomes neológicos: *Sofala* e *Esturro*, embora desconhecidos na toponomástica portuguesa, são nome de locais que existem, de fato, no território moçambicano. Diferente é o caso de *Muitetecate*, nome não detectado pelo *Google Maps* e, por isso, fichado nome neologismo. Classificamos os nomes próprios neológicos de acordo com a estrutura que apresentam, adotando, para isso, a tipologia tradicional e especificando se se trata de uma criação neológica antroponímica ou uma criação neológica toponímica. Desse modo, os nomes *Novidade Castigo*, *Veronica Manga*, *Pontivírgula* e *Novisfora* são composições antroponímicas, o nome *Vila Nenhuma* é uma composição toponímica e o nome *Nãozinha* é uma derivação sufixal.

Expostos os problemas com os quais nos deparamos durante a análise dos dados, passamos, a seguir, à exposição dos aspectos linguísticos e socioculturais dos neologismos na obra *Estórias abensonhadas*.

4.3 Os neologismos em *Estórias abensonhadas*

Seguindo o percurso natural da pesquisa em que os dados são selecionados pelo pesquisador para a sua posterior análise, apresentaremos a seguir os neologismos identificados e, somente depois, discutiremos sobre as particularidades de cada dado. Desse modo, ao longo desta seção, os aspectos linguísticos dos neologismos identificados serão postos em quadros. Tais aspectos dizem respeito à classe de palavra, ao tipo do processo da neologia e, quando existirem, as unidades lexicais e/ou os formantes a partir dos quais/com os quais o neologismo foi criado. Nos quadros constarão também informações sobre os campos semântico-culturais, indicando qual campo cada neologismo compõe de acordo com os seus sentidos no texto e no cenário sociocultural de produção da obra.

A fim de acompanhar a linearidade do desenvolvimento da obra *Estórias abensonhadas*, decidimos agrupar os neologismos de cada conto em um quadro distinto, elencando-os conforme a ordem de aparecimento no respectivo texto. A quantidade de neologismos em cada conto é indicada pela numeração progressiva ao lado de cada unidade lexical neológica. Após o quadro, será exposto um resumo do conto acompanhado de considerações acerca dos aspectos socioculturais ali presentes. Em seguida, constarão as informações sobre os sentidos dos neologismos no texto, acompanhados dos respectivos aspectos socioculturais.

Essa ordem de apresentação segue a ordem da disposição das ações dos nossos objetivos: *identificar* os tipos de processo de criação lexical que geram os neologismos, *classificar* os neologismos do ponto de vista da sua constituição lexical, *analisar* os sentidos dos neologismos no contexto linguístico da obra, *interpretar* os sentidos dos neologismos na dimensão sociocultural de produção da obra, *compreender* os aspectos dos campos semântico-culturais revelados pelos neologismos. A leitura analítica nos apontou que alguns neologismos estão na obra apenas para efeito expressivo da narração, como alguns advérbios e até mesmo uma conjunção, e, portanto, não se enquadram em campos semântico-culturais; outros neologismos enquadram-se em mais de um campo semântico-cultural, por motivos derivados tanto da sua forma quanto do sentido que apresentam no texto e no cenário de produção da obra.

Na coluna *bases (lexias/formantes)* dos quadros abaixo, a lexia ou o afixo inseridos, nos casos de *inserção intralexical*, e a lexia substituinte, no caso de *substituição intralexical*, serão colocados entre [colchetes]; a lexia substituída na *substituição lexical* e a parte desafixada na *desafixação* será colocada entre {chaves}. Vogais de ligação, grafemas que aparecem apenas como elemento de dígrafos e partículas pronominais de verbo que aparecem apenas nas bases serão grafados entre (parênteses). Sufixos acrescidos serão apresentados em sua forma não-marcada, mesmo que o neologismo apresente variação de gênero e/ou número. Verbos serão apresentados em sua forma de infinitivo, mesmo que o neologismo esteja em uma forma finita.

4.3.1 Neologismos no conto Nas águas do tempo

Quadro 3 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Nas águas do tempo*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>devagaroso</i>	advérbio	derivação sufixal	<i>devagar</i> + -oso	atividades
2. <i>cabecinhar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>cabeçinha</i> + -ar	atividades
3. <i>agorinha</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>agora</i> + -inha	tempo
4. <i>crepuscular</i>	verbo	derivação sufixal	<i>crepúsculo</i> + -ar	natureza
5. <i>desbengalado</i>	adjetivo	derivação	<i>des-</i> + <i>bengala</i> + -	corpo

		parassintética	<i>ado</i>	
6. <i>musculíneo</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>músculo + -líneo</i>	corpo
7. <i>solavanquear</i>	verbo	derivação sufixal	<i>solavanco + -(e)ar</i>	atividade
8. <i>aguinha</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>água + -inha</i>	natureza
9. <i>nenufarfalhudas</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>nenufar</i> + <i>farfalhudas</i>	natureza
10. <i>cacimbações</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>cacimbar + -ção</i>	natureza
11. <i>láááá</i>	advérbio	modificação do significante	<i>lá</i>	espaço; imaginário
12. <i>azedura</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>azedo + -ura</i>	atitudes
13. <i>não propósitos</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>não + propósitos</i>	atitudes
14. <i>namwetxo moha</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>namwetxo moha</i>	imaginário
15. <i>semifulano</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>semi- + fulano</i>	imaginário
16. <i>aflautinados</i>	adjetivo	derivação parassintética	<i>a+ flautin + -ado</i>	natureza
17. <i>terra não firme</i>	substantivo	inserção lexical intralexical	<i>terra [não] firme</i>	espaço; imaginário
18. <i>meio-fora</i>	advérbio	composição morfofossintática	<i>meio + fora</i>	espaço
19. <i>desabitual</i>	adjetivo	derivação prefixal	<i>des- + habitual</i>	tempo
20. <i>alonjar-se</i>	verbo	derivação parassintética	<i>a- + longe+ -ar (se)</i>	atividades
21. <i>arrepioso</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>arrepio + -oso</i>	estados psicológicos
22. <i>barafundido</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>barafundir + -ido</i>	estados psicológicos
23. <i>poentar-se</i>	verbo	derivação sufixal	<i>poente + -ar (se)</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

No conto, o narrador discorre sobre as aventuras que teve com o seu avô, que o levava a um lago onde o rio local desaguava e, durante o percurso, ensinava-lhe as sabedorias da vida, como “*tirar água no sentido contrário da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem*” (COUTO, 2012, p. 10). O velho mostra-lhe, então, os panos brancos estendidos em uma margem do lago (uma dimensão espacial), onde estão os que já partiram da vida (dimensão temporal), e que, por isso, é interdita aos que ainda estão vivos (dimensão do sagrado). Em uma dessas aventuras, o avô sai do barco e vai à outra margem, deixando o então garoto à espera. Na margem oposta, surge o pano vermelho que o avô usava para acenar para aqueles panos brancos e, de repente, o vermelho torna-se branco, e o avô não retorna. Tempos depois, o narrador leva o seu filho para as mesmas aventuras.

Tudo na narração remete o leitor à passagem lenta do escoar do tempo: *devagaroso*, *agorinha*, *cabecinhar*. O tempo passa em *desabitual* demora. O fim do percurso, o fim do tempo da vida, é expresso pelos neologismos *crepuscular*, *láááá*, *alonjar-se*, *poentar-se*, os quais, ao lado dos neologismos *meio-fora* e *terra não firme*, expressam também a passagem de um local a outro e a existência de um local que não é nem lá e nem cá. O homem, o ser que percorre esse espaço pelo tempo, também está lá e cá, é um *semifulano*, como um cego *desbengalado*, ou mesmo como um *namwetxo moha*, o espírito que era apenas uma metade de corpo. A essência

da vida humana é, portanto, o pouco, o diminuto: o *barquito*, a *aguinha*, o *pedacito*. Apenas a água é muita, repleta de nenúfares e farfalhas, aliás, *nenufarfarlhudas*, pois, encontrando-se com a terra, ela é sempre, é eterna, a união entre uma margem e outra, entre a vida e a morte, o tempo e o espaço. Nesse conto, estão presentes aspectos socioculturais que remetem ao imaginário, ao sagrado e à concepção da existência, como podemos notar por meio da imagem do avô passando de uma margem à outra do lago. A existência é, nessa visão de mundo, um percurso, um atravessar, indo deste lado para o outro. Os dois lados, todavia, não estão separados; ao contrário, é possível ver, de cada margem, o lado oposto. Não existe, desse modo, uma despedida. Mostra-se uma visão de mundo diferente em relação à concepção de vida e morte comum à tradição eurocêntrica, em que os dois lados estão separados e a ida para o outro plano é dolorosa, porque é uma despedida para sempre.

O neologismo *devagaroso* caracteriza o modo como o avô do narrador remava rio abaixo. O neologismo *cabecinhar* designa a ação que o barco realizava, abrindo caminho por entre as águas. O neologismo *agorinha* encontra-se registrado no *corpus* de exclusão como diminutivo de *agora* para expressar ‘*neste exato momento*’. Entretanto, no texto de Mia Couto, a unidade lexical é empregada para designar um pequeno fragmento de tempo que não é necessariamente o exato momento em que se fala ou ao qual se faz referência como um tempo passado. O neologismo *crepuscular*, embora esteja registrado no *corpus* de exclusão como um adjetivo relativo ao substantivo *crepúsculo*, aparece no conto como um verbo que exprime o findar, o morrer do dia.

O neologismo *desbengalado* designa o modo como o avô segura a mão do neto, à maneira de um cego que, sem a sua bengala, agarra-se firmemente ao guia que o conduz. O neologismo *musculíneo* é formado por derivação sufixal com haplogia da última sílaba da palavra *músculo*, similarmente ao que acontece com a palavra *caridade* quando recebe o sufixo adjetival *-oso*, e designa o formato do corpo do personagem. O neologismo *solavanquear* designa o modo como a canoa realizava o seu percurso entre as águas: aos solavancos. O neologismo *aguinha* designa a porção deste elemento que cabe nas conchas da mão do avô. O neologismo *nenufarfarlhudas* caracteriza a água daquele lago, indicando a grande quantidade (*farfalhudas*) de nenúfares (plantas aquáticas) existentes sobre ela.

O neologismo *cacimbações* designa o tempo atmosférico daquele local: repleto de cacimbos, isto é, coberto por um denso relento e intenso orvalho. O neologismo *lááá* foi considerado nesta análise porque, embora o advérbio *lá* esteja registrado no *corpus* de exclusão, no conto, tal forma não é empregada com o seu valor típico, isto é, como um dêitico cuja localização depende do local onde se encontra o enunciador, mas é empregada como um local

estabelecido além da margem de um lago, onde, portanto, está sempre situado, independentemente da localização do enunciador, funcionando quase como o nome do próprio local. O neologismo *azedura* designa o modo como a mãe do narrador os recebia a cada retorno dos passeios. O neologismo *não propósitos* designa os interesses, os objetivos do avô do menino, os quais, segundo a mãe deste, eram infundados.

O neologismo *namwetxo moha* designa um tipo de ser sobrenatural que aparece somente à noite e é feito somente de metades: um olho, uma perna, um braço. Essa palavra é possivelmente proveniente de alguma língua banta autóctone da região. O emprego dessa unidade lexical em vez de uma lexia própria da língua portuguesa (como *fantasma* ou *espírito*) demonstra a importância que o elemento sagrado das tradições moçambicanas tem para o homem moçambicano, o qual, mesmo impregnado de língua portuguesa na sua vida, recorre a palavras de uma língua autóctone para se referir a esses elementos. Isso se explica por meio das diferenças que existem na concepção de vida e de morte segundo a tradição cristã portuguesa e aquela concepção de existência das tradições dos povos africanos.

O neologismo *semifulano* é empregado para se referir ao *namwetxo moha*, o qual, sendo todo metades, não é um fulano completo. O neologismo *aflautinados* é empregado para sugerir a sonoridade dos caniços verdes que existem em uma das margens do lago. A inserção da lexia *não* na lexia *terra firme* produz o neologismo *terra não firme*, o qual designa o caráter não sólido da terra daquela margem misteriosa. O neologismo *pedacito* é empregado para designar o tempo que o personagem-narrador queria passar fora do barco. Nota-se, nesse caso, uma maneira diferente de contar o tempo: não como um momento no espaço, mas como um pedaço desse espaço, como se o tempo pudesse ser repartido à maneira daquele espaço, o qual está dividido entre o lá e o cá. O neologismo *meio-fora* designa o espaço em que se encontra o pé do personagem-narrador: não estava totalmente fora do barco, mas também não estava totalmente dentro, estava suspenso, entre os dois lados.

O neologismo *desabitual* exprime a maneira como o tempo passou quando, em uma determinada tarde, o avô do menino se pôs a espreitar aquela outra margem: não transcorreu como outras vezes transcorreria. O neologismo *alonjar-se* designa a ação de afastar-se, tornar-se longe, que o avô do menino realiza quando pisa a outra margem daquele lago. O neologismo *arrepioso* é empregado para sugerir a intensidade do frio de espanto que o narrador-personagem sente ao ver o avô declinar, esvanecer-se na outra margem. O neologismo *barafundido* designa o estado de indecisão, de confusão (como uma barafunda de pensamentos) em que o narrador-personagem se encontra ao ver o pano vermelho do seu avô acenar do outro lado da margem e, em seguida, tornar-se branco. O neologismo *poentar-se* é empregado para expressar que aquelas

visões foram, como um poente, desaparecendo lentamente.

Em relação aos aspectos socioculturais dos neologismos acima elencados, podemos asserir que as unidades lexicais reportam particularmente à dimensão espacial e à dimensão temporal, como o próprio título evidencia, tratando o tempo como uma corrente de água, como um escoar. De fato, no texto, é possível identificar uma representação do espaço em relação ao tempo, o qual é tratado também como uma dimensão espacial, como se tempo e espaço fossem indissociáveis. Compreendemos que a narrativa apresenta ao leitor uma visão de mundo que percebe como o tempo e o espaço estão relacionados com a existência. A vida e a morte são apenas dois lados de uma mesma dimensão, assim como o tempo e o espaço também o são.

Consideramos que os campos semântico-culturais *tempo* e *espaço* estão intimamente relacionados com o campo *imaginário*, pois, no conto analisado, a vida e a morte, como existência, são-nos apresentadas como dois lados de um percurso, que não se dividem, mas que se completam, bastando apenas atingir uma outra margem para chegar ao lado de lá, do qual pode-se ver o lado de cá, assim como daqui se pode ver o lado de lá. Nesse jogo dialético, vida e morte e tempo e espaço se confundem, pois não existem barreiras entre aqueles, assim como esses dois são indissociáveis, e, portanto, estão todos eles ligados ao campo semântico-cultural do imaginário, isto é, às formas de compreender os mistérios da existência dos seres.

4.3.2 Neologismos no conto *As flores de Novidade Castigo*

Quadro 4 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *As flores de Novidade Castigo*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Novidade Castigo</i>	substantivo	composição antroponímica	<i>Novidade + Castigo</i>	ser
2. <i>Verónica Manga</i>	substantivo	composição antroponímica	<i>Veronica + Manga</i>	ser
3. <i>cristalinda</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>cristalina + linda</i>	corpo
4. <i>certa uma vez</i>	locução adverbial	inserção lexical intralexical	<i>certa [uma] vez</i>	tempo
5. <i>aranhiçar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>aranhiço + -ar</i>	atividades
6. <i>novidadinha</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>novidade + -inha</i>	ser
7. <i>drapejante</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>drapejar + -ante</i>	corpo
8. <i>filha-nenhuma</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>filha {legítima} [nenhuma]</i>	relações sociais
9. <i>repadecer</i>	verbo	derivação prefixal	<i>re- + padecer</i>	estados psicológicos
10. <i>xipefo</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>xipefo</i>	tradição
11. <i>epilapsos</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>epilepsia + lapsos</i>	corpo
12. <i>desalvoroçar</i>	verbo	derivação parassintética	<i>des- + alvoroço + -ar</i>	atividades
13. <i>zulular</i>	verbo	fusão vocabular	<i>zular + ulular + luar</i>	atividades; estados

				psicológico
14. <i>corre-morre</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>corre</i> { <i>corre</i> } [<i>morre</i>]	atividades
15. <i>alguns</i>	substantivo	conversão	<i>algum</i>	relações sociais
16. <i>ruar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>rua</i> + <i>-ar</i>	atividades
17. <i>repentinar-se</i>	verbo	derivação sufixal	<i>repentino</i> + <i>-ar</i> + <i>se</i>	atividades
18. <i>susplantar-se</i>	verbo	modificação do significante	<i>suplantar-se</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra a história de Novidade Castigo, filha de Verónica Manga e do mineiro Jonasse Nhamitando. Novidade era linda e tinha uma deficiência mental. Metade do conto o narrador passa a narrar como Novidade Castigo transita da infância para a mocidade, sempre com os pais dedicando-lhe feições e atenções, mas sempre em tristezas por não terem tido outro filho. Certo dia, Jonasse não retorna do trabalho, o que põe mãe e filha em alerta. Durante a noite, percebem explosões e fogo na montanha onde Jonasse trabalha. Enquanto a mãe corre dentro de casa aturdida, mas confiante que Jonasse voltasse, Novidade, em alerta esperteza, arruma os pertences das duas e chama a mãe para partirem dali. No caminho, encontram outros fugidios e descobrem que as explosões não provinham da mina, mas da guerra que chegava. Ambas são colocadas em um caminhão para fugirem, enquanto os homens ficam para guerrear.

No percurso, entre bombas e tiros, o caminhão passa próximo à mina onde Jonasse trabalha, e Novidade salta do caminhão. Mesmo sobre protestos e chamamentos da sua mãe e dos outros presentes, Novidade decide ficar. Colhe algumas flores azuis de uma berma e se põe de pé entre elas, enquanto o caminhão segue seu rumo, levando a mãe de Novidade consigo. A moça, então, é puxada terra abaixo pelas próprias flores, afundada no mesmo ventre que absorvera o seu pai.

O conto gira em torno questões socioculturais como a deficiência mental da menina, a qual é compensada com a sua beleza, ou o contrário: a sua beleza é atrapalhada pela sua deficiência mental. Contudo, Novidade Castigo tem a sua sabedoria e sabe que pertence à terra de onde veio, pois é assim que se deixa levar, engolida pela terra, envolta pelas flores azuis como os seus olhos. Nota-se, desse modo, uma questão identitária com a terra, a qual, mesmo durante uma guerra que a destruiria, o moçambicano prefere ficar nela, com os seus, a partir. Talvez, por isso, o narrador denomine aquelas pessoas que fogem de “*uns alguns*”, porque não têm relevância e importância para sua terra, pois, ao primeiro sinal de conflito, eles a abandonam. A guerra mencionada no conto remete a um fato histórico que assolou Moçambique: a guerra civil pela libertação da metrópole e a guerra civil contra os abusos do grupo que assumiu o poder depois daquela libertação.

O neologismo *Novidade Castigo* é um antropônimo formado pela soldagem de dois substantivos comuns em uma forma de nome próprio operada pela justaposição de duas palavras, à maneira da composição por justaposição tradicional. O antropônimo se acomoda ao ser que designa, pois ela viera ao mundo como uma punição, uma novidade (a filha única) que porta um castigo (a demência).

O neologismo *Verónica Manga* é também um antropônimo formado pela justaposição de dois substantivos comuns. O sentido especializado desse neologismo surge não devido à sua forma, mas devido ao ritmo da sua pronúncia, cuja realização permite detectar a palavra *camanga*. Em variedades de língua portuguesa na África, *camanga* designa o tráfico ilícito de diamantes. O antropônimo, portanto, acomoda-se ao ser que designa, posto que o homem com quem *Verónica Manga* convive trabalha em uma mina, local de onde se cavam minerais, como o diamante.

O neologismo *crystalinda*, em que se encontram fundidas as palavras *crystalina* e *linda*, caracteriza *Novidade Castigo*, destacando os seus aspectos físicos: nem a água é tão cristalina quanto a beleza da personagem. A inserção da lexia *uma* na lexia *certa vez*, produzindo o neologismo *certa uma vez*, coloca ênfase na definição do momento de ocorrência de um determinado fato. O neologismo *aranhiçar* descreve o modo como a insônia se move em *Verónica Manga*, como um aranhaço, roçando-lhe o peito.

O neologismo *Novidadinha* é uma forma afetiva de designar *Novidade Castigo*. O neologismo *drapejante* designa o modo como *Verónica Manga* encontra o braço de *Novidade Castigo* em um de seus espasmos (dessa vez, devido à descoberta do sinal da sua mocidade): como uma bandeira ondulante. O neologismo *filha-nenhuma* traz em si o sentido da lexia *filha única*, pois *Novidade Castigo* é a única filha do casal. Contudo, a lexia substituinte opera a construção de um sentido particular: a ausência de uma filha mentalmente sã.

O neologismo *repadecer* designa o ato de padecer, de ser vítima, novamente de um determinado evento outrora já acontecido. O neologismo *xipefo* designa um tipo de candeeiro rudimentar a petróleo muito comum em Moçambique. O neologismo *epilapsos* designa os ataques convulsivos que acometiam *Novidade Castigo*. O neologismo *desalvoroçar* designa a ação que *Verónica Manga* realiza para acalmar (tirar o alvoroço de) *Novidade Castigo*.

O sentido do neologismo *zulular* é facilmente identificado devido a informações presentes no contexto linguístico em que é empregado. De fato, o neologismo expressa a aflição, o desespero em que se encontra *Verónica Manga* quando, de casa, vê as explosões na mina em que Jonasse trabalha. Contudo, a forma do neologismo coloca o leitor (e o analista) em uma encruzilhada de alternativas, e todas elas muito incertas, pois algumas escolhas

parecem não fazer coincidirem forma e sentido.

De fato, essa unidade lexical neológica aparece uma outra vez ao longo da obra *Estórias abensonhadas* e mesmo em outras obras de Mia Couto. Jorge (2014), tendo encontrado esse neologismo no romance *A varanda do frangipani*, classifica-o como o resultado de um processo fonológico, precisamente de reduplicação de sílaba, tal como acontece com a forma *tontonto*, encontrada na mesma obra. Discordamos dessa classificação porque, diferentemente de *tontonto*, em que percebemos claramente qual a sílaba duplicada e, por isso, sabemos qual a palavra-base para o neologismo, não entendemos que a palavra-base de *zulular* seja *zuluar* (tendo em vista que a sílaba duplicada seria o segmento [lu]), pois tal palavra não é atestada em nenhum dicionário de língua portuguesa e muito menos na Internet.

A autora (JORGE, 2014), trabalhando com traduções de neologismos de Mia Couto para a língua francesa, considera que, como no romance em português, *zulular* é empregado em um contexto ligado a bebidas alcoólicas e à tontura, poder-se-ia aceitar, em uma situação em que a oralidade predomina e se impõe visível, uma referência à língua zulu e à influência da lua. É visível o equívoco entre a interpretação do sentido e a classificação da forma que Jorge (2014) opera: se a palavra *zulular* remete à língua zulu e ao luar, não se trataria, portanto, de um caso de reduplicação de uma sílaba de uma palavra-base, mas de uma simples justaposição de duas palavras distintas: *zulu + luar*.

Vukovač (2017), também trabalhando com traduções de neologismos de Mia Couto, mas para a língua croata, considera, assim como Jorge (2014), que *zulular* é a junção de *zulu* e *luar*, e sugere que “provavelmente a escolha da palavra zulu está ligada aos costumes mágicos do povo Zulu, que são conhecidos pelos moçambicanos” (VUKOVAČ, 2017, p. 54). Entretanto, a autora comente um equívoco ao classificar a forma *zulular* como uma amálgama, pois, de acordo com o conceito de amálgama adotado e os exemplos dados pela própria autora na página 15 de sua dissertação (VUKOVAČ, 2017) – *moribundar*, de *moribundo + andar*, *tremexer*, de *tremar* e *mexer* –, essa forma não apresenta nenhum tipo de amalgamento, mas apenas de justaposição de lexias.

Sousa (2013), por sua vez, considera que a palavra *zulular* representa o estado de embriaguez da personagem Velho Mourão (COUTO, 2007), pois permite a sensação de barulho ao singrar o mar em um barco; contudo, o analista não classifica o tipo de processo neológico, pois não é objetivo do seu trabalho.

Uma leitura atenta percebe em todas as ocorrências dessa palavra uma ideia de *perturbação*, de *aflição*, em maior ou menor grau, de *perda de controle*, como resultado de algo que abala o estado emocional e psicológico do acometido. Resta saber, então, quais palavras

estão, de fato, em jogo para expressar essa noção. Tanto o *Priberam* quanto o VOMOLP, nosso *corpus* de exclusão, possuem o verbo *zular* em seu banco de dados, mas não apresentam definições para ele. Em dicionários informais e coloquiais, todavia, é possível encontrar um único significado para esse verbo: ‘*espancar*’. Se aceitarmos que, de algum modo, a pessoa espancada, atingida, física ou psicologicamente, pode sentir-se perturbada, aflita, teremos, então, encontrado uma parte componente de *zulular*: o verbo *zular*.

Consideramos, então, que a outra parte seria facilmente reconduzível às lexias *ulular* e *luar*. Os sentidos da lexia *luar* estão intimamente relacionados aos sentidos da lexia *ulular*, verbo que denota o uivo de caninos, mas, em sentido figurado, pode, de acordo com o *Priberam*, ser usado para expressar o ato de emitir um grito de desespero, de aflição. Esse sentido especializado está presente no conto, quando o narrador diz: “a mulher *zululuava* pela casa, num *corre-morre* de aflição para susto, mosca em rabo de boi” (COUTO, 2012, p. 17). Desse modo, consideramos que o neologismo *zulular* é uma fusão vocabular, na qual as lexias *ulular* e *luar* estão completamente fundidas ao verbo *zular*, o qual, por sua vez, tem sua sequência sonora interrompida justamente para que aquelas outras lexias se acoplem.

O neologismo *corre-morre* é formado a partir da lexia *corre-corre*, do qual leva o seu sentido costumeiro, que é denotar uma grande agitação, geralmente em situações de desespero. A substituição da segunda forma *corre* por *morre* leva à informação da mensagem um valor expressivo de ênfase, para fazer o leitor ver a intensidade do desespero presente naquela agitação. O neologismo *alguns* denota não uma quantidade imprecisa de pessoas, como o pronome indefinido denota, mas uma quantidade de pessoas imprecisas, desconhecidas, sem relevância, por isso a sua conversão de pronome à substantivo.

O neologismo *ruar* designa o ato de estar exatamente no meio da rua. O neologismo *repentinamente* expressa a ação de agir de forma repentina. O neologismo *susplantar-se* descreve a absorção de *Novidade Castigo* pelas flores da terra como um ato de dar fim à existência.

4.3.3 Neologismos no conto O cego Estrelinho

Quadro 5 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O cego Estrelinho*.

Neologismo	Categoria	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Estrelinho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>Estrela</i> + <i>-inho</i>	ser
2. <i>Gigito Efraim</i>	substantivo	derivação sufixal + composição antroponímica	<i>Gigito</i> + <i>Efraim</i>	ser; relações sociais; imaginário
3. <i>descontar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>des-</i> + <i>contar</i>	atividades

4. <i>desvistado</i>	adjetivo	derivação parassintética	<i>des- + vista + -ado</i>	corpo
5. <i>repartidamente</i>	advérbio	derivação sufixal	<i>repartido + -mente</i>	corpo
6. <i>siamensal</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>siamês + -al</i>	corpo
7. <i>papaeira</i>	substantivo	modificação do significante	<i>papaieira</i>	natureza
8. <i>maravilhação</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>maravilhar + -ção</i>	estados psicológicos
9. <i>desbengalar-se</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des + bengalar (se)</i>	atividades
10. <i>devagaroso</i>	advérbio	derivação sufixal	<i>devagar + -oso</i>	atividades
11. <i>se-não-me</i>	conjunção	inserção lexical intralexical	<i>senão [me]</i>	estados psicológicos
12. <i>inatingir</i>	verbo	derivação prefixal	<i>in- + atingir</i>	atividades
13. <i>sozinhar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>sozinho + -ar</i>	atividades
14. <i>espongínquo</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>esponja + -ínquo</i>	corpo
15. <i>inevisível</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>inevitável + invisível</i>	corpo
16. <i>inimagens</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>in- + imagens</i>	psicológico
17. <i>ínvias lácteas</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	{ <i>via</i> } [<i>ínvia</i>] <i>láctea</i>	corpo; natureza
18. <i>desluada</i>	adjetivo	derivação parassintética	<i>des- + lua + -ada</i>	natureza
19. <i>tinturosa</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>tintura + -osa</i>	natureza
20. <i>pitosgar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>pitosga + -ar</i>	atividades
21. <i>despedaços</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>des- + pedaços</i>	espaço
22. <i>tresvoada</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>tres-+voada</i>	atividades
23. <i>Infelizmina</i>	substantivo	cruzamento vocabular	<i>infeliz + Felizmina</i>	ser; estados psicológicos
24. <i>redondura</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>redondo + -ura</i>	corpo
25. <i>andorinhar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>andorinha + -ar</i>	atividades
26. <i>sonoitada</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>sonoitar + -ada</i>	estados psicológicos
27. <i>tristonhar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>tristonho + -ar</i>	estados psicológicos
28. <i>miraginar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>miragem + -ar</i>	estados psicológicos

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra a história de um cego chamado Estrelinho, que tinha como guia Gigito Efraim. Estrelinho tinha muita vontade de viver e, por isso, precisava saber das coisas que aconteciam no mundo, pedindo para que Efraim as contasse. Gigito Efraim, contudo, lhe contava sempre mentiras. Então, tudo aquilo que Estrelinho sabia do mundo não era verdade. Gigito Efraim não servia, no fundo, como olhos para o cego. Em dezembro de algum ano, Gigito Efraim é levado pelos militares para lutar na guerra. Antes de partir, Gigito informa que sua irmã cuidaria de Estrelinho. O cego passa alguns dias sozinho, sem guia, a caminhar pelo mundo, descobrindo coisas que não via, perambulando pela noite, até cair em uma berma e ali adormecer. Ficou ali até que a irmã de Gigito Efraim, chamada Infelizmina, o encontrou. A moça passa a guiar o cego, mas sem trocar palavras com ele. Depois de muito tempo de pequenas aproximações e breves contatos corporais, os dois têm uma relação sexual. Certo dia, chega a notícia da morte de Gigito Efraim, a qual deixa Infelizmina muito triste, definhando de solidão e amargura. Estrelinho decide levar a moça à varanda e contar-lhe do mundo, que não

via, mas sabia. Os dois, então, saem pelo mundo, descobrindo aquilo que Estrelinho contava.

O conto em questão nos apresenta um deficiente visual, *Estrelinho*, que conhece o mundo apenas por meio dos olhos do seu guia, *Gigito Efraim*. Este, contudo, conta-lhe apenas mentiras, e tudo o que *Estrelinho* acredita ser real é, na verdade, irreal. Por esse motivo, são empregados neologismos que expressam o contrário do real que a visão pode alcançar: *descontar*, *desvistado*, *desbengalar-se*, *devagaroso*, *se-não-me*, *inatingir*, *inevisível*, *inimagens*, *ínvias lácteas*, *desluada*, *despedaços*. *Estrelinho*, abandonado pelo seu guia e sem as mentiras dele, passa a enxergar o mundo real, mesmo que não o veja com seus olhos.

Nesse conto, destacam-se aspectos socioculturais como a condição da pessoa portadora de deficiência, a relação dessa pessoa com a sociedade, a guerra e o imaginário, que figura nas coisas do mundo que Estrelinho, mesmo cego, consegue ver. Consideramos que Mia Couto nos mostra uma visão de mundo da cultura que é indiferente à capacidade de enxergar com os olhos do corpo, pois é muito mais uma tarefa imaginária e espiritual do que física.

O neologismo *Estrelinho*, com o qual o narrador nomeia o personagem principal do conto, é claramente uma unidade lexical formada por meio de um processo de hipocorização, posto que esse processo ocorre sempre a partir da modificação de um nome próprio. No nome *Estrelinho*, consta o sufixo diminutivo *-inho*, o qual modifica uma forma anterior, a qual acreditamos que é *Estrelo*, este sim o antropônimo, isto é, o nome próprio do personagem. A especialização de sentidos do nome se deve ao fato de o substantivo *estrela* denotar um corpo celestial provido de luz própria, responsável, inclusive, no caso do sol, por manter a vida na terra. Posto que um cego não enxerga luz alguma, trata-se, nesse caso, de um emprego irônico, o qual é atenuado pela adjunção do sufixo de grau diminutivo, que contém um nítido valor afetivo. Percebe-se, ainda, uma concepção de visão de mundo diferente, pois, mesmo sem a luz dos olhos, *Estrelinho* é capaz de enxergar o que existe na sua imaginação, na sua alma, e de criar para si mesmo um mundo todo seu.

O neologismo *Gigito Efraim* também é um hipocorístico, devido à modificação de um nome anterior, o antropônimo, por meio tanto do acréscimo do sufixo *-ito* à base quanto pela repetição de uma sílaba desse nome, a sílaba <gi>. Devido à simultaneidade de dois processos díspares, não conseguimos detectar o nome que serviu de base a esse processo de hipocorização. A outra parte do nome, contudo, permanece inalterada, *Efraim*. Este é, nas históricas bíblicas, o nome do segundo filho de José e de Asenat. Como chefe da tribo de Efraim, sua missão é exatamente a de guia, tal como *Gigito*, levando ao mundo a mensagem do evangelho restaurado e levantando um estandarte a fim de reunir a Israel dispersa.

O verbo *descontar* consta no nosso *corpus* de exclusão com um sentido diferente

daquele que apresenta no texto. Todavia, não consideramos esse um caso de neologismo semântico porque não se trata, de acordo com os sentidos do texto, de uma modificação de significado de uma forma já atestada; trata-se, na verdade, da expressão da ação contrária de um evento verbal: o neologismo *descontar* tem o sentido composicional de *des-* + *contar*, isto é, contar o contrário, desdizer. É, portanto, uma derivação prefixal. O neologismo *desvistado* designa o sujeito sem vista, sem visão. O neologismo *repartidamente* exprime como a mão de Gigito Efraim era ao mesmo tempo sua e de *Estrelinho*, ao qual se apegava arduamente.

O neologismo *siamensal* caracteriza o tipo de relação que havia entre a mão de *Gigito Efraim* e a do cego *Estrelinho*. A unidade lexical *siamês*, que já é atestada como adjetivo e tem caráter relativo, recebe o sufixo *-al*, formador de adjetivo relativos e sofre uma alteração na forma, com a inserção de uma consoante nasal, talvez para desfazer a vocalização do fone [s] intervocálico. A expressão de relatividade expressa duas vezes (pela lexia *siamês* e pelo acréscimo do sufixo relativo) denota a intensidade da união entre as mãos.

O neologismo *papaeira* denota, com a alusão à árvore frutífera, a profícua imaginação de *Estrelinho*. A forma *papaieira* é atestada no Priberam, mas a forma *papaeira* não o é. Acreditamos que Mia Couto externa nessa passagem características da oralidade do povo moçambicano, reproduzindo um fenômeno fonológico muito comum da fala: a monotongação de ditongos. O neologismo *maravilhação* denota a ação de maravilhar-se com o mundo. O verbo *desbengalar-se* denota a ação de desfazer-se da bengala, que serve de apoio e guia ao cego. O neologismo *devagaroso* denota o modo sorrateiro como o cego *Estrelinho* se agarrava à mão do guia quando este estava já dormindo.

O neologismo *se-não-me* é um caso insólito de criação de um elemento gramatical, uma conjunção, por meio de uma inserção lexical na lexia *senão*, a qual, em certos tipos de textos encontra-se grafada *se não*, devido à similaridade da pronúncia de ambas. No texto do conto, tem um valor expressivo semelhante ao das partículas pronominais em verbos do tipo *queixar-se*, *angustiar-se* ou *perturbar-se*, em que a ação feita por um sujeito não recai sobre ele mesmo, mas acontece no seu interior, afetando seus estados emotivos e/ou psicológicos.

O neologismo *inatingir* é empregado com o mesmo sentido de *não atingir*, isto é, *não chegar a tal ponto*; no conto, a idade para servir às forças militares. O neologismo *sozinho* denota a ação de estar, ficar e andar sozinho. O neologismo *espongínquo*, expressa a maneira como o amigo do personagem é *engolido*, como uma esponja, pela distância ao afastar-se, e a própria distância em que se encontra, *longínquo*. O neologismo *inevisível* expressa ao mesmo tempo duas emoções sentidas pelo cego *Estrelinho*: o fato inevitável de o seu guia ter de ir embora e o fato de ele não poder ver seu amigo indo embora.

O neologismo *inimagens* denota aquilo que *Estrelinho* presencia depois de o seu amigo ter partido. Como *Estrelinho* não enxerga, ele presencia algo que não existe. O neologismo *ínvias lácteas* é produzido com base na lexia *Via-Láctea*, que é o nome que designa uma galáxia. Contudo, *Estrelinho* não pode enxergar caminhos (vias). O adjetivo *ínvio*, que substitui a lexia *via* em *Via-Láctea*, expressa, portanto, a impossibilidade de enxergar caminhos. O neologismo *desluada* designa uma noite sem a presença da luz do luar no céu.

O neologismo *tinturosa* caracteriza aquela noite sem a luz da lua no céu, imensamente escura, como se estivesse repleta de tintura negra. O neologismo *pitosgar* designa o ato de caminhar como um míope, uma pessoa sem visão, tateando em busca de algum objeto. O neologismo *despedaços* designa o que *Estrelinho* encontrava ao tatear em busca de algum objeto: pedaços, nada em que pudesse, de fato, se amparar. No neologismo *tresvoada*, encontra-se o segmento *tres-*, que é uma forma variante do prefixo *trans-* e é encontrável nas palavras *tresvariado* e *tresloucado*, acrescentando a estas a ideia de excesso em um comportamento anormal. De fato, no texto, a ave branca voa sem noção de local nem direção.

Diferentemente dos outros dois nomes dados aos personagens do conto, o neologismo *Infelizmina* é verdadeiramente um signo antroponímico, um nome próprio, construído por meio do cruzamento dos vocábulos *infeliz* e *Felizmina*, este muito comum na tradição antroponímica portuguesa. No conto, *Infelizmina* perde o seu único irmão e o seu único parente que ainda estava vivo. Note-se como o nome se acomoda perfeitamente ao ser que designa, expressando a infelicidade que acomete a vida desse ser.

O neologismo *redondura* designa a percepção que *Estrelinho* tem do formato dos seios de *Infelizmina*. O neologismo *andorinhar* expressa o modo como se encontravam as emoções na cabeça de *Estrelinho* após o ato sexual com *Infelizmina*: voavam como andorinhas. O neologismo *sonoitada* caracteriza o estado em que *Infelizmina* se encontra após consumir o ato sexual com *Estrelinho*: repleta de sono e de noite. Esse neologismo é formado de um hipotético verbo *sonoitar*, que, formado por fusão vocabular, condensa em si as noções de *sono* e de *noite*. O neologismo *tristonhar* designa o ato de ficar tristonho. O neologismo *miraginar* designa o ato de ter miragens, de ver na mente imagens de coisas que não existem.

4.3.4 Neologismos no conto *Na esteira do parto*

Quadro 6 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Na esteira do parto*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Diamantinho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>Diamante</i> + <i>-inho</i>	ser

2. <i>Tudinha</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>Tude + -inha</i>	ser
3. <i>zulular</i>	verbo	fusão vocabular	<i>zular + ulular</i>	atividades
4. <i>Cascatinha</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>Cascata + -inha</i>	ser
5. <i>timiúda</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>tímida + miúda</i>	estados psicológicos
6. <i>descontorcida</i>	adjetivo	derivação prefixal	<i>des- + contorcida</i>	corpo
7. <i>ferrujado</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>ferrujar + -ado</i>	corpo
8. <i>displicientífico</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>displicente + científico</i>	estados psicológicos
9. <i>desprogredir</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des- + progredir</i>	atividades
10. <i>Padre-Maria</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>Padre {Nosso} [Maria]</i>	imaginário
11. <i>Ave-Nossa</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>Ave {Maria} [Nosso]</i>	imaginário
12. <i>sofrimentada</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>sofrimentar + -ada</i>	estados psicológicos
13. <i>transpiros</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>trans- + -piros</i>	corpo
14. <i>nem-estar</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>{mal} [nem]-estar</i>	estados psicológicos
15. <i>descomportar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des- + comportar</i>	atividades
16. <i>metamorfase</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>metamorfose + fase</i>	psicológico
17. <i>péssimos olhados</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>{maus} [péssimos] olhados</i>	imaginário

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra a história do casal Diamantinho e Tudinha Rosa, que buscam ajuda na casa de Ananias e Maria Cascatinha, para que esta ajude aquela a dar à luz o seu filho. Cascatinha acomoda Tudinha em sua esteira pessoal, na varanda, e lá faz tudo o que sabe e consegue para ajudar a criança a vir ao mundo, enquanto Diamantinho invade a casa do anfitrião e se acomoda como se estivesse em sua própria casa, solicitando bebidas e atenções. Ananias tenta convencer Diamantinho a acompanhar as dores de sua esposa, mas Diamantinho desconversa. Enquanto isso, Tudinha se contorce de dores e gritos, pois a criança não quer sair. Outras mulheres aparecem e se colocam ao redor da parturiente para ajudar no parto.

Ananias é chamado e, quebrando a tradição, junta-se às parteiras ali presentes. Suspeitas são levantadas, pois “*todos, afinal, sabem bem: parto que se prolonga significa infidelidade da mulher*” (COUTO, 2012, p. 29). Tudinha, então, confessa que trocou amores com Ananias. Cascatinha, mesmo perplexa e lacrimante, continua seu trabalho de parteira. Diamantinho, ouvindo a confissão, vai à varanda, furioso, e os dois homens partem da discussão verbal para a agressão física. Enquanto isso, o menino nasce e é levado, junto a Tudinha, para um quarto da casa, para onde também vai Ananias. Diamantinho e Cascatinha, compartilhando da mesma dor, se abraçam. Cascatinha parte com Diamantinho para a casa dele, de onde nunca mais regressa. O cerne desse conto é o parto, em seus aspectos naturais e socioculturais, como o ritual e as sabedorias populares acerca dele. Em torno desse núcleo, gravitam aspectos das *relações sociais*, como o casamento, a família e a traição.

O neologismo *Diamantinho* é um hipocorístico de um sobrenome presente na tradição de algumas culturas neolatinas, na qual está inclusa a lusitana. O neologismo *Tudinha* é também um hipocorístico, possivelmente de *Gertrudes*, nome de origem germânica, mas muito presente na cultura lusitana, da qual Moçambique recebeu fortes influências.

Neste conto aparece novamente o verbo *zulular* relacionado, assim como na vez anterior, à aflição, ao desespero; mas, desta vez, aparece em uma situação de dor física: “(...) *Tudinha Rosa, retorcida em dores e esgares. A pobre zululuava, em completas tonturas*” (COUTO, 2012, p. 27). Essa segunda ocorrência reforça tanto a nossa rejeição aos tratamentos dados por Jorge (2014) e Vukovač (2017), que o consideram a junção das lexias *zulu* e *luar*, quanto o nosso entendimento de que se trata, na verdade, de uma fusão vocabular, na qual o verbo *ulular* e o subsantivo *luar* estão completamente fundidos ao verbo *zular*, como discorreremos na seção sobre o conto *As flores de Novidade Castigo*.

O neologismo *Cascatinha* é um hipocorístico formado de *Cascata*. O neologismo *timiúda* exprime o modo como *Cascatinha* sorriu ao oferecer sua esteira pessoal para que *Tudinha* pudesse deitar para o parto, pois, no fundo, ela não se sentia à vontade em oferecer à outra um dos seus mais íntimos pertences. O neologismo *descontorcida* informa o modo como *Tudinha* se encontra deitada na esteira, torcida e contorcida de dores. O neologismo *ferrujado* exprime como *Diamantinho* se sente em relação às ocupações de cuidar da esposa.

O neologismo *displicientífico* é empregado para caracterizar o estado de desinteresse de *Diamantinho*, pois, enquanto se mostrava displicente em relação às dores da esposa, se mostra muito científico, expondo suas reflexões sobre a vida. O neologismo *desprogredir* é empregado com o sentido de não progredir para expressar o insucesso da parturiente, que não conseguia expelir de seu ventre o menino.

Os neologismos *Padre-Maria* e *Ave-nossa* são empregados para demonstrar que a dor de *Tudinha* era tão intensa que ela estava já fora de si, trocando o nome das duas mais conhecidas preces da tradição católica. Revela a presença da fé cristã naquela cultura, a cujas figuras o cristão se apegava em momentos de angústia. O neologismo *sofrimentada* exprime, de modo mais enfático, que *Tudinha* é o sujeito sobre o qual recai aquele sofrimento, em vez da forma *sofrida*, mais conhecida pela norma, porém menos expressiva.

O neologismo *transpiros* é criado a partir da interpretação de *-piro* como uma base lexical, ao molde de *suspiro*. Poder-se-ia alegar que se trata, invés, de um truncamento da forma *transpiração*, já atestada, mas o próprio conto, trazendo uma sequência típica de paralelismo, invalida essa alegação: “*então, no meio de gritos, suspiros e transpiros, Tudinha Rosa confessou ter trocado amores com Ananias, o próprio e presente anfitrião*” (COUTO, 2012, p.

29). O neologismo *nem-estar* é formado com base na lexia *mal-estar* e dela leva o sentido, o qual é especializado pela presença do advérbio *não*, para exprimir o estado emocional em que *Cascatinha* fica ao saber da traição do marido.

O neologismo *descomportar-se* é empregado com o sentido de ‘*não se comportar*’, para expressar como se comportam os olhos de *Cascatinha* ao saber da traição do marido. O neologismo *metamorfase* é empregado para exprimir como *Diamantino* muda de forma repentina do estado displicente e indiferente para agressivo perante a descoberta da traição da esposa. O neologismo *péssimos-olhados* é formado com base na lexia *maus-olhados*, da qual leva o sentido, e, como evidencia a forma de superlativo do adjetivo *mau*, exprime a intensidade das pragas rogadas por *Diamantino* sobre Ananias.

4.3.5 Neologismos no conto O perfume

Quadro 7 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O perfume*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>subvidente</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>sub-</i> + <i>vidente</i>	estados psicológicos
2. <i>amalgar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>amalga</i> + <i>-ar</i>	atividades
3. <i>desnamoros</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>namoros</i>	relações sociais
4. <i>esparramejar</i>	verbo	cruzamento vocabular	<i>esparramar</i> + <i>ramejar</i>	atividades
5. <i>sonambulenta</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>sonambula</i> + <i>-enta</i>	estados psicológicos
6. <i>meninar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>menino</i> + <i>-ar</i>	corpo
7. <i>avespar</i>	verbo	derivação parassintética	<i>a-</i> + <i>vespa</i> + <i>-ar</i>	atividades
8. <i>embasbacada</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>embasbacada</i> + <i>boca</i>	estados psicológicos
9. <i>bâton</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>bâton</i>	tradições
10. <i>tchovar</i>	verbo	integração + derivação sufixal	<i>tchova</i> + <i>-ar</i>	atividades
11. <i>cavalheirar</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>cavalheiro</i> + <i>-ar</i>	atividades
12. <i>espantalhada</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>espantalho</i> + <i>-ada</i>	estados psicológicos
13. <i>estrelajo</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>estrela</i> + <i>-ejo</i>	natureza

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra a repentina mudança de atitude de Justino em relação à sua esposa Glória. Um dia, depois de algum tempo já sem romantismo na relação, Justino diz à Glória que eles vão a um baile e lhe entrega, de presente, um embrulho, no qual consta um vestido novo. Justino sugere a Glória o que ela deveria fazer: banhar-se, maquiar-se, perfumar-se... e nesse ínterim cresce o espanto de Glória, a qual, todavia, faz o que o marido lhe sugere. Justino a leva ao baile, tratando-a de forma cavalheiresca e sugerindo até que Glória dance com outros homens e se divirta à vontade. Enquanto Glória se diverte no baile, Justino vai para fora do local.

Sentada à mesa e já em lágrimas, Glória vê Justino fechar a porta e ir embora. Glória volta para casa, sozinha, dorme na varanda e, no dia seguinte, entra em casa, estreando a sua nova felicidade.

O conto gira em torno do relacionamento de Justino e Glória e, especialmente, da súbita mudança nas atitudes daquele em relação a esta. Trata-se de uma visão particular sobre um aspecto dos relacionamentos amorosos, exatamente o término.

O neologismo *subvidente* designa a situação de Glória, que vivia uma subvida, sempre à espera que o marido lhe oferecesse amor, carinho e afeição. O neologismo *amalgar* está empregado com o mesmo sentido de *amalgamar*. Consideramos que esse neologismo é formado a partir do substantivo *amalga*, uma forma muito comum na oralidade, em lugar da forma *amálgama*. Ocorre, nesse caso, uma redução de sílabas, e a palavra passa de proparoxítona à paroxítona, o que facilita a pronúncia e, de certo modo, atende à uma regularidade do sistema, pois o português é uma língua cujo acento dos vocábulos é majoritariamente paroxítono. Notam-se, pois, indícios de oralidade, tema sempre presente nas obras de Mia Couto. O neologismo *desnamoros* designa a situação atual do casal, na qual já não há mais nada de romance, de namoros. Nota-se, aqui, o interessante e recorrente uso do prefixo *des-* não mais com valor de ‘*ao contrário*’, mas com o valor de negação total daquilo que a base designa.

O neologismo *esparramejar* designa o ato com o qual Glória, aturdida com a atitude de Justino, deixa cair o vestido sobre si. O neologismo *sonambulenta* exprime o modo como Glória arruma os cabelos: lentamente, como se a ação fosse feita por uma pessoa em estado de sonambulismo. O neologismo *meninar* exprime um tempo da adolescência de Glória, época em que ela e Justino iniciaram os namoros. O neologismo *avespar* designa o modo como Justino aperta o tecido na cintura de Glória.

O neologismo faz alusão ao ato de afivelar, pois a própria fivela remete ao inseto cujo nome está na base do verbo. O neologismo *embasbocada* exprime como Glória se sentia em relação às atitudes de Justino, que lhe pede, inclusive, que passasse um batom. O neologismo *bâton* designa o cosmético. O uso da forma francesa tem a intenção de vitalizar o processo de passar um “*arranjo no rosto*” (COUTO, 2012, p. 32), que Justino sugere a Glória.

O neologismo *tchovar* demonstra a integração de uma palavra alóctone à estrutura da língua portuguesa, com o sentido de *empurrar*, cuja origem é possivelmente o substantivo *tchova-xitaduma*, o qual designa um tipo de carroça rudimentar feita de uma chapa metálica sobre rodas e movida por tração humana. O neologismo *cavalheirar* designa a ação de agir como um cavaleiro, a qual Justino realizava no tratamento à Glória.

O neologismo *espantalhada* exprime a forma como Glória se sente perante as inesperadas atitudes cavalheirescas de Justino. O neologismo *estrelajo* parece-nos ter sido formado com base em *lampejo*, que denota um brilho intermitente de uma fonte de luz, o qual, no conto, é o brilho das estrelas. Não se trata de uma analogia, mas de uma derivação de fato, na qual foi aproveitada a noção que o sufixo *-ejo* acrescenta à palavra *lampo*, que é a forma conhecida em alguns dialetos portugueses, enquanto, na variedade brasileira, a forma vulgarizada é *relâmpago*.

4.3.6 Neologismos no conto O calcanhar de Virigílio

Quadro 8– Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O calcanhar de Virigílio*.

Neologismo	classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Virigílio</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>viril + Virgílio</i>	ser; corpo
2. <i>intransitar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>in- + transitar</i>	atividades
3. <i>repetepete</i>	substantivo	reduplicação	<i>repete</i>	atividades
4. <i>cacimbolenta</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>cacimbo + -(l)enta</i>	natureza
5. <i>tchova-xitaduma</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>tchova-xitaduma</i>	tradições
6. <i>desavizinhar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des- + avizinhar</i>	atividades; relações sociais
7. <i>cabistonta</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>cabisbaixa + tonta</i>	estados psicológicos
8. <i>matematicar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>matemática + -ar</i>	atividades
9. <i>isto-aquilo</i>	substantivo	composição morfosintática	<i>isto + aquilo</i>	estados psicológicos

Fonte: elaborado pelo autor.

O enredo do conto é construído em torno da figura de Hortência e o seu rápido envolvimento com o carpinteiro Virigílio Prego após a morte do seu marido. O conto inicia com o funeral de Filimone, homem que vivia sempre bêbado e que Hortência, com frequência, buscava nas bermas das estradas e levava, carregando sobre si, para casa. Sem dinheiro para o caixão, Hortência junta madeiras e leva a Virigílio para que ele construa um ataúde para o seu falecido. O homem disfarça que fez os serviços por amizade, mas cobra carícias e amores de Hortência. No velório, de tão triste, Hortência não chora, o que levanta suspeitas entre a vizinhança, que passa a acreditar que ela já traía o finado desde quando este ainda estava vivo. Hortência se entrega de vez a Virigílio e à bebedeira. Exatamente um ano após a morte do marido, Hortência decide ir ao cemitério, prestar homenagens. Quer a companhia do compadre Virigílio, que nega caminhada alegando que o frio causa dores aos seus calcanhares. No cemitério, Hortência bebe em memória do marido. De regresso para casa, no escuro da noite fria, Hortência cai em uma vala e ali mesmo fica. Ninguém a socorre. A mulher sente um

repentino e progressivo sono e se entrega à terra fria, pensando nos braços de Filimone.

No conto, é possível identificar menções implícitas à violência contra a mulher, tanto de forma física, quando Virígilio cobra favores sexuais a Hortência, quanto de forma simbólica, quando Hortência era afligida pela bebedeira de Filimone e quando Virígilio influencia Hortência ao vício da bebedeira.

O neologismo *Virígilio* é um antropônimo formado por um processo de fusão vocabular, em que se encontram as bases *viril* e *Virgílio*, este também um nome próprio. O antropônimo designa, portanto, um referente do sexo masculino muito viril, dominador, pois ele exerce esse poder sobre a viúva, levando-a a viciar-se em bebidas alcoólicas. O neologismo *intransitar* designa o modo como Hortência, durante o cortejo fúnebre do seu marido, se encontra no meio do trânsito: sem receios, sem medo dos perigos do trânsito.

O neologismo *repetepete* se refere ao fato de Hortência, todas as noites, como em uma repetição infinita, ir buscar seu marido, sempre caído pelas estradas. O neologismo *cacimbo* caracteriza a noite durante o período do ano em que, em Moçambique, acontece o cacimbo, um evento atmosférico que produz muito orvalho e nevoeiro denso. O neologismo *tchova-xitaduma*, de origem alóctone, designa um tipo de carroça rudimentar feita de uma chapa metálica sobre rodas e movida por tração humana.

O neologismo *desavizinhar* é empregado para exprimir que todas as vizinhas de Hortência se afastaram dela quando ela se entregou ao vício da bebida. Essa lexia tanto designa uma ação volitiva por parte das vizinhas quanto evidencia um certo tipo de relação social baseado em costumes e valores morais assumidos na cultura. O neologismo *cabistonta* designa o estado em que Hortência se encontra quando está bêbada: cabisbaixa e tonta.

O neologismo *matematicar* é empregado com o sentido de ‘fazer cálculos’, ‘contar’. O neologismo *isto-aquilo* é empregado para expressar o desinteresse disfarçado de interesse, mas justificado, por parte de *Virígilio*; a lexia tem o mesmo sentido de uma frase do tipo ‘por este e aquele motivo’.

4.3.7 Neologismos no conto *Chuva: a abensonhada*

Quadro 9 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Chuva: a abensonhada*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>abensonhada</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>abençoada</i> + <i>sonhada</i>	imaginário
2. <i>perfumegante</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>Perfumegar</i> + <i>-ante</i>	natureza
3. <i>indaguar</i>	verbo	fusão vocabular	<i>indaguar</i> + <i>água</i>	atividades
4. <i>cantarosa</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>cantar</i> + <i>-osa</i>	natureza

5. <i>Tristereza</i>	substantivo	cruzamento vocabular	<i>triste + Tereza</i>	ser; identidade e memória
6. <i>lonjear</i>	verbo	derivação sufixal	<i>lonje + -ar</i>	atividades
7. <i>murmurir</i>	verbo	fusão vocabular	<i>murmurar + rir</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

No conto, o narrador, cujo nome não é mencionado, conta a conversa que tem com uma mulher a quem ele chama de Tia Tristereza, a qual, de acordo com as informações presentes no cotexto, parece ser a pessoa responsável pelos serviços do lar do narrador. Ele se encontra sentado à janela observando a chuva que cai há três dias, enquanto Tristereza arruma roupas e lençóis. Os dois conversam sobre a guerra, sobre a chuva, sobre o tempo que ela demorou para chegar, sobre as bênçãos que ela traz e sobre o que ela significa. Tristereza alega que a chuva é recado dos espíritos: com o fim da guerra, o céu pôde chover, para lavar o sangue e molhar os mortos, mesmo os mais veteranos que “*já se ressequiam lá nas profundezas*” (COUTO, 2012, p. 44).

Ao longo do diálogo, traça-se uma narrativa real dos fatos acontecidos em Moçambique, enriquecidos, obviamente, com a veia poética do escritor, que transmite, pela fala dos personagens, sua visão de mundo sobre aqueles fatos, sobre o Moçambique do antes e do depois da guerra. Findado o serviço, saem de braços dados Tristereza e o narrador, “*os dois pisando charcos, em descuido de meninos que sabem do mundo a alegria de um infinito brinquedo*” (COUTO, 2012, p. 46).

O conto narra de forma poética um diálogo sobre fatos históricos e reais (a guerra, as mortes, a violência, a seca) enriquecidos com a visão de mundo dos interlocutores. Podemos detectar a crença no sagrado, como ele interage com o mundo dos homens, como abençoa ou amaldiçoa dependendo das ações destes. Identificamos também questões de identidade e de memória na figura de *Tristereza*, cheia de saberes tradicionais, os quais busca transmitir para o seu interlocutor, que é mais jovem. A chuva é um recado dos espíritos, que informam que estão felizes com o fim da guerra, pois, assim, Moçambique voltará a ser aquela terra que eles conheciam, antes de se encantarem.

O neologismo *abensonhada*, que se encontra no título do conto, caracteriza a chuva. Com a fusão das palavras *abençoada* e *sonhada*, Mia Couto informa que aquela chuva, que simboliza a paz, era *sonhada*, almejada há muito tempo, e *abençoada*, porque é um recado dos espíritos, uma boa-nova de que, então, Moçambique encontrará a paz que sonhava e poderá dar descanso aos seus mortos.

O neologismo *perfumegante* é empregado para atribuir uma qualidade à terra

molhada por aquela chuva: tocada pela água, que simboliza a paz, a terra, como um perfume, exala seus odores, suas boas-novas. O neologismo *indaguar* expressa como os sobreviventes daqueles longos anos de guerra se perguntavam se ainda poderiam recomeçar. A fusão da palavra *água* à palavra *indagar* se deve por motivos expressivos do contexto da situação extralinguística, pois, com a guerra, a terra encontrava-se seca, morta, e as dúvidas sobre o futuro daquela gente simbolizam o desejo de água, pois, questionando-se sobre o futuro, o homem moçambicano demonstra que ainda tem a capacidade de desejar, de ansiar a paz para a sua terra, para o seu povo.

O neologismo *cantarosa* qualifica o modo como a água cai: como se cantasse, trazendo a alegria há tanto almejada. O neologismo *Tristereza* é um antropônimo formado pelo cruzamento de *triste* e *Tereza*. Memória e tradição são marcas constituintes da cultura moçambicana e africana em geral. *Tristereza* representa a tradição e a memória, de uma forma triste, mas não a tristeza da infelicidade, senão a tristeza da nostalgia, da melancolia, a tristeza de quem presenciou um passado amargo, mas que dele faz a sua memória, a sua identidade. O neologismo *lonjejar* designa a ação de se direcionar para o longe. O neologismo *murmurrir* designa a ação de *murmurar* e *rir* e ao mesmo tempo.

4.3.8 Neologismos no conto O cachimbo de Felizbento

Quadro 10 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O cachimbo de Felizbento*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Felizbento</i>	substantivo	composição antroponímica	<i>Feliz + bento</i>	ser
2. <i>recém-recente</i>	adjetivo	derivação prefixal	<i>recém- + recente</i>	tempo
3. <i>Nação</i>	substantivo	semântico	<i>nação</i>	espaço; relações sociais;
4. <i>ordem analfabética</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>ordem [an-] alfabética</i>	relações sociais
5. <i>depressar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>depressa + -ar</i>	atividades
6. <i>covar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>cova + -ar</i>	atividades
7. <i>incondizência</i>	substantivo	derivação parassintética	<i>in- + condizer + -ência</i>	atitudes
8. <i>desacreditar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des- + acreditar</i>	atitudes
9. <i>outroras</i>	substantivo	conversão	<i>outrora</i>	tempo
10. <i>desmalar</i>	verbo	derivação parassintética	<i>des- + mala + -ar</i>	atividades
11. <i>tirilene</i>	substantivo	semântico	<i>Tirilene</i>	tradições
12. <i>descalcidão</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>descalço + -idão</i>	corpo
13. <i>inutensílio</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>inútil + utensílio</i>	tradições

Fonte: elaborado pelo autor.

No conto, descreve-se, primeiramente um local ainda recente, onde tudo estava

tranquilo e a natureza era exuberantemente viva. Até o dia em que ali chegou a guerra, que destruiu tudo. De outra terra – a Nação –, chegaram naquele local homens cruéis, apressados, que cumpriam ordens de outros homens, para informar aos habitantes que estes deveriam deixar o local, sua terra. Na fila, está o velho Felizbento, que, ordenado para sair, diz que sairá somente se levar consigo todas as árvores. O funcionário o deixa ficar, ameaçando-o, porém, que na semana seguinte o levaria, nem que fosse à bruta força. No dia seguinte, Felizbento decide desenterrar todas as árvores que pudesse, começando pela árvore sagrada do seu quintal.

Quando voltou para casa, encontrou a mulher vestida com roupas de outrora, insinuando namoros. A mulher, sem querer, pisa no seu pé, e ele decide voltar para o imenso buraco que já cavara na tentativa de retirar dali a árvore sagrada. Entrou no buraco e retirou do bolso o seu cachimbo, lançando-o fora. Felizbento ingressou no buraco e de lá não mais saiu, e o cachimbo ficou jogado na terra, esquecido por longos anos. A mulher ainda hoje vai ao buraco e chama docemente o nome de Felizbento. Há quem diga que, sob a árvore sagrada, brotou outra planta, agarrando-se em um suporte invisível. Há quem diga que a árvore se segura na madeira de um certo cachimbo, por isso, nos poentes, a árvore exala fumaças, como uma chaminé. Para a esposa, é Felizbento, que, debaixo de Moçambique, fuma em paz o seu cachimbo, esperando o dia da paz definitiva. Nesse conto, encontra-se novamente um elemento fantástico cobrindo a narrativa dos fatos reais de uma guerra que assolou um país inteiro.

Felizbento simboliza aqueles que, enterrados sob o chão de Moçambique, anseiam a paz. O neologismo *Felizbento* é um antropônimo formado pela justaposição de duas unidades lexicais: *feliz* e *bento*, aproveitando-se da sonoridade de um nome comum na tradição antroponímica portuguesa: *Felisberto*. Assim como os demais antropônimos que aparecem na obra, esse nome se acomoda perfeitamente ao ser que designa, pois *Felizbento*, mesmo perante a guerra, encontra a sua felicidade e a sua proteção sob a árvore sagrada, que simboliza a ancestralidade dos moçambicanos. A figura de *Felizbento* resguardado sob o poder sagrado da árvore representa a preservação da identidade, isto é, da identificação com a terra, e da memória ancestral, sempre evidenciada nos contos da obra na figura das pessoas idosas, consideradas, em uma terra de muita oralidade, os portadores e os transmissores dos saberes de seu povo.

O neologismo *recém-recente* descreve o frescor da terra retratada no conto, que é claramente Moçambique, em sua época de exuberância antes da guerra. O neologismo *Nação* designa o modo como era chamada a metrópole, Portugal, durante o período do Moçambique colônia. O neologismo *ordem analfabética* é formado com base na lexia *ordem alfabética*, da qual preserva os sentidos e os especializa em função do cenário de produção da obra, uma terra onde a população era predominantemente não alfabetizada. Pode referir-se também à ordem

dada a *Felizbento* pelo soldado, ou seja: uma ordem dada por um analfabeto.

O neologismo *depressar* exprime a ação de agir rapidamente, *de pressa*. O neologismo *covar* denota a ação de fazer uma cova, de cavar. O neologismo *incondizência* expressa a falta de acordo entre os atos de *Felizbento* (cavar sob árvore sagrada) e a realidade, totalmente desprovidos de lógica.

O neologismo *desacreditar* exprime o ato de não acreditar, e não o ato de deixar de acreditar. Embora esteja registado no *corpus* de exclusão, os sentidos lá descritos não contemplam o sentido especializado no texto. Contudo, não consideramos um caso de neologismo semântico, posto que o emprego do sufixo *des-* com valor de negação total daquilo que a base designa se trata de uma regra produtiva na norma apresentada por Mia Couto e não um desvio de sentido.

O neologismo *outroras*, migrando de advérbio para substantivo, é empregado para designar um certo tempo passado, preservando, portanto, suas noções semânticas, mudando apenas a função sintática. O prefixo *des-* em *desmalar* significa, desta vez, ação contrária, e o neologismo denota a ação de desfazer uma mala. O neologismo *tirilene* é formado por uma mudança semântica do tipo metonímica, deixando de designar um tipo de tecido e passando a designar as roupas feitas com esse tecido. O neologismo *descalcidão* é empregado para denotar a situação de estar descalço.

O neologismo *inutensílio*, formado pela fusão da lexia *inútil* à lexia *utensílio* denota a *inutilidade* de certos instrumentos de diversos tipos e formas que são, por vezes, denominados, exatamente, *utensílios*. Poder-se-ia alegar, como fazem Jorge (2013) e Nunes (2003), que se trata, na verdade, de um processo de prefixação, com adjunção do prefixo *in-* à base *utensílio*, portando a esta a ideia de negação. Contudo, além de esse não ser um recurso produtivo na norma de Mia Couto, as informações presentes no contexto da obra deixam claro que não se trata desse tipo de negação, mas da atribuição da qualidade de *inútil* a um objeto que era um utensílio de *Felizbento*.

4.3.9 Neologismos no conto O poente da bandeira

Quadro 11 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O poente da bandeira*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>neblinublada</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>neblina + nublada</i>	natureza
2. <i>ensonação</i>	substantivo	derivação parassintética	<i>en- + sono + -ção</i>	natureza
3. <i>luzinhenta</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>luzinha + -enta</i>	natureza
4. <i>permeolhável</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>permeável + olhável</i>	natureza

5. <i>arco-iriscar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>arco-íris + -(c)ar</i>	natureza
6. <i>autoritarista</i>	verbo	derivação sufixal	<i>autoritário + -ista</i>	relações sociais
7. <i>lei-de-fora</i>	substantivo	composição morfossintática	<i>lei + de + fora</i>	relações sociais

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra as aventuras que acontecem a um menino cujo nome não é mencionado. Segundo a avó do menino, ele sempre a pedia que o cortasse com uma lâmina para que, sangrando, pudesse sonhar, ver o futuro. Caminhando durante uma manhã qualquer, o menino chega ao edifício municipal, diante do qual está um coqueiro que serve de mastro a uma ondulante bandeira, para qual o menino desvia o olhar, deslumbrado. Um soldado o golpeia na cabeça e lhe pergunta se ele não tinha visto a bandeira. O menino tomba ao chão, o policial lhe pisa o rosto com a bota, indagando-lhe se ele não aprendera respeitos à bandeira. Sem ter como responder, o menino sente o sangue escorrendo, enquanto o soldado continua a espancá-lo. Diante da crueldade do ato, a bandeira se desprende e voa para o céu enquanto a palmeira despenca sobre o soldado, matando-o. Ficam tombados no chão os dois corpos e a árvore. Disparatadas conversas dizem que a árvore já está morta antes de ruir. A avó do menino, ao contrário, garante que a árvore se vingou contra as injustiças praticadas contra a vida. A palmeira foi retirada do local do incidente, mas ainda é possível ouvir o murmúrio das suas folhagens.

Nesse conto, vê-se, novamente, um Moçambique descrito através de uma narrativa em que o elemento fantástico se mistura à realidade para falar das atrocidades da guerra. O menino não nominado simboliza o povo moçambicano que sucumbe diante do poder do homem de fora, arrogante, vil, cruel. O elemento *natureza* simboliza, dessa vez, a força da própria terra que se erguerá contra esse homem estrangeiro e o expulsará, aniquilando-o.

O neologismo *neblinublada* descreve como as sombras iam-se construindo ao nascer do dia, cheia de neblina, o cacimbo comum em Moçambique, e nublada, isto é, coberta de nuvens. O neologismo *ensonação* denota o estado de sono em que ainda se encontram todas as coisas e todos os seres vivos. O neologismo *luzinhenta* é empregado em alusão ao nascer do dia, como se fosse uma lagarta cheia luz que roesse a escuridão. O neologismo *permeolhável* designa tanto o estado em que se encontra o céu durante o alvorecer, permeável, molhado, quanto a ação que o céu, ao abrir-se molhado, faz, como se dirigisse um olhar sobre a terra.

O neologismo *arco-iriscar* é empregado para designar o ato de iluminar de forma radiosa, de forma brilhante, como as cores do arco-íris. Esse brilho falta justamente no pano da bandeira, que simboliza, no conto, o poder de uma pátria invasora. O neologismo *autoritarista*

exprime que a qualidade de ser autoritário se torna uma profissão de fé. De fato, informações no contexto dizem que “o soldado é totalmente militar: está só cumprindo ignorâncias, jurista de chumbo incapaz de distinguir um fora-da-lei de um da lei-de-fora” (COUTO, 2012, p. 55). O neologismo *lei-de-fora* é empregado para designar um sujeito – o menino – que não conhece as mesmas leis que o soldado conhece, posto que ambos são, um em relação ao outro, de terras de fora.

4.3.10 Neologismos no conto *Noventa e três*

Quadro 12 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Noventa e três*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>aniversariamente</i>	advérbio	derivação sufixal	<i>aniversario</i> + <i>-mente</i>	relações sociais
2. <i>esplendoroso</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>esplendoroso</i> + <i>doloroso</i>	corpo; estados psicológicos
3. <i>enquanto</i>	substantivo	conversão	<i>enquanto</i>	tempo
4. <i>Ditinho</i>	substantivo	derivação sufixal	(?) <i>Dito</i> + <i>-inho</i>	ser; status social
5. <i>Nenhumita</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>nenhuma</i> + <i>-ita</i>	status social
6. <i>ronronar</i>	verbo	cruzamento vocabular	<i>ronronar</i> + <i>rosnar</i>	atividades
7. <i>desistido</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>desistir</i> + <i>-ido</i>	estados psicológicos
8. <i>vavô</i>	substantivo	modificação do significante	<i>avô</i>	relações sociais
9. <i>gargalhotar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>gargalho</i> + <i>-(t)ar</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto tem início com a apresentação de uma cena em que pessoas adentram uma sala onde, na cabeceira de uma mesa, está um aniversariante: um idoso que está completando exatamente 93 anos. Como acontece em muitos dos contos da obra, o narrador não nos diz o nome próprio do personagem, chama-o somente de ‘avô’, posto que o homem tinha netos e bisnetos. O avô finge um sorriso para cada convidado, apenas para não ser indelicado, pois, nos demais dias do ano, todos o deixavam esquecido na sala, empoeirando junto aos demais objetos. O velho guarda um segredo: todas as noites, quando a cidade adormece, ele sai à rua, aos tropeços, e vai ao jardim público, onde encontra seus dois mais recentes amigos, um gato silvestre e Ditinho, um menino que mora na rua. O velho leva sempre algo para o menino comer e, enquanto conversam, o gato se aconchega no seu colo. Naquele dia de festa, sua cabeça está longe, pensando se conseguiria, e como conseguiria, escapar daquelas pessoas indiferentes e ir juntar-se aos seus únicos amigos.

De repente, o velho pergunta quantos anos está fazendo, e todos riem, mas alguém lhe informa. Durante a noite, pergunta a um desconhecido em que ano eles estão, e a pessoa lhe

responde: noventa e três. Depois de terem cortado o bolo e voltado todos à festa, o velho consegue sair sorratamente para encontrar seus amigos, os únicos com quem valia a pena estar. Encontra primeiro o gato e, em seguida, Ditinho, que chega vindo depois de ter jantado lixo. O avô diz ao menino o quanto tinha levado de moedas daquela vez: noventa e três. O menino, surpreso, diz que, naquela noite, iriam se faltar. E saem pela rua escura, acompanhados pelo gato, festejando.

Para quem adentra *Estórias abensonhadas* tendo lido o prólogo escrito por Mia Couto, o título desse conto anuncia que apresentará de modo ficcional e poético um fato histórico: o fim da guerra civil de Moçambique, que terminou em 25 de setembro de 1992. Noventa e três é, portanto, o primeiro ano em que Moçambique se encontra livre da guerra. Não é por acaso, portanto, que o conto termina com a descrição de uma cena onde três sujeitos caminham em direção à liberdade: “*no jardim, o gato esfrega uma saudade na esquecida bengala. Depois, corre pelo beco escuro, juntando-se aos dois amigos que, já longe, festejavam o tempo, comemorando o dia em que todos os homens fazem anos*” (COUTO, 2012, p. 61). Não é por caso também que, nessa jornada juntos à liberdade, no dia em que todos os homens fazem anos, estão duas gerações diferentes: o avô, que, como todas as figuras de idosos presentes nas narrativas de Mia Couto, representa o passado, a ancestralidade, a tradição e a memória, e o menino *Ditinho*, que, nesse conto, representa o futuro. Dessa forma, encontra-se razão no prólogo da obra, em que Mia Couto nos fala desse Moçambique livre, nos fala “*desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta*” (COUTO, 2012, p. 5).

O neologismo *aniversariamente* denota o motivo pelo qual o avô fingia estar interessado nos convidados: apenas por ocasião do aniversário. O neologismo *esplendoroso* qualifica o estado em que se encontra o avô: *esplendoroso* em dia de festejar anos e *doloroso*, pois, mesmo cercado de pessoas, está sozinho, sabe que as pessoas estão ali pela festa, não por ele. O neologismo *enquanto* determina o intervalo de tempo que o velho passa fingindo estar dormindo. O vocábulo *enquanto* está registrado no *corpus* de exclusão como conjunção; todavia, no conto, opera-se uma conversão sintática, que o transforma em substantivo, mantendo, entretanto, o seu sentido de ‘*intervalo de tempo*’.

O neologismo *nenhumita* denota a infimidade das coisas que o velho leva de casa para o menino Ditinho. O neologismo *Ditinho* é um hipocorístico, facilmente reconhecido pela presença do sufixo *-inho*, particularmente produtivo para neologismos do tipo. Todavia, não sabemos definir com exatidão de qual nome próprio deriva *Ditinho*, pois, apesar de aparentemente ser o nome *Dito*, este nome pode já ser um hipocorístico de algum outro nome

próprio, como *Ronaldo* (>*Ronaldito* > *Dito* > *Ditinho*). Por este motivo, no campo atinente à base de formação inserimos um ponto de interrogação (?), como forma de indicar a incerteza sobre a informação ali apresentada. O neologismo *ronrosnar* designa a ação de *ronronar* e *rosnar* que o gato faz quando se aconchega no colo do idoso.

O neologismo *desistido* tem o mesmo sentido de *resignado*. O vocábulo *desistido* é a forma de particípio passado do verbo *desistir*, a qual é empregada para denotar a ação de *desistir*, mas não a situação em que se encontra a pessoa que *desiste*. Este é, de fato, o sentido que, no texto, atribui a esse vocábulo o caráter de neologismo. O neologismo *vavô* é a forma com a qual o menino *Ditinho* chama o velho. Trata-se de um hipocorístico gerado por uma modificação do significante operada com a inserção de uma consoante [v] protética antes da primeira sílaba do vocábulo *avô*. No conto, a sequência de ações (*comer, beber*) mencionadas na mesma frase em que se encontra o neologismo *gargalhotar* nos induz a considerar que esse verbo é formado a partir da lexia *gargalho*, que significa ‘grosso escarro’. O sentido, então, é que, depois de tanto comer e beber com as noventa e três moedas que o velho levou a *Ditinho*, iriam escarrar, como engasgados de tanta refeição.

4.3.11 Neologismos no conto *Jorojão vai embalando lembranças*

Quadro 13 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Jorojão vai embalando lembranças*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico- culturais
1. <i>Jorojão</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>Jorge</i> + <i>-ão</i>	ser
2. <i>Pontivírgula</i>	substantivo	composição antroponímica	<i>ponto</i> e <i>vírgula</i>	ser
3. <i>mal-desentendido</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>mal</i> [des-] <i>entendido</i>	relações sociais
4. <i>pressentimentalista</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>pressentimento</i> + <i>sentimentalista</i>	estados psicológicos
5. <i>PIDE</i>	substantivo	acronímia	<i>Polícia Internacional e de Defesa do Estado</i>	relações sociais
6. <i>autoritoso</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>autoridade</i> + <i>-oso</i>	relações sociais
7. <i>tiritinho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>tiro</i> + <i>-ito</i> + <i>-inho</i>	atitude
8. <i>pidalhão</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>Pide</i> + <i>-alhão</i>	relações sociais; atitudes
9. <i>desglória</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>glória</i>	relações sociais
10. <i>dito e desfeito</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>dito</i> e [des-] <i>feito</i>	relações sociais
11. <i>Materialismo meteorológico</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>Materialismo</i> { <i>histórico</i> } [<i>meteorológico</i>]	relações sociais, atitudes
12. <i>artimanhoso</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>artimanha</i> + <i>manhoso</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O narrador desse conto apresenta as desventuras que aconteciam a seu amigo Jorojão, um homem extremamente alto, mas que, a despeito da sua corporatura, era pacato e gostava de evitar confusão. Nos tempos da colônia, Jorojão fora motorista de soldados da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Nessa ocasião, foi-lhe ordenado limpar as armas. Quando passava o último lustro, a arma disparou, atingindo o rosto de um dos soldados. Jorojão foi preso por envolvimento com o terrorismo, mas, como já corria o mês de janeiro de 74 e o regime fascista acabaria em abril do mesmo ano, não ficou muito tempo na cadeia e foi liberado como um herói da Revolução. Assumiu um cargo de chefe de uma empresa nacionalizada. Tudo corria bem até a brigada de controle fazer uma inspeção na sua sala e encontrar, pendurada na parede, como troféu, a arma com a qual matara o soldado da PIDE. Foi preso novamente. Meses depois, estava para ser solto, mas, devido às atividades de uma cerimônia de feitiçaria realizada por um grupo de militantes, o chefe do presídio não o liberou, para que não se pensasse que a sua libertação tivesse sido resultado das feitiçarias, a qual chamava de *materialismo meteorológico*. Foi libertado depois de mais alguns meses e, desde então, nem fala sobre o estado do tempo e nem trabalha.

As desventuras de Jorojão nos contam, de forma fictícia, fatos de um Moçambique em longos anos de guerra: o período de luta entre a Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO, e a PIDE. Aquela era um grupo formado por militantes que queriam livrar Moçambique do poder autoritário do governo fascista português; esta era a polícia que agia em nome do governo fascista. A PIDE caiu quando, em abril de 1975, o governo de Salazar foi derrubado e, então, a FRELIMO assumiu o poder. Depois da independência de Moçambique, a FRELIMO, cuja base ideológica era o marxismo, fez acordos com a então União Republicana Socialista Soviética, URSS, o que se tornou o embrião de uma nova guerra civil, desta vez tendo como antagonistas a própria FRELIMO no papel de ditador e a Resistência Nacional de Moçambique, RENAMO, como frente antiditadura. A guerra durou até 1992, quando foi assinado um acordo de paz.

Na ficção, Jorojão, tendo matado “acidentalmente” um membro da PIDE, foi, então, considerado terrorista pertencente à FRELIMO. Foi, desse modo, preso pelo regime fascista. Após a queda de Salazar, é posto em liberdade; até o dia em que é preso pelos inimigos do poder, isto é, a RENAMO. O ritual ao qual o próprio Jorojão se refere e que, segundo o chefe do presídio, é chamado de *materialismo meteorológico*, é uma alusão ao comunismo, cuja base é a dialética do materialismo histórico, de Karl Marx (DUARTE; FIGUEIREDO, 2020).

O neologismo *Jorojão* é um hipocorístico que faz alusão à estatura de personagem cujo nome é *Jorge*, o qual, no conto, é descrito como mais alto do que um gigante. Pode ser

também uma alusão ao fato de o personagem ter disparado um tiro à queima-roupa no rosto do soldado da *PIDE*, pois dentro do nome é possível detectar a lexia *rojão*, a qual designa tanto um certo tipo de munição quanto o efeito produzido pela emissão de uma munição qualquer.

O neologismo *Pontivírgula* é formado pela aglutinação dos vocábulos da lexia *ponto e vírgula*, a qual, na fala não monitorada é, de fato, pronunciada *pontivírgula*. O nome remete à pontuação indicadora de uma pausa maior que a da vírgula e menor que a do ponto final e, como antropônimo, acomoda-se ao referente que designa, pois indica as desventuras do referente, o qual, de fato, passa anos intercalados entre a liberdade e o cárcere.

O neologismo *mal-desentendidos* é formado com base na lexia *mal-entendido*, da qual leva os sentidos e os especializa no contexto de produção, posto que, de tantas desventuras vividas, já não se pode classificá-las como *entendidos*, mas como *desentendidos*. O neologismo *pressentimentalista* caracteriza *Jorojão* pela sua capacidade de ter pressentimentos, como se essa capacidade fosse uma profissão de fé, aos moldes de todas as profissões em cujo nome aparece o sufixo *-ista*.

O neologismo *PIDE* designa a *Polícia Internacional e de Defesa do Estado*, que obedecia ao regime fascista do ditador António Salazar. O neologismo *autoritoso* é empregado para designar os soldados da *PIDE*, todos repletos de autoridade. O neologismo *tiritinho* é empregado para expressar o posicionamento de *Jorojão* perante o fato do tiro disparado “acidentalmente” no rosto do soldado da *PIDE*. O neologismo *pidalhão* é empregado para se referir de forma pejorativa ao soldado da *PIDE*.

O prefixo *des-* no neologismo *desglória* exprime, como em muitos outros neologismos presentes na obra, a negação total daquilo que a base designa: a ausência de glórias. O neologismo *dito e desfeito* é formado com base na lexia *dito e feito*, da qual porta o significado e o especializa no contexto da obra, pois o que fora dito, a liberdade de *Jorojão*, não fora cumprido, fora, ao contrário, desfeito.

O neologismo *materialismo meteorológico* é formado com base na lexia *materialismo histórico* e alude, de forma irônica e depreciativa, aos militantes comunistas da FRELIMO e aos seus ardis para se manter no poder. O neologismo *artimanhosos* caracteriza os espíritos, que, na verdade, são os militantes comunistas da FRELIMO. Com essa lexia, o narrador lhes atribui as características da *artimanha*, a astúcia, o engano, e da *manha*, a arte de conseguir o que se deseja sem trabalho ou enganando. Nota-se, portanto, um posicionamento ideológico do enunciador, o qual atribui àqueles militantes as atitudes de pessoas criminosas.

4.3.12 Neologismos no conto Pranto de coqueiro

Quadro 14 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Pranto de coqueiro*.

Neologismo	classe	Processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>exatamesmo</i>	advérbio	cruzamento vocabular	<i>exatamente</i> + <i>mesmo</i>	atitudes
2. <i>meias desmedidas</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>meias</i> [des-] <i>medidas</i>	atitudes
3. <i>atarantonto</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>atarantado</i> + <i>tonto</i>	estados psicológicos
4. <i>trapalhaço</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>trapalhado</i> + <i>palhaço</i>	estados psicológicos
5. <i>sucedência</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>suced</i> + <i>-ência</i>	local
6. <i>inocorrência</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>in-</i> + <i>ocorrência</i>	acontecimentos
7. <i>obsclara</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>obscura</i> + <i>clara</i>	espaço
8. <i>azul feminino</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>azul</i> [femino]{marinho}	natureza
9. <i>ventaniar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>ventania</i> + <i>-ar</i>	natureza
10. <i>trejeitosa</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>trejeito</i> + <i>-osa</i>	natureza
11. <i>obsoleta</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>obsoleta</i> + <i>lenta</i>	natureza
12. <i>abananeiras</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>abanar</i> + <i>bananeira</i>	natureza
13. <i>milvagaroso</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>mílvio</i> + <i>vagaroso</i>	atitude
14. <i>pedinchar</i>	verbo	fusão vocabular	<i>pedinchar</i> + <i>chorar</i>	atividades; status social
15. <i>lenho</i>	substantivo	semântico	<i>lenho</i>	natureza
16. <i>defora</i>	substantivo	composição morfossintática	<i>de</i> + <i>fora</i>	relações sociais;
17. <i>xicuembo</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>xicuembo</i>	imaginário
18. <i>tresconverter</i>	verbo	derivação prefixal	<i>tres-</i> + <i>converter</i>	atividades
19. <i>mal-desentendido</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>mal</i> [des-] <i>desentendido</i>	relações sociais
20. <i>acrediteísta</i>	substantivo	cruzamento vocabular	<i>acreditar</i> + <i>teísta</i>	estados psicológicos
21. <i>adoesida</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>adoecida</i> + <i>sida</i>	corpo
22. <i>meninar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>menino</i> + <i>-ar</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O narrador conta o insólito evento que teve início com o seu amigo Suleimane Ibraímo, sentado na marginal de Inhambane, uma cidade que existe, de fato, no espaço geográfico de Moçambique. O seu amigo abre um coco, do qual, em vez de água, jorra sangue, acompanhado de uma voz humana em choros e lamentos. O amigo conta o acontecido ao narrador, que fica em dúvidas. Ambos estão à espera do barco para regressar a Maputo. Então, um vento atinge a baía, primeiro fraco, depois forte, impedindo que os barcos saiam. O narrador, enquanto espera que a ventania passe, decide comer uns bolinhos que comprara no mercado. De repente, um menino se aproxima e lhe diz para não comer aqueles bolinhos, e a mãe do menino completa dizendo que aqueles bolinhos foram feitos de coco verde. Explicam-lhe que, segundo uma tradição local, o coco verde é sagrado, não pode ser comido, mas, com a guerra, os homens vindos de fora tinham desrespeitado a tradição e comido coco verde, e agora o próprio Sagrado iria cobrar, pois ele tinha os seus métodos. O narrador não acredita e a senhora

lhe conta uma história. Sua filha comprara um cesto de cocos verdes, levava-os até aquele local e, quando quis tirá-los do cesto, não conseguiu, parecia que estavam colados no fundo do cesto. Todos fizeram força, mas ninguém conseguiu. Então, ela teve que devolver os cocos ao vendedor. A senhora conta ainda o insólito caso de uma amiga que, querendo ralar um coco verde, saiu dele tanta polpa que foi possível encher dezenas de panelas, até que o medo a fez parar e jogar tudo para as galinhas comerem, as quais, depois de comer, se transmutaram em plantas. O narrador finge que acredita em tudo e nota que seu amigo acreditava piamente. Quando ambos estão já no barco, indo embora, o narrador percebe que o seu amigo está levando um coco e lhe pergunta o motivo. O amigo responde que é para consultar no hospital, para saber se aquele sangue não era doente. O narrador diz ter ouvido um lamento saído do coco.

Misturando o real e o insólito, Mia Couto apresenta uma das inúmeras faces de Moçambique: o contato com o mundo árabe. A cidade apresentada no conto é uma tipicamente árabe, parada no tempo, com casinhas pequenas, escuras. O nome do amigo do narrador também é árabe. Junto a esse aspecto histórico, o conto revela aspectos socioculturais muito importantes, como as tradições moçambicanas relacionadas à fé no sagrado, nos espíritos, e também a emblemática questão sanitária desenvolvida na menção à possível presença de uma doença no sangue que jorrara do coco, a qual é sugerida de modo sutil na expressão *matéria adoecida*. O conto apresenta também vários aspectos naturais de Moçambique, como o mar calmo e a exuberante natureza das palmeiras de coco.

O neologismo *exatamesmo* é empregado para expressar convicção sobre o fato contado pelo amigo: que do coco jorrou sangue. O neologismo *meias desmedidas* é formado com base na lexia *meias-medidas* e carrega dela o sentido de ‘solução’ ou ‘decisão’, o qual é especializado no contexto narrado, em que Suleimane toma uma decisão definitiva, e não uma decisão temporária, como indica a lexia da base. O neologismo *atarantonto* expressa o estado em que se encontra o amigo do narrador ao presenciar o sangue que jorra do coco: atarantado e tonto. O neologismo *trapalhaço* expressa o estado em que se encontra o amigo do narrador ao presenciar o sangue que jorra do coco: trapalhado, como se tivesse sido feito de palhaço por alguma brincadeira.

O neologismo *sucedência* é empregado para questionar sobre o local de proveniência dos cocos. O neologismo *inocorrências* é empregado com referência a acontecimentos insólitos, que não acontecem com frequência. O neologismo *obsclaras* designa como são as casinhas da cidade de Inhambane: obscuras e claras. O neologismo *azul feminino* é formado com base na lexia *azul marinho*, que designa uma tonalidade de cor. A substituição de *marinho* por *feminino* opera no conto uma especialização de sentidos, pois, estando o

narrador olhando para o mar, seria redundante falar em *azul marinho*. A lexia *feminino* acrescenta um sentido de ‘*tranquilidade*’, de ‘*leveza*’, pelas sugestões que a ideia de ‘*feminino*’ pode reportar à mente. De fato, é desse modo que o mar é descrito: “*esse mar que não faz onda nem pede urgências*” (COUTO, 2012, p. 70).

O neologismo *ventaniar* expressa não uma ação de fortes ventos, mas uma verdadeira ação de ventanias. O neologismo *trejeitosa* caracteriza a exuberância das folhas de bananeiras, isto é, cheia de trejeitos. O neologismo *abananeiras* enriquece a descrição do modo como as bananeiras balançavam atingidas pelas ventanias: como se se abanassem. O neologismo *milvagaroso* é de difícil classificação porque não é fácil identificar qual lexia é ou a qual lexia pertence a sequência de sons que antecede a forma *vagaroso*, a qual sabemos tratar-se de uma forma que denota a lentidão da ação. Com alguma probabilidade, essa sequência é parte da palavra *mílvio*, nome que designa uma ave de rapina encontrada em áreas quentes e temperadas e que, em sentido figurado, denota pejorativamente a pessoa que pratica pequenos furtos.

O neologismo *pedinchorar* designa a realização concomitante de duas ações: *pedinchar* e *chorar*, a qual o narrador acredita que o menino faria. O neologismo *lenho* designa o coco verde. A lexia *lenho* encontra-se registrada no *corpus* de exclusão com outros significados. O neologismo *defora* designa os indivíduos de outras terras, no caso, de Portugal. O neologismo *xicuembo*, cuja origem é alóctone, designa entidades do sagrado. O neologismo *tresconverter* denota a ação de transmutar-se.

O neologismo *mal-desentendido*, formado com base na lexia *mal-entendido*, denota a situação de não se entender com o outro. O neologismo *acrediteísta* expressa a qualidade da pessoa que acredita em tudo, como se a coisa na qual acredita fosse a figura de um deus. O neologismo *adoesida* é um cruzamento que soma os sentidos das lexias *adoecida* e *sida*, acrônimo de *síndrome da imunodeficiência adquirida*, ou *aids*, na variedade brasileira. O neologismo *meninar* designa a ação de comportar-se como um menino, fazendo brincadeiras infantis.

4.3.13 Neologismos no conto *No rio, além da curva*

Quadro 15 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *No rio, além da curva*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>imperfeito juízo</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>[im-] perfeito juízo</i>	atitudes
2. <i>fontes indignas</i>	substantivo	substituição lexical	<i>fontes {fidedignas}</i>	atitudes

		intralexical	[indignas]	
3. <i>Qualquer</i>	substantivo	conversão	<i>qualquer</i>	ser; relações sociais
4. <i>inesperado</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>inesperado + parado</i>	psicológico
5. <i>abstenso</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>absorto + tenso</i>	psicológico
6. <i>zaragatunagem</i>	substantivo	cruzamento vocabular	<i>zaragata + gatunagem</i>	atividades
7. <i>calcanhar-se</i>	verbo	derivação sufixal	<i>calcanhar + -ar(se)</i>	atividades
8. <i>xicuembo</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>xicuembo</i>	imaginário
9. <i>enormeza</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>enorme + -eza</i>	natureza
10. <i>hiperpótamo</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	{ <i>hipo</i> } { <i>hiper</i> }pótamo	natureza
11. <i>bichorão</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>bicho + -(r)ão</i>	natureza
12. <i>mpfuvo</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>mpfuvo</i>	natureza
13. <i>artiodactilógrafo</i>	substantivo	cruzamento vocabular	<i>artiodáctilo + datilógrafo</i>	natureza
14. <i>estremurchar</i>	verbo	cruzamento vocabular	<i>estremecer + murchar</i>	atividades
15. <i>amor à última vista</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>amor à {primeira} [última] vista</i>	relações sociais
16. <i>propério</i>	substantivo	desafixação	<i>impropério</i>	atitudes
17. <i>gatilhado</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>gatilhar + -ado</i>	atividades
18. <i>safaninho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>safanão + -inho</i>	atividades
19. <i>hipopótama</i>	substantivo	conversão	<i>hipopótamo</i>	natureza
20. <i>bicharoquinho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>bicharoco + -inho</i>	natureza
21. <i>encantável</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>encantar + -ável</i>	imaginário

Fonte: elaborado pelo autor.

O narrador desse conto fala sobre um acontecimento inusitado que foi publicado em um jornal: um hipopótamo invadiu um centro de alfabetização e ensino de corte e costura do bairro mais populoso da cidade de Beira, na província de Sofala. Segundo o guarda-noturno, não se tratava de um animal comum, mas de um velho cidadão que perdera a vida na zona de onde saía o animal e teria ido profetizar que a cidade passaria por um período de estiagem e que graves doenças matariam muita gente. O narrador conta, então, a versão de outras pessoas do local. Jordão Qualquer, o guarda-noturno, acordara sobressaltado com barulhos na escola e fora averiguar, pensando tratar-se de ladrões. Para a sua surpresa, era um hipopótamo que mastigava uma máquina de costura. Antes de atirar no bicho, o guarda recorda uma tradição de antigamente, segundo a qual, durante a caça de hipopótamos, no momento em que se espetasse a primeira azagaia na presa, um mensageiro deveria ir à aldeia avisar a esposa do caçador. A partir desse momento, a mulher não podia de sair de casa, devendo acender um lume e vigiá-lo, sem comer nem beber, pois, caso ela desobedecesse, o caçador viraria a caça. O encarceramento da mulher só terminaria quando os caçadores regressam à aldeia.

O guarda, tremendo de medo diante da ferocidade do bicho, dispara e mata o animal. Alertados pelo tiro, curiosos vão ver e lhe alertam sobre maldições que aconteceriam a ele, acusando-o de ter matado não um bicho, mas um homem transfigurado. O guarda está

sentado, triste e reflexivo, quando sente um puxão nas roupas: era um pequeno hipopótamo, filhote da fêmea que ele matara. Jordão Qualquer pega o animal nos braços e o leva até o rio, onde se junta à manada. Então, ouve o filhote falar com voz humana, dando-lhe ordens para que subisse na canoa que estava ali perto, porque iria mostrar-lhe o rio além da curva. Jordão, então, encanta-se e parte no avesso da corrente.

O conto nos apresenta aspectos naturais de Moçambique, como o rio da cidade de Beira, local de manadas de hipopótamos, e aspectos socioculturais, como os ritos tradicionais da caça à hipopótamos, a crença no Sagrado, e, neste aspecto, a simbologia da água e do rio, que aparecem, em vários contos na obra, como local de passagem para o outro lado da existência, evidenciando, portanto, uma visão de mundo particular sobre a concepção de vida e morte, que se diferencia bastante da visão cristã europeia presente na cultura lusitânica.

O neologismo *imperfeito juízo* é formado com base na lexia *em perfeito juízo*, da qual leva os sentidos e os especializa em um cenário no qual pessoas indignas de confiança contam suas versões insólitas sobre um caso inusitado. O neologismo *fontes indignas* é formado com base na lexia *fontes fidedignas*, da qual leva os sentidos e os especializa em um cenário no qual pessoas indignas de confiança contam suas versões insólitas sobre um caso inusitado; expressa, portanto, que essas pessoas não são fontes confiáveis.

O neologismo *Qualquer* é o pronome indefinido *qualquer*, já atestado em todas as obras lexicográficas, que, convertido a substantivo, passa a funcionar como sobrenome de um sujeito, tornando-se, então, um antropônimo, assumindo um traço semântico [+humano], mas preservando o traço semântico [+indefinido]. Designa, portanto, um referente sem importância para a sociedade. De fato, aqueles que vão saber do que se tratava o barulho de tiro, apontam-lhe acusações sem sequer se preocupar com o que poderia ter acontecido a ele. De tão abandonado, ele se entrega ao Encanto de boa vontade. O neologismo *inesperado* exprime o estado em que Jordão fica ao ouvir a barulheira proveniente da escola: acordando de modo inesperado, ele fica imóvel, parado.

O neologismo *abstenso* exprime o estado em que Jordão fica ao ouvir a barulheira proveniente da escola: absorto em pensamentos, imaginando a origem dos barulhos, e tenso, nervoso. O neologismo *zaragatunagem* exprime os sentidos da lexia *zaragata*, isto é, ‘tumulto’, e de *gatunagem*, ‘furto sorrateiro’. O neologismo *calcanhar-se* denota a ação de andar tropeçando nos próprios pés devido ao medo. O neologismo *xicuembo* designa os espíritos dos mortos. O neologismo *enormeza* denota o tamanho do hipopótamo.

O neologismo *hiperpótamo* é formado com base na lexia *hipopótamo*, da qual leva os sentidos e os especializa em um cenário no qual se exprime que aquele exemplar de

hipopótamo era muito grande, mesmo para uma espécie animal que é grande por natureza. Note-se o jogo criativo da troca entre o elemento de composição *hipo-*, que exprime a noção de ‘baixo’ e ‘inferior’, e o prefixo *hiper-*, que exprime a noção de ‘muito’, ‘em alto grau’ ou ‘tamanho’. Poder-se-ia contestar a classificação de *hiperpótamo* como uma substituição lexical intralexical e considerá-lo como um caso de neologismo formado por prefixação. Contudo, consideramos que não é um processo desse tipo porque ele nada indicaria que se trata de um animal denominado *hipopótamo* cujas dimensões são bem maiores as dos outros exemplares da espécie. Devemos destacar que é justamente a noção de ‘hipopótamo’, a qual está *in absentia* na forma *hiperpótamo*, que permite a compreensão do sentido especializado nesse cenário.

O neologismo *bichorão* exprime o tamanho enorme daquele hipopótamo. O neologismo *mpfuvo* é uma palavra de origem alóctone empregada para designar o animal que, em português, denomina-se *hipopótamo*. O neologismo *artiodactilógrafo* é empregado para expressar, de forma jocosa, o fato de aquele hipopótamo, que, na taxonomia tradicional, pertence à ordem *artiodactyla*, interessar-se por uma máquina de escrever, cujo uso se faz através de uma técnica denominada *datilografia*. Deve-se entender a presença do grafema <c> em *dactilógrafo* como uma manutenção da grafia antiga dessa palavra. A unidade lexical neológica exprime, portanto, o fato de um *artiodáctilo* querer se tornar um *datilógrafo*.

O neologismo *estremurchar* denota como o animal morre após ser golpeado com um tiro da arma do miliciano: estremece e murcha, sugerindo que a vida que se esvai daquele corpo o deixa murcho. O neologismo *amor à última vista* é formado com base na lexia *amor à primeira vista*, da qual leva os sentidos e os especializa em um cenário no qual o amor acontece durante o último olhar trocado, e não no primeiro. O neologismo *propério* é formado com uma possível reinterpretação da forma <im> em *impropério*, a partir da qual se opera a retirada desse prefixo, que significa o ‘contrário de’. Na situação em que é empregado, aparece como uma gradação em direção à ênfase: “*choveram próperios e impropérios*” (COUTO, 2012, p. 78).

O neologismo *gatilhado* designa o ato de colocar o dedo no gatilho de uma arma. Note-se a recorrência, na norma de Mia Couto, da ausência de certas partículas protéticas consideradas componentes de uma circunfixação. Não se trata de uma desafixação, mas de uma própria derivação sufixal em que a unidade neológica é formada diretamente do substantivo *gatilho* e não do verbo *engatilhar*. O neologismo *safaninho* indica o repuxo de algo realizado por um animal pequeno. O sufixo que expressa grau diminutivo é empregado como um recurso para que o leitor visualize a sutileza das ações realizadas por aquele pequeno animal.

O neologismo *hipopótama* é formado de *hipopótamo*, nome que serve para designar tanto o macho quanto a fêmea da espécie. Trata-se de um caso de conversão intraclasse, pois o

elemento não muda de classe gramatical, mas muda a sua subclasse: de epiceno (o sobrecomum para animais, sem marcação de gênero morfológico, somente lexical) a biforme, recebendo, assim, a marcação morfológica de gênero. O neologismo *bicharoquinho* é formado de *bicharoco*, nome comum para designar animais pequenos. O emprego do sufixo *-inho* funciona como um mecanismo superlativizador da ideia reportada na base. O neologismo *encantável* designa o ato de se deixar encantar, partir para o Encanto, para o Sagrado.

4.3.14 Neologismos no conto O abraço da serpente

Quadro 16 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O abraço da serpente*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Mintoninho</i>	substantivo	cruzamento vocabular	<i>Minto</i> + <i>Toninho</i>	ser
2. <i>irrepetidamente</i>	advérbio	derivação parassintética	<i>in-</i> + <i>repedido</i> + <i>-mente</i>	atividades
3. <i>verdánias</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>verde</i> + <i>-ania</i>	natureza
4. <i>recomplicar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>re-</i> + <i>complicar</i>	atividades
5. <i>correnteiro</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>corrente</i> + <i>-eiro</i>	atividades
6. <i>boinistas</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>boina</i> + <i>-ista</i>	relações sociais
7. <i>redesatar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>re-</i> + <i>desatar</i>	atividades
8. <i>cambalinhlar</i>	verbo	fusão vocabular	<i>cambaleiar</i> + <i>linha</i>	atividades
9. <i>cervejeiro</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>cerveja</i> + <i>-eiro</i>	atividades
10. <i>inacreditar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>in-</i> + <i>acreditar</i>	atitudes
11. <i>machice</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>macho</i> + <i>-ice</i>	atitudes
12. <i>concertezas</i>	substantivo	conversão	<i>com certeza</i>	atitudes
13. <i>beira-mágoa</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>beira-{mar}</i>	estados psicológicos
14. <i>zaragatinhar</i>	verbo	cruzamento vocabular	<i>zaragatar</i> + <i>gatinhar</i>	atividades
15. <i>reminiscência</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>reminiscência</i> + <i>ciência</i>	estados psicológicos
16. <i>mandibularmente</i>	advérbio	derivação sufixal	<i>mandibular</i> + <i>-mente</i>	natureza
17. <i>transpálido</i>	adjetivo	derivação prefixal	<i>trans-</i> + <i>pálido</i>	corpo; estados psicológicos
18. <i>desviver</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>viver</i>	corpo
19. <i>lagartear</i>	verbo	derivação sufixal	<i>lagarta</i> + <i>-ear</i>	natureza
20. <i>sangues</i>	substantivo	semântico	<i>sangue</i>	corpo
21. <i>malvoroçar</i>	verbo	fusão vocabular	<i>mal</i> + <i>alvoroçar</i>	atividades
22. <i>verdes-esverdeadas</i>	adjetivo	composição morfossintática	<i>verde</i> + <i>esverdeado</i>	natureza
23. <i>monstriforme</i>	adjetivo	composição morfológica	<i>monstro</i> + <i>-forme</i>	corpo
24. <i>irreconhecer</i>	verbo	derivação prefixal	<i>i(r)-</i> + <i>reconhecer</i>	estados psicológicos
25. <i>estatuados</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>estatuar</i> + <i>-ado</i>	corpo

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra sobre os eventos que precederam a morte de Acubar Aboobacar, que fora encontrado morto no cadeirão da sua sala. Segundo a notícia divulgada em rádio, o aspecto

do morto sugeria que ele tivesse sido picado por uma cobra, mas não foram encontrados nem o animal nem sinais do dente do animal no corpo do falecido. Este era um viciado em bebidas alcoólicas que, sempre que chegava em casa, brigava com sua esposa, acusando-a de traição. Certa vez, Mintoninho, filho do casal, sai para buscá-lo no bar antes que a mãe chegue e provoque uma nova confusão. Na estrada perto de casa, encontra uma boina azul do tipo usado por soldados das Nações Unidas, a qual decide guardar em casa para depois entregar no quartel, e sai novamente para buscar o pai. Os dois se encontram no meio do caminho e, ao chegar em casa, o homem encontra a boina pendurada no armário, fica enfurecido e decide tomar providências, manda o menino sair e aguarda a mulher na sala, sentado no cadeirão, onde, esperando, cai no sono. Durante o sono, segredos são-lhe revelados por uma cobra que aparece, enrosca-se em seu peito e o asfixia. Durante o processo de asfixia, o homem ainda consegue falar com o filho e lhe diz que foi morto por uma cobra. O menino fica em dúvidas, pensando tratar-se de devaneios da bebedeira. Quando a mulher chega em casa, encontra o menino abraçado ao pai morto, com a boina em seu colo. Rapidamente a mulher a retira dali e a guarda na bolsa.

Adentrando no fantástico e no insólito, o conto, como muitos outros, nos reporta a uma dimensão sociocultural de Moçambique: a crença no Sagrado e uma visão de mundo que concebe a vida e a morte de uma forma diferente daquela tradicional na cultura portuguesa. Enquanto morre, o homem pensa “*o avesso da vida não é a morte mas uma outra dimensão da existência*” (COUTO, 2012, p. 84). O que em outros contos está exposto implicitamente, neste encontra-se explicitamente: a concepção de vida e morte, como esses dois aspectos da existência são entendidos pelas culturas tradicionais de Moçambique. No texto, é possível perceber traços do discurso religioso cristão na passagem que diz: “*a cobra é feita de enganos tal igual a mulher. As garras de uma estão na boca da outra*” (COUTO, 2012, p. 84), que remete ao mito de Adão e Eva e a cobra falante que seduz a mulher, levando aqueles dois à perdição. É possível identificar também aspectos da história do país, como a presença dos soldados das Nações Unidas, que aconteceu após o fim da guerra civil.

O neologismo *Mintoninho* é um hipocorístico cujas bases são, provavelmente, *Minto*, que é um sobrenome razoavelmente comum na tradição antroponímica de algumas localidades de Portugal, e *Toninho*, que é já um hipocorístico de Antônio, antropônimo comum na tradição das culturas neolatinas de uma forma geral.

O neologismo *irrepetidamente* denota o fato de se contarem diversas vezes diferentes versões sobre o mesmo fato, de modo que aquilo que parece se repetir aparece, na verdade, de forma diferente, como evidencia a presença do prefixo *in-*, que significa

‘*contrário*’, pois são todos fatos vistos sob diferentes perspectivas. O neologismo *verdancias* é formado provavelmente com alusão à forma *cercania*, que designa uma região localizada ao redor de um núcleo populacional ou urbano, significando, portanto, *arredor*, *imediação*, *subúrbio*. *Verdancia* é, então, a área ao redor, repleta de verdes, de “*escancarados capinzais*” (COUTO, 2012, p. 81). O neologismo *recomplicar* denota a ação de tornar a complicar uma situação. O neologismo *correnteiro* caracteriza o menino em estado de correrias, a fim de prevenir e evitar mais brigas entre os seus pais.

O neologismo *boinistas* designa os soldados das Nações Unidas, que usavam boinas de cor azul. O neologismo *redesatar* denota a ação de reiniciar, aludindo à imagem de uma linha que se desata. O neologismo *cambalinhhar* denota ação de cambaleiar bêbado, como se o tentar aprumar-se fosse uma busca por um equilíbrio em cima de uma linha. O neologismo *cervejeiro* designa o sujeito que ingere muita cerveja. O neologismo *inacreditar* denota o ato de não acreditar.

O neologismo *machice* denota a atitude do macho, do homem valente que conhece e quer preservar os seus valores tradicionais de macho. O neologismo *concertezas* é formado pela conversão da lexia *com certeza* de locução adverbial a substantivo; mantendo os sentidos da locução, o neologismo os especializa em uma situação na qual o sujeito tem muita convicção do seu papel de macho e do seu modo de agir. O neologismo *beira-mágoa* é formado com base na lexia *beira-mar*, da qual leva os seus sentidos e os especializa em uma situação na qual o sujeito, à beira dos seus pensamentos, reflete sobre as suas mágoas, no caso, a mágoa da traição.

O neologismo *zaragatinhar* condensa os sentidos de *zaragatar* e *gatinhar* e denota a ação de armar confusão de forma sorrateira, gatinhando. O neologismo *reminisciência* condensa os sentidos das lexias *reminiscência* e *ciência*, denotando o fato de lembrar de eventos passados e refletir sobre eles de forma razoável, conforme a razão, como faz a ciência. É empregado justamente no trecho em que o moribundo marido reflete sobre o avesso da vida não ser a morte, mas uma outra dimensão da existência. O neologismo *mandibularmente* designa o modo como a cobra abriu sua boca para morder o pai de *Mintoninho*: de modo escancarado, usando toda a extensão da mandíbula.

O neologismo *transpálido* designa o estado em que o homem desperta do sonho: transparente e pálido, mas também transpirado. O neologismo *desviver* denota a ação contrária de viver, isto é, morrer. O neologismo *lagartear* designa uma ação característica das lagartas: roer. O neologismo *sangues* designa, de fato, o sangue do moribundo. Consideramo-lo um neologismo porque está empregado como nome contável, diferentemente da palavra *sangue* que é classificada como um nome massa, não contável. Operou-se, pois, uma alteração

semântica no seu lexema para designar o conjunto de sangue atingindo pelo veneno da cobra.

O neologismo *malvoroçar* designa ação de alvoroçar causando o mal a algo. O neologismo *verdes-esverdeadas* é empregado para exprimir a intensidade da cor das escamas do réptil que mordera o pai de *Mintoninho*. O neologismo *monstriforme* designa a forma de mostro que o pai de *Mintoninho* assume enquanto morre: com “*escamas verdes-esverdeadas*” (COUTO, 2012, p. 84). O neologismo *irreconhecer* denota o ato de não reconhecer. O neologismo *estatuados* designa o estado em que a mãe encontra pai e filho abraçados: como estátuas.

4.3.15 Neologismos no conto Sapatos de tacão alto

Quadro 17 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Sapatos de tacão alto*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>lugarinho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>lugar</i> + <i>-inho</i>	espaço
2. <i>barbalhudo</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>barba</i> + <i>-(lh)udo</i>	corpo; identidade e memória
3. <i>Zé Paulão</i>	substantivo	truncamento + derivação sufixal	{ <i>Jo</i> } <i>sé</i> + <i>Paulo</i> + <i>-ão</i>	ser; corpo; identidade e memória
4. <i>sozinhidez</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>sozinho</i> + <i>-(i)dez</i>	relações sociais
5. <i>desconsumar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>consumar</i>	atividades
6. <i>tugazinha</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>tuga</i> + <i>-(z)inha</i>	ser; atitudes
7. <i>sustosamente</i>	advérbio	derivação sufixal	<i>sustosa</i> + <i>-mente</i>	estados psicológicos
8. <i>sonambulante</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>sonambula</i> + <i>-ante</i>	estados psicológicos
9. <i>contrafalar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>contra-</i> + <i>falar</i>	atividades
10. <i>corpãozudo</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>corpão</i> + <i>-(z)udo</i>	corpo; identidade e memória
11. <i>hecatombar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>hecatombe</i> + <i>-ar</i>	atividades
12. <i>poscepício</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>pos-</i> + <i>cepício</i>	estados psicológicos
13. <i>umbilical condão</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	{ <i>cordão</i> } <i>umbilical</i> { <i>condão</i> }	corpo; relações sociais;
14. <i>ternurar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>ternura</i> + <i>-ar</i>	relações sociais

Fonte: elaborado pelo autor.

A história narrada nesse conto aconteceu em um local chamado Esturro, um bairro que existe de verdade no espaço geográfico moçambicano e está situado na cidade de Beira, capital da província de Sofala, terra natal de Mía Couto. A narrativa é contada em primeira pessoa por um personagem cujo nome não nos é informado, sabemos apenas que os fatos aconteceram quando ele ainda era criança. Durante a narrativa, o narrador fala sobre o seu peculiar vizinho chamado Zé Paulão, viril de corpo, “*afável, de maneiras e requintes*” (COUTO, 2012, p.87). O enredo gira em torno da curiosidade dos vizinhos sobre a vida íntima de Zé Paulão. Enquanto a vizinhança em geral estranhava um homenzarrão como ele viver sozinho, os familiares do narrador saboreavam o segredo de saber que uma mulher o visitava

todas as noites, pois eles ouviam o tiquetaquear de sapatos de tacão alto por toda a casa. Entre eles, uns disputavam que seria uma mulher muito alta, pela intensidade do barulho, outros diziam que, por esse mesmo motivo, tratava-se, na verdade, de uma mulher muito gorda, por isso ninguém a via sair, pois não conseguia passar pela porta. O narrador-personagem a imaginava como a mais bela de todas as mulheres; por isso, ela só podia sair à noite, pois os olhos desse mundo não a mereciam. O halo de mistério envolvia os sonhos do garoto e a falação dos seus familiares.

Um dia, enquanto brincava com outras crianças, subindo telhados, o menino pulou para a varanda da casa de Zé Paulão. De repente, a luz se acendeu no interior da casa e, com medo de ser colhido em flagrante, o menino procurou se esconder em um canto escuro. Nesse momento, ele ouve os tacões altos e, tomado pela curiosidade, resolve espreitar. Primeiro, vislumbra longas saias de mulher e, tomado de mais curiosidade e ignorando conscientemente todas as precauções, resolve espiar mais de perto. De repente, a mulher se vira e ele recebe o baque: os olhos de Zé Paulão, ornamentados de pintura, fitaram-no em um relâmpago. Assim, ficamos sabendo que a mulher misteriosa é, na verdade, Zé Paulão travestido. Com a decepção da descoberta, o inocente garoto chora em seus lençóis antes de adormecer, quando é consolado pela mãe, e anuncia o falecimento da moça que tanto amara.

No conto, para descrever o porte físico, as atitudes e o campo profissional de *Zé Paulão*, o narrador emprega as seguintes expressões: “*homem graúdo, barbalhudo, voz de trovoadá*” (COUTO, 2012, p.87), “*o português trabalhava nos pesados guindastes, em rudes alturas*” (COUTO, 2012, p.87), “*seu tipo era o de um galo de hasteada crista*”, “*cobridor de vastas capoeiras*” (COUTO, 2012, p. 87), “*grande malandrão*” (COUTO, 2012, p. 89), “*corpãozudo vizinho*” (COUTO, 2012, p. 90), “*eterno namorador*” (COUTO, 2012, p. 90). Nesse sentido, o narrador o vê com os olhos da sociedade, aquilo que a sociedade considera como a imagem prototípica do homem hétero, do macho exemplar da sociedade. Contudo, *Zé Paulão*, no seu íntimo, possui outra identidade. Ele se traveste de mulher.

Identificamos que todas as unidades lexicais que designam os aspectos físicos desse personagem recebem uma expressão de superlatividade, seja somente por meio do acréscimo de sufixos de grau a lexias simples, seja pela soma desses sufixos a lexias já alteradas por outros sufixos também intensificadores nas quais houve ainda a inserção de consoantes de ligação em situações em que o processo de derivação tradicional não as exige, isto é, em que tal inclusão não é prevista pelo sistema linguístico. Revela-se, portanto, uma expressão da dimensão das características por meio da dimensão das formas linguísticas. Identificamos que a forma composta do hipocorístico revela e oculta, ao mesmo tempo, as identidades do personagem: um

nome tem sua sílaba átona truncada e a sua sílaba forte mantida ao lado do nome que recebe o sufixo de grau aumentativo, cuja função é designar o imenso porte físico do personagem, revelando a identidade de gênero masculino tradicional que a sociedade lhe impõe e a qual ele apresenta a todos. A sílaba apagada, por sua vez, expressa a identidade que o personagem oculta e mantém para si apenas no íntimo do seu lar. Mia couto, neste conto, aborda, portanto, a questão da identidade de gênero.

O neologismo *lugarinho* é empregado para designar a dimensão espacial do bairro denominado Esturro. O neologismo *barbalhudo* contém, entre a base *barba* e o formante *-udo*, uma consoante de ligação, a palatal [ʎ] (grafada com o dígrafo <lh>), onde a estrutura da língua não a exige. Isso acontece porque ele preserva a vogal átona pós-tônica, que deveria ser elidida na presença do sufixo. A presença desse som torna o vocábulo maior do que a forma normalmente esperada: *barbudo*. A palavra gráfica *barbalhudo* contém três sinais gráficos a mais do que a palavra *barbudo*. Trata-se de um recurso morfológico denominado metaplasmo, que, na escrita, realiza-se como um metágrafo. *Zé Paulão* não é apenas *barbudo*, ele é *barbalhudo*; ou seja, é muito mais barbudo do que o normal.

O neologismo *Zé Paulão* é um hipocorístico formado do nome próprio *José Paulo*, muito popular na tradição antroponímica portuguesa. O primeiro nome sofre um truncamento e tem a sua sílaba átona apagada, enquanto ao segundo nome é adjungido o sufixo de grau aumentativo. O nome designa, então, o referente por meio de suas características físicas.

O neologismo *sozinhidez* designa o estado em que *Zé Paulão* vive, sem ninguém, muito sozinho. O neologismo *desconsumar* denota, em relação ao casamento de *Zé Paulão* e da moça portuguesa, o ato de acabar, e não o ato de não se consumir, como a presença do prefixo *des-* poderia sugerir. O neologismo *tugazinha* é empregado para se referir de forma pejorativa à moça portuguesa com a qual *Zé Paulão* era casado.

O neologismo *sustosamente* designa o estado em que a moça portuguesa se encontrava quando foi vista fugindo de casa. O neologismo *sonambulante* designa o modo como a moça portuguesa caminhava, desorientada e perdida entre o tráfego. O neologismo *contrafalar* é empregado para designar o ato de responder ao falatório da vizinhança, que a tia do menino realiza.

O neologismo *hecatombar* é empregado para denotar o estado em que se encontra o coração do menino depois de ter visto os olhos de *Zé Paulão* maquiados, pois sobre ele havia caído uma grande desgraça: descobrir que a moça dos seus sonhos era, na verdade, o vizinho travestido. O neologismo *poscepício* é formado com base no sentido da lexia *precipício*, considerando a sequência <cepício> como uma base a quase se adjunge o prefixo *pos-*, o qual

denota *posterioridade*, para indicar a dimensão da tragédia que o abatera depois de ter visto o vizinho travestido. O neologismo *ternurar* designa o ato de dar carinho, fazer ternuras, que a mãe do menino realiza, ao vê-lo chorando na cama.

O neologismo *umbilical condão* é formado com base na lexia *cordão umbilical*, da qual leva os sentidos e os especializa no contexto em que é empregada, pois se trata, nesse caso, da descrição do modo como a mãe do menino o consola no quarto. A lexia evidencia, portanto, uma visão de mundo que percebe que a relação entre mãe e filho é como um dom, um poder sobrenatural, pois a mãe sempre irá saber que o filho esconde uma dor e sempre saberá qual o motivo dessa dor. Esse poder acontece por meio de uma união indestrutível, eterna, posto que o cordão umbilical é o elo entre o corpo que gera e o corpo que é gerado.

4.3.16 Neologismos no conto Os infelizes cálculos da Felicidade

Quadro 18 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Os infelizes cálculos da Felicidade*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Novesfora</i>	substantivo	composição antroponímica	<i>novesfora</i>	ser
2. <i>equação de infinito grau</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>equação de {primeiro} grau</i>	atitudes
3. <i>algebrar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>álgebra + -ar</i>	atitudes; atividades
4. <i>aguarda-factos</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>{guarda}-factos</i>	atitudes
5. <i>incorreta idade</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>idade [in-] correta</i>	relações sociais
6. <i>atarantonto</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>atarantado + tonto</i>	estados psicológicos
7. <i>idimensional</i>	adjetivo	derivação prefixal	<i>i+ dimensional</i>	atitudes
8. <i>desidosa</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>des- + idosa</i>	corpo
9. <i>desilusionista</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>des- + ilusionista</i>	atitudes
10. <i>dente prudente</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>dente {por dente} [prudente]</i>	atitudes
11. <i>renintentar</i>	verbo	cruzamento vocabular	<i>renitir + intentar</i>	atividades
12. <i>singelices</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>singelo + ice</i>	atitudes
13. <i>nenhumas-vergonhas</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>{pouca} [nenhuma] vergonha</i>	atividades
14. <i>sexogenário</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>sexo + sexagenário</i>	corpo; relações sociais
15. <i>desimportar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des- + importar</i>	atitudes
16. <i>lamentochão</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>cantochão {canto} [lamento]</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra a história de Júlio Novesfora, um idoso professor de matemática, homem muito comedido nas ações, que fazia as coisas sempre com muito método, agindo de

forma milimetricamente razoada. Certa vez, apaixonou-se por uma aluna e perdeu o tino, já não agia de forma razoada, já não valiam o método e a ponderação. Chamaram um tio seu para lhe dar conselhos, para que Júlio deixasse aquela paixão. Não adiantou, o velho homem continuou apaixonado pela menina, levava-a para a margem do mar, onde a acariciava despidoradamente na frente dos transeuntes, os quais reprovavam aquelas ações. Estava tudo bem, até o dia em que o professor acordou receoso, imaginando que a menina iria embora e o abandonaria de repente, e perdeu o sono. Passaram-se dias até que, certa vez, encontram a menina sob a sombra de um coqueiro, chorando porque o seu namorado, Júlio Novesfora, tinha ido embora, trocando-a por outra aluna mais nova.

O conto nos apresenta um importante aspecto sociocultural das relações sociais: a paixão entre duas pessoas de idades diferentes. Essa paixão é sempre malvista por uma sociedade conservadora, que considera falta de respeito e de moral da parte da pessoa mais velha, a qual, na visão do conservadorismo, é a figura da pessoa sábia, que deve servir de exemplo. Essa relação é mais fortemente rechaçada quando as pessoas envolvidas são a figura do professor e do aluno ou aluna.

O neologismo *Novesfora* é formado a partir da lexia *noves fora*, termo que indica um tipo de operação matemática. Como muito dos nomes próprios dos personagens nessa obra de Mia Couto, o signo antroponímico se acomoda muito bem ao referente que designa, pois o ser nominado é professor de matemática. O nome o descreve, então, por meio daquilo que ele exerce como profissão. O neologismo *equação de infinito grau* é formado com base na lexia *equação de primeiro/segundo grau*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação na qual um sujeito é extremamente metódico, calculista, isto é, todos os aspectos do mundo eram infinitamente calculados e ponderados por aquele sujeito.

O neologismo *algebrar* denota a ação de ponderar e fazer cálculos sobre todas as coisas do mundo. O neologismo *aguarda-factos* é formado a partir a lexia *guarda-fatos*, lexia que denota, na variedade lusitana e moçambicana, o que a lexia *guarda-roupas* denota na variedade brasileira. A unidade lexical neológica porta consigo os sentidos dessa lexia que lhe serve de base e os especializa na situação em se caracteriza um sujeito por aquilo que ele costuma fazer: aguardar os fatos, não se precipitar, agir de forma cautelosa, medida e calculada.

O neologismo *incorreta idade* é formado com base na lexia *idade correta/certa*, com inserção do prefixo *in-* e troca da ordem dos vocábulos. Dessa lexia de base, a unidade lexical neológica mantém os sentidos, especializando-os em uma situação em que, sob a perspectiva conversadora da sociedade, um idoso se apaixonou por uma menina nova, cuja idade não é a correta para aquele tipo de relação.

O neologismo *atarantonto* expressa os sentidos das lexias *atarantado* e *tonto* e denota o estado em que se encontra o professor apaixonado pela sua aluna. O neologismo *idimensional* denota uma coisa (o amor) que não pode ser medido, pois não tem dimensões. O neologismo *desidosa* é empregado para exprimir que a menina não é idosa, isto é, não tem idade para ter relação com um idoso. Vê-se novamente o emprego do prefixo *des-* para exprimir não um valor contrário à base, mas uma negação total daquilo que a base designa. O neologismo *desilusionista* é empregado para caracterizar uma situação que, tendo-se mostrado como uma ilusão, mostrar-se-á, depois, como verdadeira, desiludindo o iludido.

O neologismo *dente prudente* é formado a partir da lexia *dente por dente*, da qual leva o sentido de ‘retribuir uma ofensa na mesma medida, com a mesma intensidade’. No conto, esse sentido se especializa em uma situação na qual se sugere que, em vez de retribuir na mesma medida a paixão dada, é melhor ter prudência: “cautela, sobrinho: olho por olho, dente prudente” (COUTO, 2012, p. 95). O neologismo *renintentar* exprime os sentidos das lexias *renitir* e *intentar*, isto é, continuar insistindo. O neologismo *singelices* é empregado para exprimir que a menina respondia às perguntas do idoso falando apenas coisas bobas, simplórias.

O neologismo *nenhumas-vergonhas* é formado com base na lexia *pouca-vergonha*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação na qual se exprime que, nos atos do professor e da menina em público, não havia vergonha alguma. A substituição de *pouca* por *nenhuma* opera um acréscimo de sentido em direção à hipérbole, pois o uso do vocábulo *pouco* indica que, mesmo em pequena quantidade, ainda haveria alguma vergonha, diferentemente da lexia *nenhumas*, que denota não haver vergonhas.

O neologismo *sexogenário* resulta da fusão da lexia *sexo* na lexia *sexagenário*, somando a ela os seus sentidos. De fato, no conto, narra-se sobre um idoso (um sexagenário) que, após conhecer os prazeres da menina, passa a pensar somente em sexo. O neologismo *desimportar* denota ação de deixar de se importar. O neologismo *lamentochão* é formado com base na lexia *cantochão*, da qual leva o sentido de ‘acordes de base’, mas o especializa em uma situação na qual se descreve o choro da menina como acordes de um canto lamentoso.

4.3.17 Neologismos no conto *Joatónio, no enquanto*

Quadro 19 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Joatónio, no enquanto*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>subcorpórea</i>	adjetivo	derivação prefixal	<i>sub-</i> + <i>corpórea</i>	corpo
2. <i>outrodizendo</i>	substantivo	composição morfossintática	<i>outro</i> + <i>dizendo</i>	atividades

3. <i>antescutar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>ante-</i> + <i>escutar</i>	atividades
4. <i>medonhar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>medonho</i> + <i>-ar</i>	atividades
5. <i>derrapado</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>derrapado</i> + <i>raspado</i>	estados psicológicos
6. <i>intactável</i>	adjetivo	derivação parassintética	<i>in-</i> + <i>tactear</i> + <i>-ável</i>	estados psicológicos
7. <i>crystalinos</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>crystalinos</i> + <i>lindos</i>	corpo
8. <i>calafriada</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>calafrio</i> + <i>frígida</i>	corpo
9. <i>relações assexuais</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>relações [a-] sexuais</i>	corpo; relações sociais
10. <i>conversa afilhada</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>conversa fiada [afilhada]</i>	relações sociais
11. <i>penultimo</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>pen-</i> + <i>ultimo</i>	atividades
12. <i>roça e destroca</i>	substantivo	substituição lexical intralexical + inserção afixal intralexical	{ <i>troca</i> } [<i>roça</i>] [<i>des</i>]troca	corpo; relações sociais
13. <i>pecado imortal</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>pecado [in-] mortal</i>	corpo; relações sociais
14. <i>bacanaleira</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>bacanal</i> + <i>-eira</i>	corpo; relações sociais
15. <i>retintadinha</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>retintada</i> + <i>inha</i>	corpo
16. <i>sexo à primeira vista</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>sexo [amor] à primeira vista</i>	corpo; relações sociais
17. pronto-a-despir	substantivo	composição morfossintática	<i>pronto</i> + <i>a</i> + <i>despir</i>	corpo; relações sociais
18. manda-bátegas	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>manda-bátegas [chuva]</i>	corpo; relações sociais
19. <i>passiva idade</i>	substantivo	decomposição sublexical	<i>passividade</i>	corpo; relações sociais
20. <i>vagarinhoso</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>vagar</i> + <i>-inho</i> + <i>-oso</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto é narrado em primeira pessoa por Joãotônio, que relata em carta a um amigo como gosta de, no contato com as mulheres, ouvir-lhes a voz, não a externa, mas a interior. Ele relata como se apaixonara por Maria Zeitona, uma bela mulher, de belas carnes, com a qual ele pensava que iria provar o fogo do apetite sexual. Para sua decepção, ela era frígida. Depois de muito tentar e nada conseguir, ele entrega Maria Zeitona a uma prostituta, para que esta lhe ensine como fazer sexo. Ele escolhe Maria Mercante, a mais famosa das áreas, a qual lhe promete que fará de Maria Zeitona uma especialista em matéria de sexo. Depois de semanas, Joãotônio busca Maria Zeitona no prostíbulo e, para sua surpresa, a encontra masculinizada, com jeitos de homem, mas, mesmo assim, leva-a consigo para casa. Joãotônio conta ao amigo como, no sexo, ele passou a ocupar a posição de baixo, sendo passivo para a sua mulher e como ele, apesar de tudo, está gostando da nova situação. Por isso, agora ele é Joãotônio e Joanantônia, homem e mulher na relação. Enquanto escreve ao amigo, todavia, tem a certeza que está se despedindo do seu primeiro nome.

Deixando o sabor da sugestão sem dizer de modo explícito se Joãotônio assume o

papel de passivo em relação à proatividade da sua mulher durante o coito, mas continua sendo aquele que penetra, ou se Joãotônio assume totalmente o papel de passivo ao ponto de ser penetrado, o conto nos relata alguns aspectos socioculturais que são verdadeiros tabus em algumas sociedades conservadoras: as diferenças e as competências sexuais entre homem e mulher, o papel de passivo que cabe ao homem no ato sexual com uma mulher, a própria masculinização da mulher e a prostituição. Revela-se novamente uma reflexão sobre as identidades de gênero, dessa vez em relação a como os papéis sociais de homem e de mulher podem influenciar na relação sexual.

O neologismo *subcorpórea* designa a voz que Joãotônio gosta de ouvir: aquela de dentro do corpo, a voz interior. O neologismo *outrodizendo* significa ‘dizer de outra forma’. O neologismo *antescutar* denota o ato de escutar antes de tudo. O neologismo *medonhar* denota o ato de amedrontar, assustar. O neologismo *derraspado* designa o ato de derrapar raspando em alguma coisa, tem emprego conotativo e expressa ‘perder tempo em filosofias ou pensamentos sem fundamentos’.

O neologismo *intacteável* qualifica algo que não pode ser tocado, o qual não se pode tatear. Deve-se considerar a presença da letra <c> como um resquício da forma antiga da palavra *tato*, que se grafava como *tacto*. O neologismo *crystalindos* qualifica os olhos de Maria Zeitona com os sentidos das duas lexias fundidas: *crystalinos* e *lindos*. O neologismo *calafrígida* designa como era o comportamento sexual de Maria Zeitona: frígida como calafrios. O neologismo *relações assexuais* é formado com base na lexia *relações sexuais*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação na qual, devido à falta de apetite sexual da companheira, as relações não se consumavam em sexo propriamente.

O neologismo *conversa afilhada* é formado tendo como base a *lexia conversa fiada*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação na qual a conversa entre dois interlocutores é tão íntima que passa ser entendida como um membro da família, mas que não deixa de ser uma conversa repleta de bobagens. O neologismo *penúltimato* denota uma ameaça dada em uma penúltima ocasião, a qual é, no conto, o fato de querer mandar a companheira embora. O neologismo *roça e destroca* é formado com base na lexia *troca-troca*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação em que se descrevem os trabalhos sexuais da prostituta. O neologismo *pecado imortal* é formado com base na lexia *pecado mortal*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação em que o sexo por prazer, considerado, em uma visão conversadora, como um ato grave e ilícito, é visto, sob essa nova forma, como um pecado que sempre existirá e que nunca deixará de ser cometido; portanto, imortal.

O neologismo *bacanaleira* designa a mulher praticante e especialista em bacanais.

O neologismo *retintadinha* designa o tom de pele da prostituta. O neologismo *sexo à primeira vista* é formado com base na lexia *amor à primeira vista*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação em que, no ofício de prostitua, o sexo vem antes de qualquer tipo de afeto. O neologismo *pronto-a-despir* designa a condição de estar sempre pronto a despir-se para o ato sexual. O neologismo *manda-bátegas* é formado com base na lexia *mandachuva*¹³, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação em que a pessoa designada por esse nome exerce um controle superior àquele de uma *mandachuva*, isto é, tem poderes de dominação bem superiores à classe; esse poder é evidenciado pela palavra *bátega*, que significa ‘*chuva grossa*’, ‘*pancada de água*’.

O neologismo *passiva idade* é uma decomposição sublexical da lexia *passividade*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação na qual o sujeito, depois de uma certa idade, passa de ativo a passivo no ato sexual. O neologismo *vagarinhoso* designa o modo como João-tônio vai migrando de ativo a passivo.

4.3.18 Neologismos no conto Os olhos fechados do diabo do advogado

Quadro 20 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Os olhos fechados do diabo do advogado*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>compridar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>comprido</i> + <i>-ar</i>	atividades
2. <i>contracruzar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>contra-</i> + <i>cruzar</i>	atividades
3. <i>alma pernada</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>alma</i> { <i>penada</i> } [<i>pernada</i>]	atitudes; corpo
4. <i>empertigordo</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>empertigado</i> + <i>gordo</i>	atitudes; corpo
5. <i>ex-antigo-marido</i>	substantivo	inserção lexical intralexical	<i>ex-</i> [<i>antigo</i>] <i>marido</i>	relações sociais
6. <i>cocegosas</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>cócega</i> + <i>-osa</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra uma situação que se passa durante uma conversa entre um advogado e uma cliente, que o procura para resolver a questão do divórcio: a mulher se divorciara porque o marido roncava, mas só roncava quando estava acordado. Enquanto a mulher relata o seu problema, o advogado repara que ela usa uma roupa muito curta, que deixa suas carnes à mostra. Ela lhe conta os detalhes do relacionamento com o marido e questiona sobre como o advogado beija, afirmando que homem algum deve beijar de olhos fechado, para não perder o caminho de regresso. Ele procura desconversar, mas ela insiste e pergunta se ele costuma chorar. Impactado pela pergunta, não responde. A mulher, então, se levanta da sua cadeira e se senta à

¹³ Antes do Acordo Ortográfico de 1990, escrevia-se *manda-chuva*, daí o hífen também em *manda-bátegas*.

mesa diante do advogado. Alisando o seu rosto, ela se aninha no colo do advogado e diz que lhe ensinará como chorar todas as tristezas de uma única vez, pois “*faz muito mal chorar uma tristeza de cada vez*” (COUTO, 2012, p. 108). Entre os ensinamentos, os dois acabam se entregando ao ato sexual. Depois do ato, se abraçam e choram copiosamente, momento em que são flagrados pela secretária do advogado, que fica em choque ao ver que o advogado beijava de olhos fechados.

Nesse conto, é possível identificar aspectos socioculturais tradicionais em relação ao ato de chorar pelas dores da alma. O mote para a expressão desses aspectos é o ato sexual, o qual é apresentado como um ensinamento, uma troca de saberes entre almas, e não entre corpos.

O neologismo *compridar* designa o ato de perdurar no tempo, demorar, alongar-se. O neologismo *contracruz* designa o ato de cruzar repetidas vezes as pernas, realizado pela cliente do advogado. O neologismo *alma penada* é formado com base na lexia *alma penada*, da qual leva seus sentidos, os quais são particularizados pelo sentido que emerge da situação comunicativa, quando a cliente fala do seu marido, descrevendo-o, de forma implícita, como um homem morto da cintura para baixo, isto é, entre suas pernas, algo está morto e inválido; portanto, de forma metonímica, suas pernas são como uma *alma penada*.

O neologismo *empertigordo* é empregado pela cliente para caracterizar o seu marido: um homem altivo, empertigado e gordo. O neologismo *ex-antigo-marido* é formado com base na lexia *ex-marido*, da qual carrega os sentidos. No conto, a mulher refere-se ao marido como uma situação muito distante, empregando, com o escopo de enfatizar a distância temporal, o adjetivo *antigo*. O neologismo *cocegasas* expressa o modo como as lágrimas do advogado rolam pelo corpo da cliente, provocando cócegas.

4.3.19 Neologismos no conto A guerra dos palhaços

Quadro 21 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *A guerra dos palhaços*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>ninharice</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>ninharia</i> + <i>-ice</i>	atitudes
2. <i>desajuste de contas</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>[des-]</i> <i>ajuste de</i> <i>contas</i>	relações sociais
3. <i>na mesma desmedida</i>	locução adverbial	inserção afixal intralexical	<i>na mesma</i> <i>[des-]</i> <i>medida</i>	atitudes
4. <i>esparramorto</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>esparramado</i> + <i>morto</i>	corpo

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra as aventuras de dois palhaços que, de repente, puseram-se a discutir.

Passaram um dia inteiro discutindo, enquanto os habitantes da cidade não lhes davam atenção. No dia seguinte, depois de muita discussão, chegaram aos insultos. Os transeuntes, acreditando que se tratasse de um espetáculo, deixavam moedinhas na calçada. No terceiro dia, os insultos mudaram para agressões, e as crianças se divertiam imitando os movimentos dos saltimbancos. No quarto dia, as agressões tornaram-se mais violentas e os palhaços já exibiam, por baixo da maquiagem, o sangue que escorria. Os pais das crianças alegavam que não era coisa séria, que as crianças não se assustassem. No quinto dia, os palhaços passaram a se agredir com paus e matracas. Um transeunte foi atingido e caiu morto. A guerra dos palhaços tornou-se uma confusão generalizada. Muitas pessoas se envolveram. A notícia se espalhou, pessoas de outras localidades foram ver do que se tratava. As opiniões surgiam em diversas e acaloradas versões. Os ânimos se exaltavam e as pessoas digladiavam. Conflitos surgiam por todos os bairros da cidade. No vigésimo dia, ouviram-se tiros. A população se assustou, se armou e retrucou. Em breve, começaram os massacres. No início do mês seguinte, apenas os dois palhaços restavam vivos, com todos os habitantes da cidade caídos mortos. Os palhaços tiraram suas roupas ridículas, recolheram as moedas deixadas nas calçadas, abraçaram-se rindo e partiram em busca de uma outra cidade.

O conto narra, de forma alegórica, a intensa e cruel guerra civil que atingiu Moçambique: iniciada por duas figuras populares, que se mostram antagônicas, as querelas tornam-se, com o tempo, graves ameaças, discussões, conflitos, ataques e, por fim, quando todos já escolheram seu lado político, o massacre maior: a guerra. Com os mortos pelo chão, as duas figuras antagônicas se mostram, na verdade, íntimos e indiferentes a todos aqueles que sucumbiram lutando pelas ideias que acreditavam serem suas, mas, na verdade, não passavam de massa de manobra das potências.

O neologismo *ninharice* expressa a irrelevância do tema da discussão, valor expressivo acentuado pelo sufixo *-ice*, que porta teor pejorativo à base que designa. O neologismo *desajuste de contas* é formado com base na lexia *acerto de contas*. Como em tantas outras criações lexicais operadas por Mia Couto com o prefixo *des-* para expressar não ideia contrária, mas a negação total daquilo que a base designa, esse neologismo designa aquilo que, devido à intensidade da discussão, não era mais um ajuste, pois não havia mais como se resolver. O neologismo *na mesma desmedida*, formado com base na lexia *na mesma medida*, opera uma construção de sentidos similar à de *desajuste de contas*: a resolução do problema acontece de forma desmesurada, exagerada, com agressões e pancadaria. O neologismo *esparramorto* expressa como o transeunte atingido cai ao chão: esparramado e morto.

4.3.20 Neologismos no conto Lenda de Namarói

Quadro 22 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *Lenda de Namarói*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>desconseguir</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>conseguir</i>	atividades
2. <i>tempestanoso</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>tempestuoso</i> + <i>pantanoso</i>	natureza
3. <i>timiúdo</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>tímido</i> + <i>múdo</i>	natureza

Fonte: elaborado pelo autor.

O narrador do conto é uma mulher, cujo nome não é mencionado. Ela conta uma lenda sobre a razão de nascermos homens e mulheres, a qual diz ter recebido, em sonhos, dos antepassados. No princípio, todos os seres eram mulheres, até uma época em que apareceu um grupo de mulheres que não sabiam parir. Então, as mulheres que sabiam parir engoliram aquelas mulheres e, depois de algum tempo, deram à luz seres totalmente diferentes e nunca vistos antes: eram os homens. Envergonhados perante suas progenitoras, eles decidiram mudar de lugar, indo para o outro lado do monte Namuli.

Nesse lado, não havia fogo e, portanto, os homens comiam apenas coisas cruas. Certa noite, viram fogo do outro lado do rio, o lado em que estavam as mulheres, que sabiam fazer e preservar o fogo. O chefe dos homens, o muene, ordena a alguns homens irem buscar o fogo, mas eles não conseguem atravessar o rio de volta portando-o. Então, vai o próprio muene pegar o fogo. Na travessia, está para se afogar, quando é salvo por uma mulher, a quem confessa o desejo pelo fogo. A mulher se deita com o homem e, no fim do ato, beija-lhe o olho, com uma lágrima de sangue. É o sangue que brotou da mulher, pela consumação do ato sexual. O muene volta para o lado dos homens e lhes conta o acontecido. Aos poucos, todos acabam por visitar, um por vez, a outra margem, e acabam ficando lá. Um dia, uma mulher dá à luz um menino e os homens veem que o sangue do cordão umbilical cortado jorra como o rio que os separava das mulheres e perceberam que era o sangue que permitia que as mulheres pudessem gerar. Então, os homens decidem que querem também sangrar. Com facas afiadas, levam os rapazes para o mato e, assim, nasce a circuncisão. Terminam iludidos de que podem gerar vida, mas, no fim de tudo, apenas as mulheres podem gerar e eles acabam sempre indo à outra margem em busca da fonte do fogo.

O conto, relatando lendas tradicionais em Moçambique, apresenta um aspecto de uma sociedade antiga, que considerava a mulher a fonte de toda a existência, a qual o homem recorria não apenas para satisfazer os prazeres do seu corpo, mas também para buscar sabedoria, buscar prazeres para a alma.

O neologismo *desconseguir* expressa o ato de não conseguir, como em tantas outras construções em que o prefixo *des-* porta a noção de negação daquilo que a base designa. O neologismo *tempestuoso* descreve como se encontra o rio em maré plena: *tempestuoso* e *pantansoso*. O neologismo *timiúdo* designa as dimensões do rio no final do seu curso: pouco, tímido, miúdo.

4.3.21 Neologismos no conto *A velha engolida pela pedra*

Quadro 23 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *A velha engolida pela pedra*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>tranquilidade</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>tranquilo</i> + <i>-(it)ude</i>	estados psicológicos
2. <i>desconseguir</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>conseguir</i>	atividades
3. <i>reumasmático</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>reumático</i> + <i>asmático</i>	corpo
4. <i>tonelável</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>tonelada</i> + <i>-ável</i>	corpo
5. <i>eclatar</i>	verbo	integração	<i>éclater</i>	atividades
6. <i>voações</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>voar</i> + <i>ção</i>	atividades
7. <i>lenga-lengação</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>lenga-lenga</i> [-ção]	atividades
8. <i>cabistonto</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>cabisbaixo</i> + <i>tonto</i>	estados psicológicos
9. <i>estrelinhar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>estrelinha</i> + <i>-ar</i>	natureza
10. <i>estonteação</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>estontear</i> + <i>-ção</i>	estados psicológicos
11. <i>desarpoar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>arpoar</i>	atividades
12. <i>barafundido</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>barafunda</i> + <i>-ido</i>	estados psicológicos

Fonte: elaborado pelo autor.

O narrador desse conto se diz religioso sem religião, porque sofre da doença da poesia, mas, por isso mesmo, gosta de frequentar igrejas, locais onde pode respirar tranquilo, sonhar seus lugares em que nunca esteve. Em uma dessas visitas, chega à uma igreja de pedra crua. Contemplando as estátuas, ouve alguém chamá-lo e descobre que é uma senhora já bem idosa, a qual lhe pede ajuda para levantar-se, pois, de tanto estar ajoelhada, sua rótula colara no chão. Depois de várias tentativas sem sucesso, o narrador tenta sair para buscar ajuda, mas não consegue porque todas as pesadas portas estão fechadas e trancadas. O narrador senta-se ao lado da idosa, que continua ajoelhada no chão e dispara um falatório sem fim, sob o qual ele adormece. No dia seguinte, ele é acordado pelo padre, ao qual pergunta sobre a idosa, mas o padre o expulsa da igreja. Lá fora, imagina ver no céu um grande pássaro branco: era a idosa, que, em suas orações, rogava a Deus para que a convertesse em ave.

O conto faz uma imersão no fantástico a fim de relatar aspectos do sagrado presente na cultura moçambicana, descrevendo-o por meio das tradições religiosas do cristianismo, fé levada àquela terra pelos colonizadores portugueses.

O neologismo *tranquilidade* designa o caráter de tranquilidade existente nas igrejas. O sufixo *des-* presente no neologismo *desconseguir* transmite a ideia de negação total daquilo que base designa; desse modo, esse neologismo significa ‘*não conseguir*’. O neologismo *reumasmático* condensa em si os sentidos das lexias *reumático* e *asmático*, as quais caracterizam o estado de saúde do narrador. O neologismo *tonelável* denota uma medida de peso, o qual o narrador emprega para falar, de modo hiperbólico, da sua fraqueza derivada das enfermidades. O neologismo *eclatar* é formado com base em uma palavra de origem estrangeira: o verbo francês *éclater*, que significa ‘*explodir*’. No conto, é empregado para expressar que a porta fechou-se produzindo o rebombar de uma explosão.

O neologismo *voações* é empregado para designar a ação de voar. Note-se a capacidade criativa de empregar um sufixo que denota ação para criar um substantivo cujo sentido já é expresso por meio de outra palavra já existente na língua, o substantivo *voo*, formado por uma regressão do verbo *voar*, cuja estrutura, porém, não possui um sufixo que denota ação. O neologismo *lenga-lengação* é formado com base na lexia *lengalenga*, da qual leva os sentidos, e exprime o ato passar muito tempo fazendo lengalengas. O neologismo *cabistonto* exprime o estado em que se encontra o narrador após ser expulso da igreja pelo padre: cabisbaixo e sentindo-se um tonto, pois, não tendo encontrando a idosa ali, acredita que apenas a imaginara. O neologismo *estrelinhar* denota a ação que a luz da manhã promove na vista no narrador: o faz ver estrelinhas.

O neologismo *estonteação* denota o estado de tonturas em que se encontra o narrador. O neologismo *desarpoar* denota ação que o pássaro branco faz quando alça voo, como se fosse um arpão em velocidade. O neologismo *barafundido* denota o estado em que se encontra o narrador à visão da idosa voando como um pássaro branco: ele se sente confuso, como uma grande desordem, uma barafunda.

4.3.22 Neologismos no conto O bebedor do tempo

Quadro 24 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O bebedor do tempo*.

Neologismo	classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>desmoçar</i>	verbo	derivação parassintética	<i>des-</i> + <i>moça</i> + <i>-ar</i>	corpo
2. <i>arfixiar</i>	verbo	fusão vocabular	<i>ar</i> + <i>asfixiar</i>	arfixiar
3. <i>xidakwa</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>xidakwa</i>	ser; relações sociais
4. <i>cismandão</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>cismado</i> + <i>mandão</i>	atitudes
5. <i>complacência</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>complacência</i> + <i>ciência</i>	estados psicológicos

6. <i>boa-vindar</i>	verbo	inserção afixal intralexical	<i>boa + vinda [-ar]</i>	atividades
7. <i>intrepiduras</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>intrépido + -ura</i>	atitudes
8. <i>insabível</i>	adjetivo	derivação parassintética	<i>in- + saber + ível</i>	estados psicológicos
9. <i>a molhos vistos</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>a [molhos] {olhos} vistos</i>	estados psicológicos; corpo
10. <i>contemplativo</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>contemplar + opinativo</i>	estados psicológicos
11. <i>doutorar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>doutor + -ar</i>	atividades
12. <i>amareloso</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>amarelo + -oso</i>	corpo

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto é narrado em primeira pessoa por um sujeito que conta como encontrou, durante uma viagem de regresso à capital, um bêbado muito popular da sua terra. Caminhando pelas ruas da cidade, entra em um bar chamado A Brisa do Inferno. O homem fica lá, bebendo por um tempo, até que avista um estranho em uma mesa esbracejando e convocando atenções. Ele tenta falar com o homem, e o mandam calar a boca, porque aquele era Xidakwa e ele estava conversando e abraçando Deus. O narrador fica surpreso de encontrar ali figura tão conhecida na sua terra e tão distante dela. Quando finalmente consegue puxar conversa com Xidakwa, este lhe conta que o seu lugar é ali, naquele bar, no qual estava já há muito tempo, enquanto esperava uma certa mulher que deveria chegar a qualquer momento. O dono do bar, no começo, o repreendia, mas depois tirou vantagem do fato, pois a sua presença atraía novos clientes. Um dia, foram mulher e filhos buscá-lo, imploraram, mas dali ele não saiu. Como não pagaram a conta do bêbado, o dono do bar o deixaria dormir ali só mais uma noite e depois o expulsaria.

Naquela mesma noite, aproveitando da neblina que caíra sobre a cidade, um grupo de pistoleiros a invadiu. Iam saquear o bar, mas viram Xidakwa com algo na mão e, com medo de ser uma arma, o que na verdade era apenas uma garrafa, começaram um tiroteio. Um deles foi atingido com um tiro na testa, caindo morto, e os demais saíram em disparada. Na manhã seguinte, Xidakwa foi condecorado como herói. Boatos diziam que ele adivinhava o futuro e sabia o que não pode ser sabido, e a ele iam pessoas pedir conselhos e receitas. No dia seguinte ao encontro, o narrador vai ao bar falar com Xidakwa e não o encontra. Então, o dono do bar conta que, na noite anterior, uma mulher da cor do milho passou por ali e o arrastou para dentro do copo de cerveja. O narrador, então, pede cervejas e mais cervejas e vai ficando por ali, no bar, e quando, na hora de fechar, o dono do bar lhe pergunta quando ele iria sair, ele diz que está esperando alguém...

No conto, a figura do bêbado nos coloca diante de aspectos socioculturais de Moçambique: as relações sociais, o vício, a fé no sagrado e a mendicância. Xidakwa, dominado

pelo vício da bebida, abandona família e amigos. No local onde passa a viver, acaba sendo transformado em uma figura sagrada, com poderes sobrenaturais. Essa transformação de bêbado a pessoa importante nos parece ser uma forma eufemística de falar das transformações de pessoas que se perdem na vida em busca de aventuras, caem em vícios e, na condição de viciadas, acabam tornando-se figuras peculiares na comunidade, como o bêbado que fala sozinho ou com os objetos. Às vezes, em muitas comunidades conservadoras e tradicionais, atribui-se a essas pessoas um de dois papéis bastante antagônicos: o de louco, que não merece atenção, ou o de sábio, ao qual são dadas muitas atenções, mesmo que a comunidade não se preocupe com a sua condição de pessoa perdida, abandonada. A comunidade deseja apenas usufruir de sua sabedoria.

O neologismo *desmoçar* denota o ato de perder a mocidade, envelhecer, provocado pelo vento quente daquele local. O neologismo *arfixiar* denota a ação de se asfixiar com o ar extremamente quente daquele local. O neologismo *Xidakwa* tem origem em uma língua bantu e significa ‘*bêbado, alcoólatra, alguém que não dispensa a bebida alcoólica*’. Transformado em antropônimo no conto, o nome se acomoda bem ao referente que designa, pois se trata, de fato, de um bêbado.

O neologismo *cismandão* qualifica o sujeito por meio dos sentidos das duas lexias que se encontram cruzadas: *cismado* e *mandão*. O neologismo *complaciência* denota o modo como age o dono do bar em relação ao bêbado amigo do narrador: com complacência e razão (ciência). O neologismo *boa-vindar* denota o ato de dar boas-vindas a alguém. O neologismo *intrepidura* é empregado para designar a bravura. Note-se o recurso ao sufixo *-ura*, que forma substantivos abstratos, para denotar esse sentido quando já existe uma lexia formada com outro sufixo para expressá-lo, a lexia *intrepidez*.

O neologismo *insabível* denota aquilo que não pode ser sabido por ninguém, o mistério. O neologismo *a molhos vistos* é formado com base na lexia *a olhos vistos*, da qual leva os sentidos e se especializa em uma situação na qual o sujeito bêbado está perceptivelmente morrendo a vistas de todos, afogando-se na bebida.

O neologismo *contemplativo* expressa os sentidos das lexias *contemplativo* e *opinitivo*, que denota o estado em que se encontra o bêbado: observando a sua bebida e pensativo com suas razões. O neologismo *doutorar* denota a ação de dar um parecer realizada por um doutor. O neologismo *amareloso* qualifica a pele da mulher que arrasta o bêbado para dentro do copo.

4.3.23 Neologismos no conto O padre surdo

Quadro 25 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O padre surdo*.

Neologismo	Categoria	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>ponteirar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>ponteiro</i> + <i>-ar</i>	atividades
2. <i>cabra-surda</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>cabra cega</i> + [<i>surda</i>]	corpo; relações sociais
3. <i>coincidir</i>	verbo	derivação sufixal	<i>coincidir</i> + <i>ar</i>	atividades
4. <i>desabrotar</i>	verbo	fusão vocabular	<i>desabrochar</i> + <i>brotar</i>	natureza
5. <i>inflorescer</i>	verbo	derivação prefixal	<i>in-</i> + <i>florescer</i>	estados psicológicos
6. <i>lugarinho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>lugar</i> + <i>inho</i>	atitudes; espaço
7. <i>Vila Nenhuma</i>	substantivo	composição toponímica	<i>vila</i> + <i>nenhuma</i>	atitudes; espaço; relações sociais
8. <i>recoincidência</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>re-</i> + <i>coincidência</i>	estados psicológicos
9. <i>casinhotas</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>casinha</i> + <i>-otas</i>	atitudes, espaço; relações sociais
10. <i>imaginar</i>	verbo	fusão vocabular	<i>imaginar</i> + <i>girar</i>	estados psicológicos

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto é narrado em primeira pessoa pelo próprio padre surdo. Seu pai era português de cabelos e olhos loiros, sua mãe era negra, e ele nascera branco de pele, mas negro de alma. Não fora batizado e não entrava em igreja alguma. O narrador conta que, quando era menino, abriu um pacote que continha uma bomba, cuja explosão fizera seus ouvidos sangrarem, deixando-o surdo. Desde então, o menino perdera toda a alegria de viver. Um dia, ele pede que o pai lhe traga uma mulher para falar com ele. O pai consultava indunas e régulos, e ninguém encontrava uma mulher para a ocasião. Até que, um dia, aparece uma moça muito bonita e surda, que lhe conta onde ele pode ouvir o chilreio da água. A moça é mandada embora e, sem companhia, o narrador decide virar padre: rouba batina, cruz e se embrenha na floresta.

Chega a um pequeno espaço habitado chamado Vila Nenhuma, onde já existia uma pequena paróquia, na qual estivera, muito antes, um padre que também era surdo, de modo que os habitantes acreditavam que ser surdo era requisito para ser creditado missionário. Passando-se por padre, viveu às custas dos cuidados alheios, inventando rezas difíceis e ouvindo as confissões dos camponeses, que falavam aos berros para que ele pudesse ouvir. Certo dia, durante uma missa, ele avista o rosto da moça que um dia fora à sua casa. Descobrendo que a moça não era muda, decide contar toda a verdade aos presentes na missa. Despe-se da batina e, quando está para partir, ouve a moça pedindo-o para ficar.

De um modo geral, o conto narra a esperteza de uma pessoa que se vale da inocência de outras para conseguir seus objetivos, como fazem os líderes políticos. Discorre também sobre a fé cega das pessoas que se encantam tanto com os discursos de certos líderes que chegam ao ponto de não o desacreditar nem mesmo quando a farsa é desmascarada.

O neologismo *pontear* designa o ato de apontar o dedo, acusando. O neologismo *cabra-surda* é formado com base na lexia *cabra-cega*, da qual leva o sentido de ‘brincadeira’, que é especializado no cenário em que se trata da única brincadeira da qual uma criança surda pode participar. O neologismo *coincidir* exprime o ato de chegar por acaso em um local, como uma *coincidência*. O neologismo *desabrotar* exprime concomitantemente a ideia de duas ações: *desabrochar* e *brotar*, ambas remetendo à noção de florir, de nascer, de trazer à tona.

O neologismo *inflorescer* remete à inflorescência, termo que designa a disposição geral das flores em uma planta. No conto, designa o estado em que se encontra o menino após ver o rosto da moça, ou seja, em situação de flores, florido. O neologismo *lugarinho* designa o tamanho minúsculo do vilarejo onde o narrador chega após errar pela floresta. O neologismo *Vila Nenhuma* se caracteriza como um topônimo, cuja organização das lexias nos sugere um local tão distante e não localizado em mapa algum que é como se não existisse.

O neologismo *recoincidência* denota a repetição de um caso fortuito. O neologismo *casinhotas* designa tanto o tamanho quanto o estado precário das habitações naquele vilarejo. O neologismo *imaginar* denota duas ações concomitantes que se passam na mente do narrador: *imaginar* e *girar*, como se os seus pensamentos lhe causassem vertigem, dor de cabeça.

4.3.24 Neologismos no conto O adivinhador das mortes

Quadro 26 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O adivinhador das mortes*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>Muitetecate</i>	substantivo	<i>ex-nihilo</i>	-----	espaço
2. <i>espírito</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>espírito + -eiro</i>	atividades; imaginário
3. <i>adivinho</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>adivinhar + -eiro</i>	atividades; imaginário
4. <i>sumaruda</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>sumo + -(r)uda</i>	natureza
5. <i>adivinhista</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>adivinhar + -ista</i>	atividades; imaginário
6. <i>desconseguir</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des- + conseguir</i>	atividades
7. <i>abismalhar-se</i>	verbo	fusão vocabular	<i>abismar + malhar</i>	estados psicológicos
8. <i>recém-falecido</i>	adjetivo	substituição lexical intralexical	<i>recém + {nascido} [falecido]</i>	imaginário
9. <i>canganhiçar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>canganha + -içar</i>	atividades
10. <i>maka</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>maka</i>	relações sociais
11. <i>desenfreados</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>desenfreados + freáticos</i>	corpo; natureza
12. <i>enormecida</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>enormecer + -ida</i>	psicológico
13. <i>futurista</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>futuro + -ista</i>	atividades; imaginário
14. <i>inutensílios</i>	substantivo	fusão vocabular	<i>inútil + utensílios</i>	imaginário; tradições

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto fala sobre um sujeito que tinha poderes de adivinhar, com muita exatidão, o dia da morte de quem o consultasse. Ele tinha um método diferente de outros feiticeiros: usava duas pequenas cruces de marfim sobre os olhos dos consultados. Em Muitecate, todos encorajavam Adabo Salange a ir consultar o feiticeiro e saber o dia fatal, mas Adabo sempre rejeitava, pois gostava de viver. Certa noite, porém, sonhou que estava morto. Decidiu, então, ir consultar o adivinhador para saber o dia da sua morte no outro lado, isto é, o dia em que reviveria neste lado. Durante a sessão, o feiticeiro conta a Adabo que ele não morrerá porque já está morto. Surpreso, Adabo pergunta-lhe quando foi o dia da sua morte, e o feiticeiro lhe responde que fora na noite anterior. Zangado, Adabo sai sem pagar o serviço do feiticeiro, pois, estando morto, não teria essa obrigação. Desde esse dia, não teve mais acesso aos sonhos.

A dúvida lhe sufocava: estaria vivo ou morto? Não resistindo, voltou ao consultório do feiticeiro, onde lhe informaram que ele falecera na noite anterior. Adabo leva consigo as cruces de marfim e, no caminho de volta para casa, é surpreendido pelo vulto do feiticeiro, que lhe diz que fora buscar seus marfins. Adabo estende-lhe as mãos para entregá-los, mas as mãos do feiticeiro o agarram com força e o feiticeiro o leva consigo.

Na figura do feiticeiro que adivinha a data da morte alheia, identificamos a presença de diversos aspectos socioculturais de Moçambique, como o sagrado, a memória, a ancestralidade, a tradição, a fé e a concepção de vida e morte. A crença em feiticeiros é, de fato, um traço muito característico da cultura africana de modo geral e esse tema é recorrente em todas as obras de Mia Couto, pois o projeto literário desse autor investe em um realismo histórico, buscando uma escrita ficcional e poética da realidade do seu povo. O futuro adivinhado representa o que virá para aquela terra, para aqueles homens que a compõem; o poder do feiticeiro representa um saber adquirido, e todo saber representa a memória, a identidade do povo com as suas origens. Nesse sentido, é possível entender a figura do feiticeiro adivinhador como parte integrante daquele homem moçambicano descrito por Mia Couto no prólogo da obra, aquele que finge que está, que sonha que vai e inventa que volta.

O neologismo *Muitecate* designa um local, é, pois, um signo toponímico. A criação desse signo parece ser *ex-nihilo*, visto que o *Google Maps*, poderosa ferramenta de busca, não encontra nenhuma localidade com esse nome. O neologismo *espiriteiro* designa o feiticeiro capaz de adivinhar o futuro. Como indica o sufixo *-eiro*, atribui-se a essa capacidade um caráter de profissão, e não um dom, cuja função é falar com os espíritos.

O neologismo *sumaruda* designa a condição de uma fruta que tem muito sumo, muita polpa. O neologismo *adivinhista* designa o feiticeiro capaz de adivinhar o futuro. Como indica o sufixo *-ista*, atribui-se a essa capacidade um caráter de profissão, e não um dom, cuja

função é justamente a de adivinhar. O prefixo *des-* adjungido à base *conseguir* acrescenta a ideia de negação total daquilo que a base denota; o neologismo *desconseguir* significa, portanto, ‘*não conseguir*’. O neologismo *abismalhar-se* expressa o estado em que se encontra Adabo Salanje ao saber que estava morto: atingido com o golpe, fica abismado.

O neologismo *recém-falecido* é formado com base na lexia *recém-nascido*, da qual leva os sentidos e os especializa em uma situação na qual um sujeito morre de um lado da existência e subitamente nasce do outro lado. O neologismo *canganhiçar* denota o ato de enganar, escondendo a verdade, de forma reiterada, como indica o sufixo *-içar*. Possivelmente, o sentido deriva da ação concreta de guardar ou esconder algo em um cesto, objeto que, na variedade moçambicana, recebe o nome de *canganha*. O neologismo *maka* tem origem alóctone e significa ‘*problema delicado*’ ou ‘*conflito*’.

O neologismo *desenfreadicos* soma os sentidos das lexias *desenfreados* e *freáticos* para denotar como o calor saía do corpo de Adabo: como água que jorra sem interrupção, desenfreada. O neologismo *enormecida* caracteriza a dimensão da dúvida que consome Adabo. O neologismo *futurista* designa o feiticeiro capaz de adivinhar o futuro. Como indica o sufixo *-ista*, atribui-se a essa capacidade um caráter de profissão, e não um dom, cuja função é justamente a de adivinhar. O neologismo *inutensílios* designa os ossos de marfins que Adabo pega do feiticeiro, utensílios que, já sem utilidade, passam a ser inúteis.

4.2.25 Neologismos no conto O adeus da sombra

Quadro 27 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *O adeus da sombra*.

Neologismo	classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>desmadrugar-se</i>	verbo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>madrugar-se</i>	atividades
2. <i>desfundo</i>	substantivo	derivação prefixal	<i>des-</i> + <i>fundo</i>	espaço
3. <i>arfegante</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>ar</i> + <i>ofegante</i>	corpo
4. <i>bandalheiro</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>bandalho</i> + <i>-eiro</i>	atividades; relações sociais
5. <i>Nãozinha</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>não</i> + <i>-zinha</i>	identidade e memória; tradições
6. <i>curadoiras</i>	substantivo	modificação do significante	<i>curadora</i>	natureza; tradições
7. <i>ramusco</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>ramo</i> + <i>-usco</i>	natureza
8. <i>síndrome da humano deficiência adquirida</i>	substantivo	substituição lexical intralexical	<i>síndrome da</i> { <i>imuno</i> } [<i>humano</i>] <i>deficiência adquirida</i>	corpo; relações sociais
9. <i>ciências desumanas</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>ciências</i> [<i>des-</i>] <i>humanas</i>	relações sociais
10. <i>cientistas ocultos</i>	substantivo	inserção afixal intralexical	<i>ciências</i> [<i>-ista</i>] <i>ocultas</i>	relações sociais
11. <i>contrafazer</i>	verbo	composição	<i>contra-</i> + <i>fazer</i>	atividades

		morfossintática		
12. <i>moya</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>moya</i>	imaginário
13. <i>apouquinhar</i>	verbo	derivação parassintética	<i>a- + pouquinho +- ar</i>	atitudes
14. <i>estrelinhoso</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>estrelinha + -oso</i>	natureza
15. <i>destinar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>destino + -ar</i>	atividades
16. <i>após</i>	substantivo	conversão	<i>após</i>	tempo
17. <i>muti</i>	substantivo	estrangeirismo	<i>muti</i>	tradições; relações sociais
18. <i>borboletar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>borboleta + -ar</i>	atividades
19. <i>vendedeiro</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>vendedor + eiro</i>	atividades
20. <i>fulminância</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>fulminar + -ância</i>	atividades

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto, narrado em primeira pessoa, discorre sobre as aventuras do narrador em busca de uma planta cujos poderes mágicos poderia curar a doença da filha da sua vizinha. O narrador, estudioso de plantas medicinais, estava de viagem para o mato e, sabendo disso, a mulher o procura, para que ele encontre para ela uma planta miraculosa. O narrador lhe garante que voltará com a planta e parte com o seu guia, um ex-presidiário. Adentrando as matas, ele pretende ir à casa da curandeira Nãozinha de Jesus, muito experiente em plantas curadoras. Durante a viagem, os dois homens conversam e o guia conta ao narrador que fora preso por ter matado um homem para roubar o seu sopro da vida. Ele lhe conta que o assassinato fora encomendado por uma mulher que estava moribunda. No dia seguinte, encontram a curandeira, que demonstra não gostar da presença do guia, atirando contra uma árvore sagrada a sua catana, em sinal de desafio. Logo depois, o narrador troca conversas com a curandeira, que lhe conta que pessoas de fora vão sempre à mata para roubar-lhe as plantas e levá-las para vender. Os dois partem em busca da tal planta miraculosa, mas não conseguem encontrá-la. No dia seguinte, desapontado, ele vai visitar a vizinha para informar-lhe que não conseguira cumprir o que prometera. A mulher o leva ao quarto da filha, onde, inesperadamente, o guia entra e crava-lhe uma lâmina no peito. A última coisa que o narrador vê é a moça abraçando o guia, com o qual se debruça para roubarem a sua sombra.

Em um misto de realismo e de fantasia, nesse conto nos deparamos, outra vez, com o tema da tradição, desta vez, codificado no costume de se usar plantas para fins curativos, capazes de resolver graves problemas de saúde, e na figura da curandeira Nãozinha de Jesus, a qual, como grande experiente em plantas, representa a memória do povo moçambicano, uma experiência que se adquire ao longo dos anos em contato direto com as próprias plantas. Revelam, portanto, hábitos, costumes e saberes tradicionais de um povo.

O neologismo *desmadrugar-se* denota ação de acordar muito cedo, ainda sob os albores da madrugada. O neologismo *desfundos* designa os buracos que a guerra abre na terra,

onde a vida desaparece sem deixar rastros. O neologismo *arfegante* expressa em uma única lexia os sentidos das lexias *ar* e *ofegante*; exprime, então, a qualidade de uma pessoa que sofre de problemas respiratórios. O neologismo *bandalheiro* designa a pessoa que vive uma vida desonesta, uma vida de comportamento desprezível.

O neologismo *Nãozinha* poderia ser considerado um hipocorístico, devido à presença do modificador *-zinha*, o qual aparece com muita frequência em formações neológicas hipocorísticas. Contudo, não existe na tradição antroponímica de língua portuguesa o nome próprio *Não*, do qual se pudesse formar *Nãozinha*. Trata-se, nesse caso, de um signo antroponímico de fato. Apesar de ser um nome bastante sugestivo, não podemos afirmar que o signo antroponímico se acomode com razão ao referente que designa, pois o texto nos dá poucas informações sobre ele.

O neologismo *curadoiras* é uma forma variante de pronúncia da palavra *curadoras*. A epêntese, isto é, o acréscimo da semivogal [j] na penúltima sílaba é um fenômeno bastante comum na fala não monitorada. A forma dessa unidade lexical neológica revela, portanto, traços da oralidade, principalmente aqueles ligados aos saberes tradicionais que são transmitidos, de fato, através das narrativas orais contadas de geração em geração.

O neologismo *ramusco* designa um pequeno ramo. O neologismo *síndrome da humano deficiência adquirida* é formado com base na lexia *síndrome da imunodeficiência adquirida*, da qual leva os sentidos costumeiros e os particulariza em uma situação na qual se fala de uma doença que provoca nos acometidos a indiferença às relações humanas. O neologismo *ciências desumanas* é formado com base na lexia *ciências humanas*, da qual leva os sentidos costumeiros e os particulariza em uma situação na qual se fala da proliferação de doenças que acometem não o corpo, mas as relações humanas. O neologismo *cientistas ocultos* é formado com base na lexia *ciências ocultas*, da qual leva os sentidos costumeiros e os particulariza em uma situação na qual se fala de pessoas que, mesmo estudando muito sobre determinados temas, se omitem de buscar compreender as relações sociais.

O neologismo *contrafazer* denota a ação de fazer algo para mudar o estado de uma realidade. O neologismo *moya* designa o sopro da vida. Deve-se entender como motivação para o emprego de uma palavra de origem alóctene a concepção de existência na visão dos povos moçambicanos, a qual é diferente da visão de mundo cristã portuguesa tradicional. A palavra estrangeira é empregada, portanto, para designar uma realidade que a língua portuguesa não é capaz de exprimir. O neologismo *apouquinhar* denota a ação de fazer-se de indiferente. O neologismo *destinar* denota ação de caminhar rumo a um local, a um destino. A forma consta no *corpus* de exclusão, mas com outros sentidos. O neologismo *estrelinhoso* é empregado para

designar um céu coberto de estrelas.

O neologismo *após* é empregado como um substantivo que tem o mesmo valor semântico da lexia *depois*. O neologismo *muti* é um termo de origem alóctone empregado para designar elementos da medicina tradicional, praticamente toda feita com base em plantas e árvores medicinais. No conto, em uma relação metonímica, designa o local onde vive a curandeira *Nãozinha*. O neologismo *borboletar* denota ação das folhas voarem como borboletas. É empregado para dizer, de forma indireta, que as folhas medicinais foram roubadas. O neologismo *vendedeiros* designa, de modo pejorativo, as pessoas que vendem as plantas medicinais que a floresta dá a todos de graça. O neologismo *fulminância* denota a qualidade de uma ação realizada como um raio.

4.3.26 Neologismos no conto A praça dos adeuses

Quadro 28 – Aspectos linguísticos dos neologismos no conto *A praça dos adeuses*.

Neologismo	Classe	Tipo de processo	Bases (lexias / formantes)	Campos semântico-culturais
1. <i>quinhenteiro</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>quinhenta</i> + <i>-eiro</i>	status social
2. <i>lumbração</i>	substantivo	desafixação + derivação sufixal	<i>deslumbrar</i> + <i>-ção</i>	estados psicológicos
3. <i>ultimatar</i>	verbo	derivação sufixal	<i>ultimato</i> + <i>-ar</i>	atividades
4. <i>estupefarto</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>estupefato</i> + <i>farto</i>	estados psicológicos
5. <i>praceirento</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>praceiro</i> + <i>-ento</i>	relações sociais
6. <i>raiventoso</i>	adjetivo	derivação sufixal	<i>raivento</i> + <i>-oso</i>	estados psicológicos
7. <i>embebevecer</i>	verbo	fusão vocabular	<i>embevecer</i> + <i>beber</i>	atitudes
8. <i>crepuscalado</i>	adjetivo	cruzamento vocabular	<i>crepúsculo</i> + <i>calado</i>	estados psicológicos
9. <i>entredançar</i>	verbo	derivação prefixal	<i>entre-</i> + <i>dançar</i>	atividades
10. <i>acontecência</i>	substantivo	derivação sufixal	<i>acontecer</i> - + <i>ência</i>	atividades
11. <i>inesparada</i>	adjetivo	fusão vocabular	<i>inesperada</i> + <i>parada</i>	corpo

Fonte: elaborado pelo autor.

O conto narra a história de uma grande festa que o comerciante Mohamed Pangi Patel realiza em ocasião do casamento do seu único filho, convidando gente de toda a África. A festa dura 30 dias, ao longo dos quais toda a população se alimenta com o enorme banquete oferecido às custas das despesas do velho, que permanece sentado no banco da praça, observando a felicidade de todos, pois muitos já não sentiam o tormento da fome. O filho, preocupado e com raiva de toda a despesa gasta, parte, deixando para trás o pai e a esposa, que decidira ficar com o velho até os últimos dias de sua vida, quando ele é finalmente retirado da praça, sem vida e coberto de flores.

O conto encerra a sequência de *estórias* contadas na obra, fechando-a com a

apresentação de uma grande festa durante a qual todos os povos esqueceram as suas tristezas: não havia fome, não havia lágrimas, não havia guerra, apenas felicidade. A narrativa é a expressão do mais íntimo e profundo sentimento que o homem pode ter.

Na base da formação do neologismo *quinhenteiro* está a lexia *quinhentas*, que, de acordo com o *Priberam*, designava três realidades em/de Moçambique: antiga moeda de quinhentos reis de prata, antiga moeda de cinquenta centavos de escudo, moeda de pouco valor. O neologismo *quintenheiro* designa o sujeito (o comerciante Mohamed Pangí Patel) que, tendo perdido toda a riqueza, passa a viver miseravelmente, de migalhas.

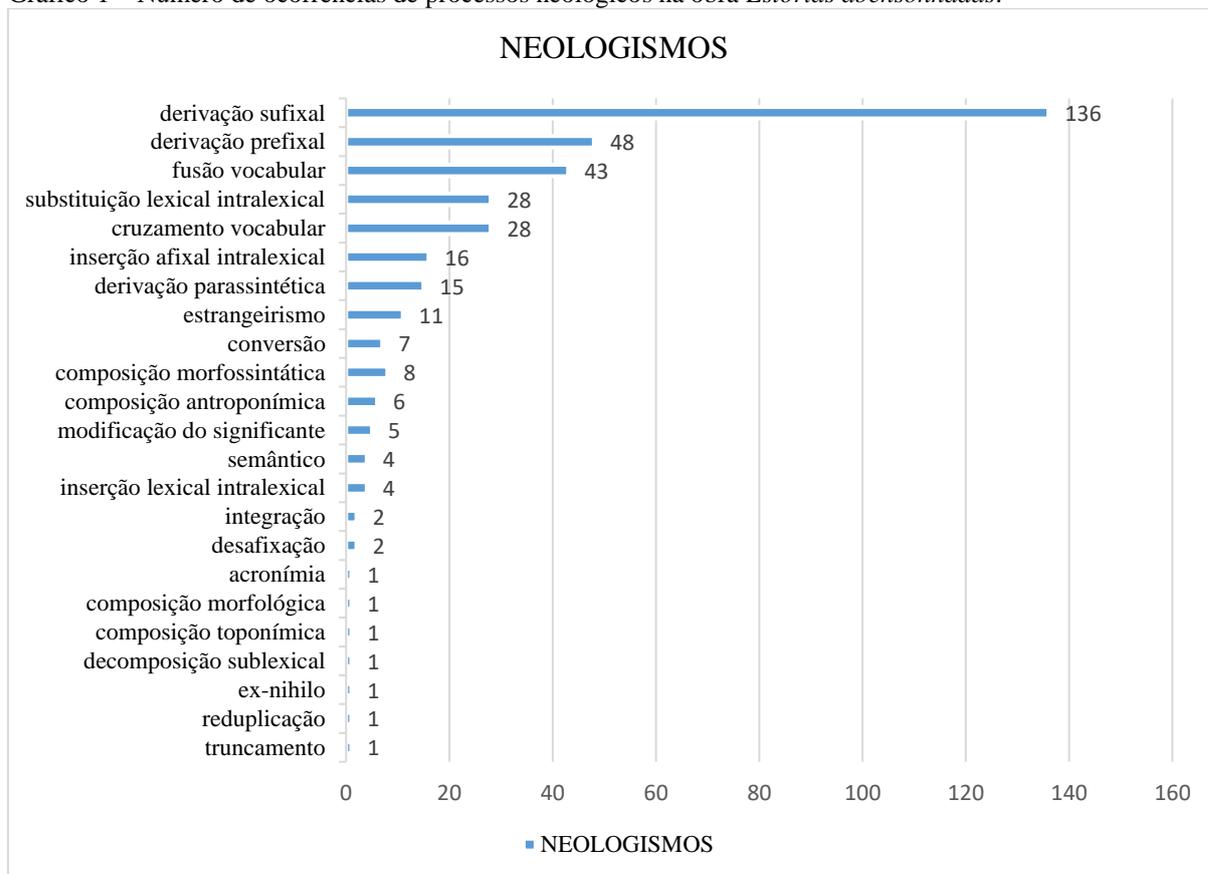
O neologismo *lumbração*, como citado em seção anterior, é formado por dois processos concomitantes: a desafixação e a derivação sufixal. Expressa o estado em que o comerciante se encontra ao observar a infindável festa que se realizava por sua conta na praça da cidade. O neologismo *ultimatar* designa o ultimato que o filho dá ao pai: encerrar a festa ou ele ir-se embora. O neologismo *estupefarto* caracteriza o estado em que o velho se encontra ao ouvir o ultimato do filho, *estupefato* e *farto* das suas queixas.

O neologismo *praceirentos* designa os participantes da festa, que, de tanto tempo que estão na praça, tornaram-se parte dela. O neologismo *raiventoso* caracteriza o estado em que se encontra o filho quando toma a decisão de partir para sempre. O verbo *embebevecer* designa o modo como a nora do velho o observava *embevecida*, ou *o bebia com o olhar*. O neologismo *crepuscalado* designa o modo como o velho encontra-se imerso em sua contemplação da felicidade dos *praceirentos*: em fim de vida (crepúsculo) e silencioso. O neologismo *entredançar* designa a ação de dançar entre mil luzinhas de insetos realizada pelo velho e a sua nora.

O neologismo *acontecência* é empregado para designar um acontecimento não esperado: a festa não era para os noivos, mas para o povo, durante a qual despira-se da pobreza, e as mães não ouviam choros dos filhos nem os homens bebiam para esquecer, mas para fruir o tempo. O neologismo *inesparada* designa a situação em que se encontra Mohamed Pangí Patel sentado no banco ao fim da longa festa: como uma repentina moldura (parada) da morte (inesperada).

4.4 Discussão sobre os resultados

Para fins de uma visualização da quantidade de neologismos detectados na obra literária *Estórias abensonhadas* e os respectivos processos de criação lexical que os produzem, segue o gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Número de ocorrências de processos neológicos na obra *Estórias abensonhadas*.

Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico evidencia que foram identificados 370 neologismos na obra, produzidos por 24 diferentes processos de criação de palavras. Na verdade, foram identificados 366 neologismos; a diferença de números se deve ao fato de algumas unidades lexicais terem sido geradas por dois ou mais processos concomitantes: *Gigito Efraim*, *roça e destroca*, *Zé Paulão* e *lumbração*. O gráfico mostra também que o processo de formação de neologismos mais produtivo na obra é, em larga escala, a derivação, comprovando, com base em Correia e Almeida (2012), que esse é o processo de neologia mais regular em língua portuguesa, responsável pela criação de muitos nomes, adjetivos, verbos e advérbios. De fato, nos textos que compõem a obra, a derivação sufixal e a derivação prefixal são responsáveis pela criação de 184 unidades lexicais: 136 por derivação sufixal e 48 por derivação prefixal. A quantidade de neologismos formados por derivação sufixal se justifica porque este é, entre todos, o processo sistematicamente mais regular.

Destaca-se, todavia, a quantidade de neologismos formados por fusão vocabular (43), por cruzamento vocabular (28) e por substituição lexical intralexical (28). Gonçalves

(2016) considera a fusão vocabular e o cruzamento vocabular dois processos marginais de formação de palavras, tanto em referência aos aspectos estruturais, pois não obedecem regras de formação que possibilitem prever o resultado das formas a partir de uma fórmula pré-estabelecida e contida no sistema, quanto em referência à sua exclusão dos compêndios gramaticais tradicionais e à quantidade ainda pouco representativa de trabalhos teóricos sobre esses processos em língua portuguesa, para os quais o autor tem dedicado boa parte do seu percurso profissional.

Alves (1990) e Correia e Almeida (2012) atribuem o termo *palavra-valise* a um processo que forma palavras por meio do cruzamento de palavras ou de parte de palavras, mas não olham de forma exaustiva e aprofundada o fenômeno, de modo que, sob o rótulo, figuram exemplos de neologismos cuja estrutura denuncia processos diferentes entre si, embora sejam semelhantes no fato de gerarem palavras formadas por pedaços de outras lexias, o que não é uma característica somente do cruzamento vocabular, pois mesmo a recomposição (GONÇALVES, 2016), também chamada *composição neoclássica* (CORREIA; ALMEIDA, 2012), é um processo que forma palavras que contêm partes de outras (por exemplo, a palavra *telessexo*, em que a forma *tele-* provém de *telefone* e não do radical grego *tele-*, que significa ‘à distância’; por isso, a lexia *telessexo* designava, até há pouco tempo, antes do advento da Internet, o sexo praticado por telefone e não o sexo à distância). O processo de inserção lexical intralexical, proposto nesta pesquisa por força das particularidades dos dados encontrados, é um processo em que, similarmente aos dois acima mencionados, acontece um tipo de intromissão de uma lexia em outras lexias.

Considerando os aspectos socioculturais de onde emerge a obra, não nos parece fortuita a ocorrência de tantas criações lexicais (101 ou 28,05%) por meio desses processos. Moçambique é “um mosaico cultural constituído por várias etnias” (EMBAIXADA DE MOÇAMBIQUE, 2011, p. 4), destacando-se pelo menos nove etnias. A diversidade linguística de Moçambique é, portanto, uma das suas principais características culturais. Para a maioria da população, principalmente no campo, estas línguas nacionais constituem a sua língua materna e a mais utilizada diariamente. No país, há pelo menos 21 línguas nacionais principais, todas de origem bantu, mais o português, que é língua oficial (GULI, 2014).

Toda essa diversidade linguística e sociocultural se encontra em um território onde as realidades se cruzam, se mesclam e se entranham. O próprio autor, em entrevistas concedidas a jornais e a programas brasileiros e em palestras realizadas em universidades brasileiras, já declarou que o seu projeto literário prevê uma literatura em que a língua é a principal ferramenta para a exposição da realidade do seu povo. Assumindo um aforisma de Liev Tolstói, que diz

“*se queres ser universal começa por pintar a tua aldeia*”, Mia Couto utiliza a língua portuguesa em suas obras para falar do seu território, da sua identidade moçambicana. Desse modo, a língua empregada em suas narrativas ficcionais está impregnada dessa mistura de etnias, dessa mistura de culturas e dessa mistura de povos, que se reflete, principalmente, no léxico, o componente linguístico responsável por falar diretamente do mundo extralinguístico, e, particularmente, em um dos recursos mais marcantes e expressivos das suas obras: os neologismos. Nesse sentido, a recorrência à fusão vocabular, ao cruzamento vocabular e à substituição lexical intralexical, processos de criação de palavras que geram palavras novas por meio da mistura de outras palavras, funciona como um espelho que reflete a realidade daquela sociedade, daquela cultura, daquele povo que emprega a língua portuguesa em suas comunicações; uma língua que, todavia, não é a sua, mas lhe foi imposta e com a qual aprendeu a conviver.

O elemento autóctone está presente nos 11 estrangeirismos empregados na obra. Essas unidades lexicais alóctones ao sistema da língua portuguesa revelam realidades de Moçambique, tantos em seus aspectos materiais (*tchova-xitaduma, mpfuvo*), quanto em seus aspectos imateriais e imaginários (*xicuembo, namwetxo moha*). O imaterial é, de fato, um elemento que fulgura em todos os contos da obra, seja na figura do sagrado, seja na figura de saberes tradicionais, devidamente rotulados por neologismos e por diversos provérbios, dos quais não nos ocupamos nesta dissertação, mas que estão lá, à espera de algum olhar investigador que lhe escrutine as formas e os sentidos. Foram detectados 15 neologismos cujos sentidos remetem ao imaginário, em suas diversas formas: o sagrado, o interdito, a fé, a religião, a tradição, os saberes etc.

A condição do homem naquele Moçambique em reconstrução está fortemente condensada nos neologismos que designam referentes humanos, particularmente os hipocorísticos, elaborados por Mia Couto. Enquanto o signo antroponímico *Novesfora* brinca com a profissão e o estilo de vida de um personagem, o hipocorístico *Zé Paulão* revela e oculta a identidade de gênero de um sujeito que, estando entre duas margens geográficas, pois ele é um português em terras moçambicanas, também se encontra entre duas margens da sua orientação sexual devido à coerção dos papéis sociais existentes naquela sociedade.

A propósito de sociedade e de relações sociais, os neologismos presentes na obra revelam diversos aspectos dessa sociedade: foram detectados 31 neologismos que remetem às relações sociais em seus diversos aspectos, como a família, a prostituição, o status social, os laços de amizade, o casamento, a traição, os amores, a guerra, a invasão etc.

A linguagem de Mia Couto também fala da grande força da natureza, presença marcante em diversos contos que compõem a obra. Os neologismos revelam não apenas

elementos da natureza, mas como o homem se posiciona perante a sua força e como se relaciona com ela. Foram detectados 37 neologismos cujos sentidos remetem à natureza em suas diversas manifestações.

Após a exposição destas últimas considerações sobre os resultados encontrados, que se somam àquelas já elaboradas ao longo de todo o capítulo, apresentar-se-á, a seguir, o capítulo com as conclusões da pesquisa retratada nesta dissertação.

4 CONCLUSÕES

Mais vale é nenhum pássaro na mão. Mas vale é ver a passarada desfraldando asas na paisagem. O céu, afinal, só foi inventado depois das aves. (COUTO, 2012, p. 152).

As particularidades e as peculiaridades das obras de Mia Couto são, há muito tempo, objeto de inúmeras pesquisas científicas. Especialmente no campo dos estudos literários, em suas diversas vertentes, como a psicológica, a social e a antropocultural, são muitos os trabalhos que tratam, entre outros temas, das questões identitárias, da tradição, da oralidade e da memória (cf. FRASÃO, 2017; REIS, 2017; GOMES, 2015; MACENO, 2015; SILVA, 2012; AGUIAR, 2009), assim como do sagrado e da transcendência (PEREIRA, 2013; CANTARELA, 2011; RIBEIRO, 2010). Também outras searas das Ciências Humanas, como a História, têm se debruçado sobre as obras de Mia Couto pelo seu inestimável valor de documentação de uma realidade histórica (cf. BRAÚNA, 2011; CAMPOS, 2009). Toda a fortuna crítica sobre Mia Couto destaca nas suas obras a presença de um emprego peculiar da linguagem, que busca experimentações nas potencialidades da língua portuguesa para a formação de um discurso literário cujo destino é a expressão de uma moçambicanidade.

A neologia e os neologismos se constituem um dos aspectos distintivos da literatura de Mia Couto, reconhecido e mencionado em todos os trabalhos. De fato, esses dois temas já foram objeto de diversas pesquisas linguísticas e, em especial, daquelas que abordam esses fenômenos linguísticos sob uma perspectiva que focaliza as formas das unidades neológicas e os processos pelos quais essas unidades são criadas. Apesar disso, uma revisão das pesquisas cujo tema são os neologismos da linguagem literária de Mia Couto apontou a ausência de trabalhos que abordem esses fenômenos linguísticos sob uma perspectiva que concilie a análise das formas a uma análise dos sentidos que essas unidades linguísticas produzem na obra, assim como dos sentidos que elas adquirem no contexto extralinguístico do qual emergem, e uma análise dos aspectos sociais, históricos e culturais que elas refletem, posto que se trata de unidades linguísticas empregadas em um discurso com um fim nitidamente traçado pelo próprio autor: a (re)construção de uma realidade moçambicana.

A pesquisa apresentada nesta dissertação teve como objetivo preencher essa lacuna detectada, colocando à frente do processo investigativo a seguinte questão: *quais são as características linguísticas e extralinguísticas – sociais, históricas e culturais – dos neologismos empregados nos textos que compõem a obra literária Estórias abensonhadas, de Mia Couto?* Este problema englobava as seguintes questões: *quais são os tipos de processos de*

formação de palavras responsáveis pela criação desses neologismos? Quais são as características linguísticas dos neologismos presentes nos textos? Os neologismos são oriundos apenas de processos endógenos ou decorrem também de processos exógenos? Quais são as referências extralinguísticas, sociais, históricas e culturais, evidenciadas pelos neologismos?

Para responder a essas perguntas, a pesquisa tratou de analisar as formas e os sentidos daqueles neologismos a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Lexicologia em acordo com as premissas da Semântica de Contextos e Cenários. O processo investigativo tratou de identificar todos os neologismos presentes na obra, classificá-los do ponto de vista de sua constituição morfológica e lexical, analisar os seus sentidos no contexto linguístico da obra e interpretar os seus sentidos na dimensão sociocultural de produção da obra, contando, para isso, com a colaboração de outros estudos linguísticos, literários, sociológicos, culturais e históricos.

Os dados coletados e analisados evidenciaram que os neologismos presentes na obra literária *Estórias abensonhadas* não estão ali com o intuito de expressar apenas uma subjetividade do enunciador em relação ao *designatum*, isto é, o produtor daquele discurso não os utiliza para veicular apenas o seu envolvimento/afastamento afetivo dos elementos objetivos da realidade. Ao contrário, os neologismos presentes naquela obra condensam em si elementos concretos e conceitos abstratos da sociedade da qual emergem, revelando, desse modo, uma realidade (re)construída a partir da integração do homem moçambicano com o contexto social, histórico e cultural no qual está inserido.

Nesse sentido, essas unidades linguísticas têm a função de apresentar ao outro um mundo que lhe é desconhecido. Nessa apresentação, a linguagem, como atividade cognoscitiva, tem papel crucial, e a língua, como um fenômeno social, torna-se um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade, um símbolo da identidade de um grupo. Assim, tanto os neologismos quanto os processos de criação dos neologismos presentes na obra refletem escolhas baseadas em experiências socioculturais, isto é, as unidades neológicas expressam temas e questões culturais e sociais.

A pesquisa apontou que 366 neologismos presentes na obra foram criados por meio de 24 diferentes processos de criação de palavras, quatro deles não contemplados na literatura especializada tradicional: a substituição lexical intralexical, a inserção afixal intralexical, a inserção lexical intralexical e a desafixação. Em relação àqueles três primeiros, cabe destacar que a proposta dessa nova tipologia não foi fortuita e muito menos um detalhe caprichoso do analista; ao contrário, foi exigida pelas características dos dados encontrados. De fato, a

necessidade dessa nova tipologia de neologismos deveu-se à atenção primordial dada aos sentidos dos neologismos, a qual percebeu que as unidades lexicais neológicas agrupadas sob aquele rótulo tipológico eram unidades lexicais compostas ou complexas formadas com base em outras unidades lexicais compostas ou complexas, das quais guardam os sentidos costumeiros e os especializam em contextos particulares de uso. Desse modo, o fator motivador para a criação daquelas unidades lexicais neológicas não era a sua forma inovadora, mas os sentidos de outras unidades do léxico. Em suma, na base do processo neológico dessas unidades, não são as formas linguísticas que revelam aquele mundo em (re)construção, mas são os próprios sentidos daquele mundo que o revelam, os quais se condensam, obviamente, naqueles signos.

Apesar disso, as formas que comportam esses sentidos podem ser compreendidas como reflexos dos fatos da realidade da qual emergem. Assim, a especialização de sentidos de um neologismo que acontece devido a um entranhamento de uma unidade lexical em outra, como ocorre no caso dos neologismos formados por fusão vocabular (43 unidades), por substituição lexical intralexical (28 unidades), por cruzamento vocabular (28 unidades), por inserção afixal intralexical (16 unidades) e por inserção lexical intralexical (4 unidades), pode ser entendido como um espelho do entranhamento de fatos socioculturais que acontecem no cenário moçambicano, como a mistura de etnias, a mistura de línguas e, nesta situação, a imposição da língua portuguesa na língua dos nativos, a qual, como língua do invasor, insere-se nos sentidos culturais daquelas comunidades, passando a funcionar, por questões políticas, como símbolo de unificação daquele povo, que, até então, encontrava-se fragmentado.

Ainda em relação à descrição dos tipos de processos de criação lexical que geram os neologismos na obra, cabe destacar o número bastante significativo de neologismos formados por derivação afixal: 136 formados por derivação sufixal, 48 formados por derivação prefixal e 15 formados por derivação parassintética, números que atestam que a derivação é o processo de criação de palavras mais regular no sistema da língua portuguesa e que a derivação sufixal é, entre todos, o processo mais produtivo da língua, fato que comprova uma das hipóteses admitidas no início da investigação: a língua portuguesa empregada nos discursos condiciona a criação de neologismos através de processos característicos, que atendem às regras de formação de palavras desta língua, conforme a literatura especializada. Essa hipótese, contudo, foi também, de certo modo, refutada, pois os dados evidenciaram que 50 neologismos foram criados por processos não característicos, não contemplados na literatura especializada tradicional: a substituição lexical intralexical (28 unidades), a inserção afixal intralexical (16 unidades), a inserção lexical intralexical (4 unidades) e a desafixação (2 unidades).

A presença de 11 neologismos que se configuram como unidades lexicais exógenas, isto é, criadas fora do sistema da língua portuguesa, confirma também uma das hipóteses iniciais de trabalho, a qual dizia que substratos de línguas de contato no cenário socio-histórico-cultural de produção do discurso literário de Mia Couto favorecem a criação de neologismos formados por processos exógenos. Conforme discutido anteriormente, o emprego dessas unidades lexicais que nascem em outra língua e em uma cultura estrangeira à cultura-mãe da língua portuguesa deve-se à necessidade de expressar uma realidade que é, de fato, desconhecida e estranha à concepção de mundo da cultura lusitana, herdeira de uma tradição greco-latina, enquanto a realidade expressa pelos estrangeirismos é legatária de tradições muito mais antigas e menos dicotômica.

Essas conclusões confirmam outra hipótese traçada no início do trabalho, aquela que diz que fatores socioculturais promovem a criação dos neologismos para dar nome a novos objetos e conceitos abstratos, e refutam a hipótese de que a denominação de novos objetos socioculturais favorece o emprego de neologismos para exprimir atitudes subjetivas em face aos fatos designados, posto que, como mencionado acima, os neologismos não são todos eles empregados para expressar uma aproximação ou um distanciamento subjetivo em relação aos elementos designados, mas são empregados para denotar realidades em (re)construção. Cabe alertar que essas duas hipóteses de trabalho foram confirmadas também pelos neologismos gerados por meio de processos endógenos. Além disso, a denominação de novos objetos socioculturais, sejam eles materiais sejam eles imateriais, também acontece por meio de neologismos endógenos, e não somente pelo material exógeno.

Em relação ao objetivo de identificar e determinar os campos semântico-culturais revelados pelos neologismos, os dados evidenciaram que os neologismos se organizam em 14 campos diferentes, cujas características foram delineadas no capítulo anterior. Cabe acrescentar que muitos neologismos presentes na obra funcionam como invólucros linguísticos para expressar sentidos que, embora compreensíveis devido à forma do signo ou ao contexto linguístico, não são comuns nem à cultura lusitana nem à cultura brasileira, e, por isso mesmo, configuram-se como marcas características da cultura moçambicana. Por este motivo, nesta pesquisa, também foram consideradas neologismos as unidades lexicais cuja característica de novidade está muito mais ligada à oralidade do que ao preenchimento de vazios semânticos, como, particularmente, os casos de modificação do significante (5 unidades), que revelam tanto a imposição da oralidade sobre a escrita como um fator de transmissão de saberes quanto a presença, naquela sociedade, da falta de escolarização e de educação formal, a qual regulariza as formas orais à grafia da norma-padrão vigente.

Porque codifica na língua o mundo extralinguístico, o léxico está em constante modificação, acompanhando as mudanças que acontecem na realidade que ele reporta. É tarefa difícil, portanto, impor um limite ao léxico e prever o que se pode ou não ser criado. Contudo, os dados coletados nos mostram que a criatividade de Mia Couto é profícua e surpreendente. Esses dados demandaram profundas reflexões e mudanças de direção ao longo do trabalho investigativo, o que nos levou a certas escolhas e ao abandono de outras, como discurremos, no início do capítulo anterior, a propósito dos neologismos que se mostraram de difícil classificação. Desse modo, a pesquisa aqui apresentada não aspira a ser a resposta final para as indagações sobre os aspectos linguísticos e socioculturais da obra de Mia Couto. Em vez disso, configura-se como uma proposta, que teve os seus êxitos, mas que também está aberta a contribuições de outros olhares perquiridores.

Espera-se que se juntem a esta pesquisa posteriores investigações que se ponham o objetivo de perscrutar e compreender o material linguístico, ideológico e socio-histórico-cultural das unidades fraseológicas que abundam na obra, como os provérbios, as expressões idiomáticas e as estruturas comparativas, as quais enriquecem a narrativa com efeitos expressivos e oferecem ao leitor a contemplação de uma realidade particular e peculiar.

Tendo concluído a análise e a discussão sobre os neologismos identificados na obra *Estórias abensonhadas*, podemos afirmar que a linguagem empregada por Mia Couto nos revela mais do que nos apresenta: é uma linguagem para revelar aquilo que o outro não sabe daquele território “*onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta*” (COUTO, 2012, p. 5).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Fátima Catarina Santos de. **Um olhar sobre a identidade moçambicana**: um estudo do romance A varanda do frangipani, de Mia Couto. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2009.
- ALINEI, Mario. I nomi dell'arcobaleno in Europa: una ricerca nel quadro dell'ALE. In: **Diacronia, sincronia e cultura**: Saggi linguistici in onore di Luigi Heilmann. Brescia: La Scuola, 1984.
- ALINEI, Mario. Arc-en-ciel. **Cartes 6-9 et Commentaire**, ALE I 1, p. 47-80, 1983.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. vol. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALVES, Ieda Maria. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006.
- ALVES, Ieda Maria. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2001, p. 25-31.
- ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 11-16, 1996.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **Alfa**, São Paulo, v. 28, suplemento, p. 119-126, 1984.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). **As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. vol. 3. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2007.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3 [s.p], 1995.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia. Terminografia, identidade científica, objetos, métodos, campos de atuação. II SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA E I ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA. *Anais....* Brasília, 1990. p. 152-158.

BASÍLIO, Margarida. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da expressividade em construções lexicais. Textos selecionados, **XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, APL, p. 201-210, 2010.

BASÍLIO, Margarida. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9-18, 2000.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexial**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. v. 2. Unesp, 2005. p. 747-757.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001, p. 131-151.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. **Palavra**. Rio de Janeiro: v. 5, 81-97, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, v.40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **Alfa**, v. 28 (supl.), p. 1-26, 1984a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, v. 28 (supl.), p. 27-43, 1984b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. **Alfa**, São Paulo, v. 28 (supl.), p.135-144, 1984c.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOULANGER, Jean-Claude. Sur l'existence des concepts de néologie et de néologisme. Propos sur un paradoxe lexical et historique. **Atas do I Congrès Internacional de Neologie de Les Lengues Romàniques- Cineo**, Barcelona: IULA-UPF, p. 31-73, 2010.

BRAÚNA, José Dércio. **Nyumba-Kaya: a delicada escrivência da nação moçambicana** na obra de Mia Couto. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-

Graduação em História, Departamento de História Social, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CABRÉ, Maria Teresa. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. **ALFA**, São Paulo, n. 50, v. 2, p. 229-250, 2006.

CABRÉ, Maria Teresa. **Observatori de Neologia**. Metodología del trabajo en neología: criterios, materiales y procesos. Papers de l'IULA, Sèrie monografies, n. 9, 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CANTARELA, Antônio Geraldo. Nomes divinamente humanos: antroponímia na obra de Mia Couto. **Teoliterária**, v. 1, n. 2, p. 116-143, 2º semestre de 2011.

CAMACHO, José Carlos Martín. La Etnolingüística como disciplina científica. Propuesta de definición y ámbitos de estudio. **Actas do XIII Congresso Internacional de Linguística Xeral**, Vigo, p. 584-591, 2018.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMPOS, Josilene Silva. **As representações da guerra civil e a construção da nação moçambicana nos romances de Mia Couto (1992 – 2000)**. 2009. f. 174. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CARDOSO, Elis de Almeida. **O léxico no discurso literário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

CARNEIRO, Leandro Vidal. Neologismos, expressividade e identidade cultural: o processo de criação de palavras em A varanda do Frangipani, de Mia Couto. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 25, 2016. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2016/neologismos-expressividade-e-identidade-cultural-o-processo-de-criacao-de-palavras-em-a-varanda-do-frangipani-de-mia-couto/>. Acesso em: 10 out. 2019.

CARVALHO, José João de. **A formação de palavras na língua portuguesa**: um estudo da fusão vocabular na obra de Mia Couto. 2008. f. 78. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.

CAVACAS, Fernanda. Mia Couto: palavra oral de sabor cotidiano/palavra escrita de saber literário. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Orgs). **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006. p. 57-73.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcelos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo,

1982.

COSERIU, Eugenio. La socio y la etnolingüística. Sus fundamentos y tareas. **Anuario de letras**, XIX, p. 5-30, 1981.

CUNHA, Cláudio de Assis da. O léxico e as unidades lexicais: revisitando a teoria. **Guavira Letras**, Três Lagoas/MS, v. 15, n. 30, p. 15-30, maio/ago. 2019.

DUARTE, Samuel Correa; FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. A luta armada em Moçambique e a construção de uma nação. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 16, n. 31, p. 121-142, 2020.

DURANTI, Alessandro. **Antropología Lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

EMBAIXADA DE MOÇAMBIQUE. **Moçambique**. (Coleção Países). Brasília, Thesaurus Editora, 2011.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. Relações possíveis entre semântica-estilística pela perspectiva da Semântica de Contextos e Cenários. **Revista Trem de Letras**, Alfenas, MG. V. 6, n.2, p. 1-16, 2019.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **A pesquisa em semântica de contextos e cenários: princípios e aspectos metodológicos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais. **Linha d'Água**, n. 25, p. 67-86, 2012.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.

FRASÃO, Anderson de Souza. **O regresso à tradição oral em Mia Couto: “A confissão da leoa” entre mitos, rituais e simbolismos**. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Arnon de Miranda. **Identidades em trânsito em romances e contos de Mia Couto**. 2015.144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formação de palavras**. Contexto: São Paulo, 2016.

GUILBERT, Louis. Théorie du néologisme. **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, n. 25, p. 9-29, 1973.

GULI, Aquima Ibrahim. **Vocabulário português de origem moçambicana**: bantuísmo na língua portuguesa. 2014. Dissertação (Mestrado Línguas, Literaturas e Culturas) – Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

MACENO, Regilane Barbosa. **Um mundo ancorado em bases instáveis**: memória e identidade em *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, 2015.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2012.

MORANT I MARCO, Ricard; DÍAZ ROJO, José Antonio. Etnolingüística. **Temarios de Humanidades. Lingüística general**, 2005. Disponível em: <www.liceus.com>. Acesso em: 10 jul. 2020.

NGOMANE, Nataniel. Entre a mágoa e o sonho... nas Estórias abensonhadas de Mia Couto. **Via Atlântica**, n. 3, p. 285-288, 1999.

NOMURA, Masa. Conceitos linguísticos de linguagem literária. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 189-204, 1996.

NUNES, Ana Margarida; COIMBRA, Rosa Lúcia. Um estudo da amálgama e do seu valor metafórico em Mia Couto. In: CANO LÓPEZ, Pablo (coord.), **Actas del VI Congreso de Lingüística General**, Madrid, Arco Libros, v. 2, Tomo 1, p.1465-1474. 2007.

NUNES, Ana Margarida Belém. A (re)utilização da prefixação em Mia Couto. **Revista de Letras da Universidade de Aveiro**, n. 19-20, p. 85-98, 2003.

PEREIRA, Regina Margaret. **A questão do Sagrado ou uma forma de pensar o romance “A varanda do Frangipani”, de Mia Couto**. 2013. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007.

REIS, Tani Gobbi. **O resgate da memória na conformação da identidade moçambicana**: reminiscências de Imani em *Mulheres de cinzas*, de Mia Couto. 2017. 95 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2017.

REY, Alain. The concept of neologism and the evolution of terminologies in individual

languages. In : REY, Alain. **Essays on terminology**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin BV, 1995, p. 63-84.

RIBEIRO, Ludmila Costa. **A cosmovisão africana da morte**: um estudo a partir do saber sagrado em Mia Couto. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROMERO, Silvana Cristina. **Léxico e sociedade**: um estudo sociolinguístico sobre os neologismos em blogs de política durante o segundo turno eleitoral de 2014. 2017. 464 f. Dissertação (Mestrado em Linguística teórica e descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SABLAYROLLES, Jean-François. La néologie aujourd’hui. In: GRUAZ, Claude. (Org.) **A la recherche du mot**: de la langue au discours. Limoges: Lambert-Lucas, 2006. pp.141-157. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00169475/document>>. Acesso em 05 jul. 2020.

SABLAYROLLES, Jean-François. Fondements théoriques des difficultés pratiques du traitement des néologismes. **Revue française de linguistique appliquée**, n.1, v. 8, p. 97-111, 2002. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2002-1-page-97.htm>. Acesso em: Acesso em 05 jul. 2020.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (Orgs.). **Linguagem, Sociedade e Discurso**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 65-84

SILVA, Luciana Morais da. **Memórias estilhaçadas**: a varanda de encontros híbridos. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUSA, Alberes dos Santos de. **Entre a resistência e a continuidade**: uma análise das tradições moçambicanas em A Varanda do Frangipani de Mia Couto. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife 2013.

SOUSA, Sandro Luís de. O campo semântico-cultural “religião e crenças” na obra de Luiz Gonzaga. **Acta Semiótica et Lingvistica**, 25, p. 13-20, 2020.

SOUSA, Sandro Luís de. **O abc do sertão**: aspectos semântico-culturais e fonéticos do português brasileiro na obra de Luiz Gonzaga. 2017. 351 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOUZA, Rejane das Neves. **Formação de palavras na língua portuguesa sob a ótica da Morfologia Distribuída**. 2014. 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

VUKOVAČ, Valerija. **Neologismo em Mia Couto**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Línguas Românicas) – Departamento de Línguas Românicas, Universidade de Zagreb, Zagreb, 2017.

ZAVAGLIA, Cláudia. Dicionário e cores. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 25-41, 2006.